

# REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES; PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

---

---

## S U M M A R I O

HISTORIA DAS MINHAS LEITURAS	Gilberto Amado . . . . .	193
O MARECHAL LABATUT NA GRÃ-COLUMBIA	Argeu Guimarães . . . . .	206
MANUEL BANDEIRA . . . . .	Mario de Andrade . . . . .	214
MAU HUMOR	Julio Scheibel . . . . .	225
MEALHAS ETYMOLOGICAS. . . . .	Francisco Luiz Pereira. . . . .	230
FACUNDO QUIROGA . . . . .	Roque Callage . . . . .	234
O SENADO FEDERAL . . . . .	Eduardo Limpo de Abreu . . . . .	239
CAPÍTULOS DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS . . . . .	Eudoro Berlink . . . . .	242
"O VIGIA DA CASA GRANDE" . . . . .	Oliveira Vianna . . . . .	246

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS  
— NOTAS DO EXTERIOR — AS CARICATURAS DO MEZ

COMP. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO  
PRAÇA DA SÊ, 34 SÃO PAULO





# Holmberg, Becht & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES  
RUA LIBERO BADARO', 169  
S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, Hew-York i Londres

Papel,  
materiaes  
para  
construcção,  
aço,  
ferro,  
Cimento  
"2 Bandeiras"  
e "Bandeira  
Sueca".

EDITORES: RUIZ HERMANOS, Madrid — FELIX ALCAN, Paris — NICOLA ZANICHELLI,  
Bolonha — WILLIAMS NORSGATE, Londres — WILLIAMS & WILKINS Co., Baltimore  
RENASCENÇA PORTUQUEZA, Porto - THE MARUZEN COMPANY, Tokio.

## "SCIENTIA"

Revista Internacional de Synthese Scientífica

Publicação mensal (Cada número 120 páginas)

Director: EUGENIO KIGNANO

É a única revista que tem verdadeiramente colaboradores em todo o mundo.

É a única revista de circulação mundial.

É a única revista de synthese e de unificação da sciencia que trata de todas as questões fundamentaes: historia das sciencias, mathematica, astronomia, geologia, physica, chimica, biologia, psychologia e sociologia.

É a única revista que por meio de investigações entre os mais eminentes sábios e escriptores de todas as nações (sobre os principios philosophicos das diferentes sciencias; sobre as mais importantes questões astronomicas e physicas do dia e especialmente sobre a relatividade; sobre a contribuição dos diferentes paises no desenvolvimento dos ramos da sciencia; sobre as maiores questões biologicas e, particularmente, sobre vitalismo; a questão social; as grandes questões excitadas da grande guerra) estuda todos os problemas fundamentaes que possam interessar aos sábios e aos intellectuaes de todo o mundo e ao mesmo tempo constitue a primeira tentativa de organização internacional do movimento philosophico e scientifico.

É a única revista que conta com a colaboração dos mais illustres sábios do mundo. Todos os fasciculos levam o nome de mais de 350 colaboradores.

Os estudos são publicados na lingua nacional de seus autores e cada caderno tem anexo um supplemento levando a tradução francesa de todos os estudos cujo original não é francês. Por isto a revista pode ser lida pelos que conhecem unicamente o francez. (Peçam exemplares gratuitos de amostra ao Secretario Geral da "Scientia", Milano, enviando a titulo de reembolso dos gastos do correio e envio, 1 peseta em sellos postaes).

Assinaturas: 100 liras italianas.

OFFICINAS DA REVISTA: Via A. Bertani, 14, MILANO (26)

Secretario Geral da Redacção: Dr. PAOLO BONETTI



## VOXOPHONE

(A grande marca brasileira)

Feitos de escolhidas madeiras do paiz e sendo nelles applicados os melhores accessorios, são **em acabamento melhor em sonoridade equal** ao mais caro aparelho estrangeiro; custam porém, quasi a metade destes, pois não são sujeitos ás grandes despezas de importação, nem á oscillação do cambio.

Venham exarainal-os, sem compromisso de compra,

na O A S A O D E O N

Rua de São Bento N. 62

# BIOTONICO FONTOURA

## FORTIFICANTE EFFICAZ

PARA

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS



Consagrado pelas maiores notabilidades medicas em virtude do valor de sua formula e da seriedade de sua fabricação, de accordo com a mais rigorosa technica scientifica, sendo o remedio indicado para todos os organismos enfraquecidos que necessitam de um reconstituente de acção rapida e segura.

## O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

### Presentes de Natal para a creançada!

DODÓCA, historia de uma boneca, de d. Dolores Barreto

A CAÇADA DA ONÇA, de Monteiro Lobato

JÉCA TATUZINHO, de Monteiro Lobato

Ilustrados por Wiese

Desde já aceitam-se pedidos.

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

PRAÇA DA SE' 34 — CAIXA, B — SÃO PAULO

# "REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

Fundador : SILVIO DE ALMEIDA

Diretor: MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

## ASSINATURA ANUAL :

CAPITAL . . . . .	30\$000
INTERIOR E ESTADOS . . . . .	32\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	3\$000

Pedido» à

**NOVA ERA, Emprêsa Editôra**

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO

# REVISTA DO BRASIL

## HISTORIA DAS MINHAS LEITURAS

DICKENS

**D**EPOIS de ter Hdo Pickwick e David Coperfield pensei ter chegado ao termo das minhas viagens dickensianas. Além disso acreditava não existir attractivo para o leitor exotico, imaginando que os demais livros fossem inglezes em excesso para a minha curiosidade e a minha sensibilidade tropicaes.

Um preconceito nascido de criticas francezas, sobretudo da incrível incompreensão de Scherer, detivera-me deante do que eu suppunha bruma espessa e informe, hostile á minha retina amiga das cores vivas e dos desenhos nítidos.

Trouxe-me um acaso ás mãos, na phase critica de uma convalescença demorada, *Dombey and Son...* Foram tres dias de completo alheamento no convivio de Mr. Toots, Florence, Paul Dombey, Captain Cuttle, Susan Cuttle, Susan Nipper sem contar Edith e sua admiravel mamãe, o major Bagstock, o terrível Carker e a immortal Mrs. Pipchin. Desde então, qualquer lazer maior que eu tivesse era certo seria dedicado a um longo vaguear através Dickens, o que importa dizer através uma profusa successão de aspectos e figuras que para sempre se encorporaram á minha memoria.

E foi *Old Curiosity Shops*, onde fulgura Dick Swiveller, com certeza a melhor creação de Dickens, ilepois de Mr. e Mrs. Micawber e Mrs. Gamp, superior até á Mantaline e foram *Nicholas Mickleby*, *Martini Chusslewits*, *Dlcaak-House*, *Oliver Twist*, *Hard-Times*, *Great Expectations* até o inacabado "The Mystery of Edwin Drood" com o seu monumental Mr. Sapsea.

Entraram para o grupo dos meus conhecimentos familiares dezenas de pessoas vivas, cujas physionomias, acções e particularidades jamais poderão ser esquecidas.

Tal é o poder de Dickens, que o homem mais occupado, que tenha a cabeça mais cheia de assumptos absorventes e variados, poderá perder a lembrança deste ou daquelle factos, desta ou daquelle pessoa da vida real; factos e pessoas da vida dickensiana trazem tal força de realidade, vincam-se de tal modo na memoria, que passados por ella nunca mais se apagarão.

Quem leu uma vez *Nicholas Nickleby* não esquecerá nunca Mantalini, quem leu *Hard-Times*, terá presente, de vez em quando, no quadro das suas visões habituaes, Bounderby.

Em caso nenhum é possível a alguém esquecer Micawber e sua mulher, ou Sam Weller, e seu patrão. Esses e muitos outros surgem inesperadamente com uma phrase característica, um gesto typico, representando-se instantaneamente ao nosso espirito a todo ensejo em que a paixão ou o instincto que elles objectivam estejam actualisados pelas circumstancias. Quem é que vê um bohemio indifferente a preoccupações de respeitabilidade social, mas sensível e bom, e não tem logo presente a figura de Swiveller?

Deante da virago ingleza com a sua ambiguidade sexual, hirta, fria, quem não recorda Miss Brass? E a proposito, como sem o querer, se exerceu sobre esse monstro a influencia da índole relativista do bohemio? Com Swiveller entrou a casa de Sampson um sopro de vida; o ar tornou-se mais leve; até a luz pareceu pou-sar, sem ficar fúnebre, no roupão sombrio de Miss Brass.

Figura christã vivendo como os lyrios, Swiveller pertence a essa familia de simples, de bemaventurados, os Toots, os Mark-Tapler, os Sam Weller, Newman Noggs, Kit, Tom Pinch, irmãos de tantos outros divinos pobres diabos, eleitos de Jesus.

Alguns destes, como Kit, Newman Noggs, Mark Tapler e Toots encarnam na sublimidade de sua devoção aos outros homens, na tocante singeleza da sua caridade a mais alta e commovente expressão do typo. Swiveller e Sam Weller, na inconsciência ingênua com que erram, juntam á bondade ardente do christão a duplicidade sem fundo dos enganadores que acabam enganados. Dahi o seu comico incomparável, superior até ao que nos suggerem as grandes figuras hilares, aos immensos bufões dickensianos, burlescos e dramaticos a um tempo, como Squeers, Crummllets, Quilp e outros.

Traço a assignalar de passagem: O mau em Dickens é quasi sempre comico.

Na sua profundeza, Dickens não toma a serio a maldade humana. Ri ruidosamente delia. Dahi o não crearmos rancor aos personagens que a symbolisam.



Quilp, por exemplo, é mau, a todo instante, sem parar. Sua crueldade é ininterrupta. E no entanto não podemos odiá-lo.

Apenas podemos rir da sua absurda neurasthenia, que elle não é mais, em substancia, do que um neurasthenico, intoxicado pelo fumo. O proprio Carker, com o seu sorriso de chagal, Uriah Help, com a sua mão gelada, não nos amedrontam.

Perdoamo-lhes o mal que fazem, vendo-os tão fracos e pobres que até do mal precisam.

\* \* \*

Mas como ia dizendo, para surpresa minha, não se encerrou em *Pickwick* e em *David Copperfield* o encanto.

A medida que ia lendo, verificava que não tinha razão de imaginar que os demais livros seriam excessivamente estranhos á minha formação intellectual e ao meu gosto.

Estou aliás hoje convencido de que nada influe menos na selecção das nossas leituras e nas inclinações do nosso coração e do nosso espirito de que essa questão de origem e da raça.

E' um preconceito sem base nenhuma na realidade pensar que haveremos sempre de apreciar mais um escriptor porque escreve em lingua parecida com a nossa e é de raça semelhante á nossa raça. Quantas vezes não nos encontramos nas paginas de autor estrangeiro, bem distante de nós pela patria e pela formação! Quantas vezes não é nelle que vamos deparar estados de alma idênticos aos de nossa alma, os quaes nunca se reflectiram nos escriptores mais proximos de nós!

E' um facto, por exemplo, no Brasil, a leitura de Dostoiewsky. Conheço innumeradas pessoas que fizeram do dia em que leram o *Crime e Castigo* uma data de sua vida. E não foram somente letrados, homens de cultura, tendo larga instrucção dos costumes dos povos. Foi gente de toda a casta, gente viajada, e gente que nunca arredou pé do Brasil, que nunca saiu de sua cidade do interior.

Livro escripto no meio da neve, por um filho das terras frigidissimas do norte, muitas vezes lido ao embalo da rede nos dias cálidos do sertão, por homens nascidos e creados nos tropicos.

E' que ao acompanhar os soffrimentos de Sónia e os da mãe e da irmã de Raskolnikoff, os do proprio Raskolnikoff, ninguém pensa somente na Rússia. Pensa na nossa pobre humanidade, tão merecedora de piedade e de perdão.

A mão que Sónia passou pela cabeça febril do desgraçado não traduziu apenas a gratidão da miséria vendo-se comprehendida e perdoada. O sorriso consolado não exprimiu apenas a sa-



tisfacção de uma alma deslumbrada, no meio do seu deserto, pelo espectáculo inesperado da sympathy de um rosto humano voltado para o seu. Expressiu a recompensa de amor da humanidade toda por sentir que a sua miséria pôde encontrar doçura em vez de castigo, e que os seus erros, os seus vícios, os seus crimes, são, porque não podem deixar de ser.

AJá, se a humanidade pudesse ser bôa, com que afan o seria! O soffrimento humano é tão universal que toda a obra de arte que o represente, será em toda parte compreendida.

O genero humano é um só, qualquer que seja a latitude em que se ache. Um homem alegre na Rússia é igual a outro homem alegre no Brasil, ou em qualquer outro ponto do planeta. A lagrima é sempre a mesma; uma gotta de agua; caia dos olhos claros de Nastazia Philippona ou das palpebras escuras de qualquer amante morena das nossas plagas. O soluço que sobe do coração humano diz no seu arquejo estertorado a mesma agonia.

Qualquer livro contendo vida, verdade, belleza, ou fazendo appello ás fontes permanentes da sensibilidade humana nos interessará sempre, venha de onde vier. O homem tem sêde de revelar-se. Viver é exprimir-se — escrevi agures.

A alma tem sua linguagem. Todo aquelle que a possui, será sempre bemvindo, o revelador, o esperado. O *Ecce Homo* não é a face do Christo: é o rosto da humanidade toda; é todo o genero humano.

Chesterton escreveu que Dickens "is as individual as the sea and as English as Nelson."

Se o facto de ser elle tão individual como o mar, isto é, tão innumeravel e rico, lhe augmenta o encanto, o facto de ser tão inglez lh'o restringirá ao leitor estrangeiro? E' um ponto a verificar. Quanto á questão de sua modernidade, da sua presença contemporânea, de sua actualidade, essa está resolvida.

Dickens é um dos mais novos escriptores modernos, dos mais actuaes, dos que mais propositos suggerem ás referencias pelos seus typos e suas figuras. Não ha escrever-se ainda hoje, na Inglaterra, ou em qualquer outro paiz, sobre o soffrimento de uma creança, ás voltas com um mau tutor, sem recordar-se David Copperfield. Não ha como imaginar um hypocrita, sem pensar em Muderstone.

Aliás, não ha escriptores velhos, salvo os maus escriptores. A obra dos gênios não envelhece. Os grandes poetas são verdes, novos hoje, como no dia em que crearam os seus poemas.

São elles aliás que fazem a novidade permanente do mundo. Homero, por exemplo, é mais moderno do que François Coppée.



Qual o poeta mais novo na Italia do que Dante? Nem D'Annunzio. Quando lemos Shakespeare, Hamlet ou Romeu e Julieta, sentimos que a vida é grande, que ha muita cousa debaixo do céu que vale a pena de ser vista. Mostrar isto é o papel da poesia.

O sol nasce todos os dias, e cada nascer do sol é um milagre.

A noite cae todas as tardes, mas cada cair da noite é um sonho.

Quantos romances modernos lemos mais de uma vez?

O *Inferno* ou o *Hamlet*, quanto mais os lemos, mais desejos temos de recommençar.

Suspeitado e tratado com todas as precauções, deve ser o homem de alguma letra que leu uma vez só *Antonio e Cleópatra* ou o episodio de *Francesca da Rimini*. Deve ser um estranho animal. Certos romances de Dickens, em sendo lidos uma vez, muitas vezes serão relidos.

Assim como os nossos amigos, que encontramos todos os dias, nos apparecem ás vezes com uma face nova trazendo um aspecto e uma significação inesperada, assim também certos personagens conhecidos de Dickens se nos revelam, em certos momentos, sob um prisma differente, trazendo na sua vida e nos seus gestos alguma cousa de interessante que nos havia escapado, uma correlação surprehendente com a realidade próxima que nos rodeia, juntando ao conjuncto quotidiano das imagens que nos cercam uma imagem inesperada que fixa a nossa attenção.

E' raro além do mais que não se encontre sempre na rua, nos salões, em todos os lugares, alguém que não se pareça por alguma cousa com um personagem de Dickens.

Não exagera Maclean Walt quando diz que "elle creou mais caracteres humanos do que qualquer outro escriptor até hoje", ainda que pareça justo admittir neste particular uma restricção para Balzac. Nem diz nada de extravagante Sidney Dark declarando: "I know his characters as I hardly know any of men and women I have met in the flesh".

E' importante do mesmo modo assignalar a proposito que elle creou não só caracteres humanos, como Micawber, Swiveller, Mrs. Gamp, Dora, Mrs. Vanders, Mrs. Michleby, mas caracteres sobre-humanos como Crummels, Mrs. Sampson, Sapsea, ou sub-humanos como Quilp, Squeers, Mrs. Ripchon, e caracteres divinos como em geral as suas donzellas, Little Neil, Agnes, etc. e a mulher do operário em *Hard-Times*; creaturas fantasticas, incríveis, absurdas ou creaturas communs, simples, monotonas, triviaes, toda a multidão viva, toda a humanidade, o que não chegou ainda a ser humanidade, e o que é mais do que humanidade.



Notou G. K. Chesterton, que "Dickens é mais um creador de mythologia do que um romancista; não creou somente homens; creou deuses também; creou Punck e Father Christmas."

Circunstancias de tempo ou de espaço não influíram sobre seus personagens, que vivem num mundo a parte que é o mundo dickensiano, universo differente. Ahi temos talvez a explicação porque sendo tão caracteristicamente inglez e tão marcadamente individual, é elle tão accessivel a qualquer leitor estrangeiro por mais estranho que seja aos costumes inglezes e ao feitio particular da gente ingleza. Quem não comprehender os seus caracteres inglezes, comprehenderá os seus caracteres humanos; quem não comprehender os seus caracteres humanos, comprehenderá os seus caracteres divinos; quem não comprehender nem estes nem aquelles comprehenderá por certo os que chamei sub-humanos, talvez por se reconhecerem nelles.

Não precisamos ser gregos para comprehender a Venus de Milo, nem precisamos ser italianos para amar Roma ou Veneza.

O martyrio de David Copperfield na casa de Murdestone, a dedicação de Pegotts arrancará lagrimas e fará chorar todo homem que seja capaz de chorar.

Se fossemos incapazes de sentir a belleza nascida em paiz estranho, bem triste poder seria o da arte.

Quem nascesse na America do Sul, ou de raça morena, jamais poderia encontrar encanto em Shakespeare, Goethe, ou Ibsen. Dante seria vedado aos homens do Norte.

A verdade, porém, é que nada disto acontece.

Se os romances de Dickens, por exemplo, fossem traduzidos em portuguez, seriam lidos pelo povo com mais prazer, entendimento e proveito do que o são muitos livros brasileiros ou portuguezes. Quasi todos os leitores brasileiros sem excepção comprehenderão mais David Copperfield do que qualquer figura de romance brasileiro; comprehenderão mais David Copperfield do que Braz Cubas, por exemplo; e soffrerão na emoção da arte, os sofrimentos verdadeiros da personagem de Dickens, como não o poderão sentir em qualquer dos livros até hoje escriptos na lingua que falíamos.

Descendo a uma esphera mais vulgar de apreciação lembremos, a proposito, que Alexandre Dumas, pae, nutriu com os seus romances, a imaginação de duas gerações de brasileiros das pequenas capitães e do interior, e que não ha brasileiro de meia illustração que não prefira, quando quer ler, simplesmente para se divertir, os *Três Mosqueteiros* a qualquer romance brasileiro, ainda dos mais interessantes como os de José de Alencar, que é o que ha de melhor em literatura brasileira.



\* \* \*

Das peculiaridades nacionaes de Dickens, nós estrangeiros recolhemos, como estrangeiros, apenas um maior conhecimento *moral* da Inglaterra, daquella *Merry England* tagarella, gesticulante e foliã; uma Inglaterra de Oberon, de Puck e de Falstaff, bem differente, em tantos aspectos de John Buli, da "impassibilidade britanica" que a tradição desfiguradora nos havia legado envolta numa confusão de lugares communs.

Com elle entendemos a significação desse adjectivo: "fundy". Dickens obriga-nos a rir com as suas personalidades humorísticas como com seus caracteres graves.

E alternando as suas grandes creações do mal e do bem, rindo, nos mostra que a virtude é mais engraçada do que o vicio, que o bem é mais interessante do que o mal.

Na literatura, isto foi e é uma grande novidade.

Do ponto de vista do pensamento, é a grande novidade dickeniana.

Que o mundo é profundamente humorístico, não ha duvida; e o grande mérito de Dickens, é que nós não rimos dos seus personagens; rimos com elles. Rimos de alguma cousa? Quasi sempre não. Rimos ã alguma cousa.

. . .

## O HUMORISMO DE DICKENS

Será Dickens um humorista? A questão implica esta outra: Que é um humorista?

Não encontro no assumpto o interesse que tantos outros por elle revelam. Um dos que primeiro o estudaram, Scherer, no seu ensaio sobre Sterne, começa dizendo que a antiguidade desconheceu o *humour*. E' admittir logo ao sentimento humano, deante da vida, uma evolução ou modificação que do meu ponto de vista me repugna admittir, não sendo o *humour*, ao meu ver, apenas uma apparencia, uma attitude meramente *formal* do espirito.

Sendo uma expressão essencial do espirito na sua comprehensão do mundo, o *humour* deve existir desde que o mundo existe. De uma maneira geral pôde dizer-se que os poemas iniciaes do pensamento humano estão cheios de humorismo.

Mas ficando mesmo na concepção de Scherer, concepção meramente litteraria, lamento não saber o grego para verificar até



que ponto Luciano de Samosata, por exemplo, era ou não humorista.

As traduções nol-o revelam, em certos diálogos, como tal, conforme a definição do proprio Scherer, para quem a estes termos se resume a concepção do *humour*: "La perception des disparates de la destinée humaine, par un homme qui ne se sépare pas lui-même de l'humanité, mais qui supporte avec bonhomie ses propres faibleses — et celles de ses chers semblables — tel est l'essence de l'humour". Acrescentando que "l'humorist en dernière analyse, est un sceptique" Scherer alargou a extensões sem bordas a sua compreensão do estranho sentimento "que a antiguidade desconheceu". Essa tolerancia deante das misérias da humanidade, continua Scherer, que o caracteriza (ao humorista) não pôde provir senão do enfraquecimento em sua alma do ideal. Elie vê bem que os nossos ridículos são ás vezes perfeitamente desculpáveis, ou occultam até virtudes, ainda que estas não deixem de ter também os seus ridículos: o que, em summa, não é compatível com uma vigorosa convicção moral. E ainda: o fim principal do humorista é divertir-se a si mesmo e aos outros; por isso elle exaggerará facilmente o genero de "plaisanterie" a que se entrega; multiplicará os contrastes e as dissonâncias; provocará o extravagante pelo extravagante; fará invenções burlescas cahirá no "equivoque" e na "bouffonerie".

Emfim "o humorista não poderá ter senão uma meia-sinceridade". Está ahi o que diz Scherer.

Essa concepção do *humour* sempre se me afigurou absurda. Relendo agora as paginas em que o famoso critico e "controversialista" a desenvolve, achei-a, de facto, excessivamente ingénua. Talvez applicada a Sterne contenha seu tanto de verdade. Mas a Swift, por exemplo?

Como poderia Scherer encontrar em Swift o homem que "ne se sépare pas lui-même de l'humanité", "qui supporte avec bonhomie ses propres faibleses et celles de ses semblables"?

Se a essencia do "humour" é constituída dessa matéria, Swift não é humorista. No entanto é o proprio Scherer quem o aquilata como tal.

Como tal é também por elle considerado Cervantes.

Meia sinceridade em Cervantes?!

Scepticismo em Cervantes?! O extravagante pelo extravagante, amor do "equivoque" em Cervantes?

Imaginações absurdas! João Paulo Richter, outro humorista, Rabelais outro humorista para o mesmo Scherer, serão apenas "buffões" ou "scepticos" cuja intenção única se reduza a divertir-se a si propios e aos outros?

Evidentemente o velho Scherer achava-se, ao engendrar tão singular theoria do humorismo, em estado de espirito idêntico ao



do dia em que escreveu que Carlyle era um medíocre prosador "e um estylista execrável" e naquelle outro em que negou a Baudelaire não só qualquer aptidão para a poesia, "qualquer sentimento do bello" como também qualquer especie de talento por limitado que fosse.

Se o pungente amor da verdade que dilacerou o duro coração de Swift, se a torva combatividade, o poder de odiar que convulsionou a alma terrível desse sombrio Coriolano do pensamento, se o character pathetico da sua misanthropia delirante, a sua intransigência dramatica com a realidade social, o seu despeito indomável, a sua brutal negação da hypocrisia; se o homem que escreveu o pamphleto sobre as creanças pobres da Irlanda com "a modesta proposição para impedir que ellas fossem pesadas aos seus paes e para que se tornassem úteis ao paiz"; se esse monstro de soffrimento, que o soffrimento, a humilhação e o desespero tornaram cruel, como a maior crueldade; se esse desafiador sarcastico de poderes e de reis, de populações e de castas é um "sceptico" apenas cujo primeiro cuidado "é divertir-se a si proprio e aos outros", brincando com a humanidade mas sem amargor; então digamos também que Attila foi tão polido como Turenne, tão doce quanto S. Francisco de Assis, e que a differença entre Caliban e Ariel não é lá tão grande assim quanto se pensa.

Se no coração de Cervantes D. Quixote nasceu apenas como uma farça innocente, cortada de invenções burlescas então é melhor dizer que imaginar, chorando, o grande e o bello em luta com o pequeno e o vulgar é um alegre frivolear de bobo para fazer rir de passagem o espectador num salão de conversa e divertimento.

Sancho Pansa será um mero palhaço, um fofo jogral de patios e de feiras nas animadas aldeias da Hespanha, sem connexão nenhuma com a vida na sua tragedia e na sua significação.

Não! Certo é justamente o contrario.

O "humour" não é apenas uma noção psychologica ou esthetica susceptível de restringir-se a uma definição ou uma analyse.

Como processo de composição literaria pôde apresentar-se sob uma feição facilmente perceptível ao leitor ou ao critico. Uma simples pagina nos revela, a essa luz, o humorista.

Mas a origem do sentimento profundo que produz o "humour" não é da mesma maneira fácil de distinguir. Denominamos "humour" cousas diversas e dessemelhantes e humoristas homens absolutamente oppostos entre si pelos sentimentos, pelas idéas, pelos gostos, por tudo. E' "humour" a alegria planturosa de Rabelais e o fúnebre crocitar de Swift; é "humour" a ansiosa tranquillidade intellectual de Richter, a tristeza hilariante de Heine e a piedade immensa de Cervantes; é "humour" o zombetear ferino de Voltaire e a risada clara de Moliere; "humour" o cândido entre-



sorrir do optimista e o escuro amargor do revoltado; é "humour", assim, a ironia e a satyra, a comedia e o drama, o trágico e o comico, o rir e o chorar; é "humour" o doloroso remorder do escarneo e a doçura agua morna do perdão; é "humour" a resignação, a acieitação, a indulgência, a tolerancia, a mansidão forçada do vencido e a tranquillidade potente do vencedor; é "humour" a esperança do mancebo partindo na primavera para a vida e é "humour" o bater do condemnado nas grades da prisão; é "humour" a satisfação abundante do afortunado dormindo na confiança do destino e é "humour" o longo olhar do leproso solitário no deserto para a caravana bulhenta e festiva que passa ao longe... Tudo isto é "humour" se o quizermos e assim se encarrega de o accentuar o proprio Scherer misturando Heine com Cervantes, Swift com Rabelais, poucas linhas depois de haver definido a essencia do "humour" e de acrescentar com a segura imponência do pedante: "On comprend le genre de plaisanterie qui en résulte: une sorte de satire sans fiel, un mélange de choses drôles et touchantes, le comique et le sentimental qui se pénétrent réciproquement".

Note-se bem a insistência: "plaisanterie... mélange de choses drôles et touchantes... le comique et le sentimental..."

Esses respeitáveis representantes "do senso moral", como Scherer, quando querem abandonar o catecismo para se aventurarem em assumptos menos esclarecidos pelos séculos adregam apparecer como tomados de uma tontura lenta em qfte tudo é somnolencia e cabeceo...

Dickens... não é, evidentemente, no sentido de Scherer um humorista, pois na verdade ninguém foi tão différente de Sterne, typo do humorismo tal como elle o comprehende.

Esse, Sterne, é um tenue raio tremulo de riso e lagrima; Dickens é um feixe colossal de todos os sentimentos humanos nas suas mil cores innumeraveis...

Se humorista é o sceptico não pôde ser humorista o homem que mais do que qualquer outro confiou no esforço humano e acreditou que o mundo podia ser salvo pelo homem.

Os caracteres que elle creou, disse Carlyle, são verdadeiros para nós porque para elle eram verdadeiros. "He laughed (acrescenta Carlyle) and wept with them, was as much elated by their fun as cast down by their grief, and brought to the considération of them a belief in their reality as well as in the influences they were meant to exercise which in every circumstances sustained him."

Eram seus livros sua propria alma, e quando essa alma era toda soffrimento os seus personagens eram todos soffrimento, e quando elle era riso, alegria, felicidade, os seus personagens eram



riso, alegria, felicidade. O poder de universalizar de Dickens é que dava grandeza a esse sofrimento e a essa alegria.

Quando David Copperfield soffria em casa de Munderstone todas as creanças do mundo soffriam com elle; fazer unanime um estado de alma — eis o poder supremo do artista. Antes de Dickens muitas creanças soffreram da brutalidade, da crueldade de paes, tutores e de mestres mas só depois de Dickens é que o soffrimento das creanças nas mãos criminosas dos mestres implacáveis, dos tutores infames e dos paes indignos se tornou objecto do cuidado e da attenção geraes.

Assim o pensamento que determina a criação na Inglaterra de um ministério da creança é o resultado remoto da obra dickensiana.

Com o seu amor ás creanças tinha Dickens um sentimento que era ampliação ou modalidade desse amor: a *sympathia* pelos pobres de espirito, e pelos pobres simplesmente, pelos fracos emfim, os primeiros, fracos de nascença, os segundos tornados fracos pela organização social contemporânea.

Bernard Shaw no seu ensaio sobre "Hard Times" que Ruskin considerava o livro "in several respects the greatest work he has written" define-o como um "definite break with the Manchester rub of Radicalism", accrescentando que elle ahi, se acha com "Karl Marx, Carlyle, Ruskin, Morris et Carpenter rising up against civilisation as a disease."

Mas Shaw, espirito dominado pela analyse, pela clareza, pela certeza, pelo senso pratico do politico — (pois Bernard Shaw é no meu entender o maior génio politico dos tempos modernos, uma especie de alegre Machiavel da fraternidade humana) — exagerou pensando que Dickens o houvesse escripto com idéas pre concebidas de reforma social.

O que parece certo é que Dickens encontrou Boun leryby, o secco, autoritario, terrivel patrão, vivo na vida, e transportou-o para o livro, fazendo-o naturalmente ainda mais vivo do que elle o era na realidade. A só existencia de Bounderby e de um operariado soffrendo debaixo da sua pata era um acontecimento dramático. Ao olhar de Dickens esse acontecimento tornou-se um possante horror, uma colossal tragedia. Mas nada indica que Dickens fosse particularmente impressionado com as dôres e lutas do operariado, em si.

Todo soffrimento humano lhe doia; era soffrimento seu. Assim também toda alegria humana o alegrava; era alegria sua. E para ser o interprete do coração humano, elle tinha a virtude de um coração sensivel como o de S. Francisco de Assis. Para elle era tão triste o soffrimento de Stephen Blackpool, o operário em luta com Bounderby como o de Nicholas em luta com Nickle-



by, como o de David com Munderstone, como o de Paul Dombey com Mrs. Pipchin, como o de Mrs. Quilp, como o de Marchioness com Miss Brass, emfim com qualquer outra expressão do soffrimento humano.

Toda injustiça o revoltava; não um genero particular de injustiça. Todo prazer lhe era grato; não apenas um genero especial de prazer: assim o dos amorosos no encantamento do amor, assim o do contador de anedotas no arrastamento da narração; assim o do vagabyndo no divagar das suas caminhadas nocturnas, <; do preguiçoso no seu lento e voluptuoso bocejar, o do sonhador no imaginar aventuras sem termo, assim o de mil maníacos inolvidáveis, que, cada um com a sua mania, de Pickwick e Edwin Drood, da primeira a ultima das suas obras, de Jingle a Mrs Sapsea, nos conduzem aos seus paraísos de contentamento e de tolice.

Mais do que qualquer outro escriptor, conheceu elle a vida dos verdadeiros pobres e comprehendeu a tragedia da quotidiana ameaça do prato vasio — disse Sidney Park. "But he never forgot the humanity an the humour (the two things are really identiul) of the life of the very poor."

A explicação está em que elle mais do que nenhum grande escriptor, foi um homem do povo, um filho da miséria. Seu pae era um pobre caixeiro, sempre atrapalhado com dividas, o verdadeiro Micawber. Desde a primeira infanda teve elle que lutar para viver, olhando de longe, com olhos famintos, para os brinquedos das outras creanças, brinquedos que elle nunca pode gosar.

Do contacto com a miséria, elle não trouxe revolta, como tantos outros; trouxe piedade; não trouxe como Wells, o nosso famoso contemporâneo, um certo desprezo mal dissimulado e certo horror pela classe e pelo meio donde veio; trouxe amor por essa classe e esse meio, desejo de trabalhar por ella e elle, fazel-os mais felizes é mais contentes. Como accentua Sidney Park, quando Dickens descreve as partidas familiares de Kenwigs, sente-se que elle tomou parte nellas; era um dos seus proprios figurantes; era talvez Nicholas Nichleby como havia sido David Copperfield, pois nem só este romance é autobiographia de Dickens, mas toda a sua obra. Como já disse, elle não ria dos pobres diabos que elle pintava, ria com elles, e isto porque, numa certa maneira, elle era um pobre diabo também, como pobre diabo sabe que o é todo homem capaz de pensar em si mesmo e ver-se a si mesmo, sem illusão.

Todos os defeitos que elles possuiam, elle sabia que os çoderia possuir também, e os teria talvez revelado na vida vivida, se a sua natureza tivesse sido feita de substancia menos resistente.



Elie não esquecia o fundo precário, cheio de lama, da sua origem humana, a vasa de peccado donde viera. Por isso a sua obra foi o mais extraordinário evangelho de fraternidade que ainda foi produzido na terra depois de S. Francisco de Assis, seu verdadeiro ancestral e seu irmão...

Esse homem não podia ser, assim, um humorista no sentido francez, um sceptico como Scherer; só se por sceptico tomarmos também S. Francisco.

Elie era o cândido creador de bondade e de alegria, o ardente e formidável reivindicador da dignidade humana imperecível no meio das nossas misérias como o espirito de Deus no coração do mundo. Tendo conservado uma alma de creança, elle poude pensar como as creanças pensam, isto é, com esperança e optimismo. Crendo não só na salvação eterna mas também na salvação terrena, isto é, no advento de um reino de paz e de ventura, elle agitou ao olhar dos homens todos um ramo guizalhante de oliveira, um pendão orvalhado de esperança, um grande cacho de bênçãos luminosas...

GILBERTO AMADO

Do livro em preparo: "Historia das Minhas Leituras".





## O MARECHAL LABATUT NA GRÃ-COLUMBIA(\*)

(1782 (\*\*)-(1849)

**C**URIOSO typo de "condottiere", o de Pedro Labatut, figura realçada ior inilludiveis qualidades e talentos, embora apresentando o contraste d'algumas tendencias menos brilhantes. Foi elle uin dos generalísimos da nossa guerra da Independencia, tendo attingido a mais alta graduação militar, por feitos de bravura que o tornam credor da nossa gratidão nacional em período historico de tanta magnitude. Mas os historiadores, por força da imparcialidade e da justiça, não podem calar sérios reparos a alguns deslises de sua conducta, muitas vezes impulsiva e cruel.

Quando chegou ao Brasil, já completo homem de guerra, ao Imperador não escapou' a conveniência de tomal-o para o commando dos nossos exercitos ardorosamente empenhados na expulsão dos últimos reinões de Madeira de Mello. Assim como contractaramos, identificados com a nossa bandeira, os chefes navaes inglezes, Cockrane, Taylor, Grenfell, Norton, Jewett, Mariath, assim também não desdenhamos, em bôa hora, a generosa coadjuvação de Labatut. Todos se portaram como guerreiros *sans tâche et sans reproche*, e do amôr a este nosso grande Brasil deixaram, além dos feitos de bravura, a perpetuidade da sua gloria continuada no sobrenome de algumas familias nobilíssimas.

A biographia de Pedro Labatut é obscura e incerta em muitos pontos Talvez por causa das lacunas e deficiências que a cercam, não se possa reformar em grande parte o juizo sobre um caudilho de tantos méritos indiscutíveis e com tantos serviços relevantes. D'elle quiçá se possa affirmar sem paradoxo que tinha os defeitos das suas qualidades. Contemporâneo de Napoleão e Bolivar, os dois derradeiros gigantes do imperialismo e da conquista, havendo servido sem desdouro junto d'elles, como commandante ou como subalterno, teve«ensejo de notar que a mola real das duas estupendas carreiras estava na ambição. Também elle, dotado de intelligencia pouco vulgar, dava largas á ambição, crente no desdobramento dos seus triumphos. D'ahi, presa d'essa tendencia moral, que tanto pode ser

(\*) Os historiadores chamam Grã-Columbia á extincta federação fundada por Bolivar com a Venezuela, o Equador e a Nova Granada, hoje Columbia ^própriamente.

(\*\*) Data provável.



abjecta como sublime, a reincidência com que resvalava em desvios de character. Foi assim que, algumas vezes, revelou-se cruel e mesmo vingativo. Encarando, porém, a sua gloriosa e fecunda vida, por mais amplo e comprehensivo prisma, é força desprezar aquellas lamentaveis cincadas, que contrastam frisantemente com as altas, claras e desassombradas virtudes do insigne marechal.

Uma fatalidade contribuiu sem duvida para augmentar as detractações aos méritos de Labatut. O inicio da sua vida militar na America foi junto de Bolivar, ao tempo em que era este também principiante. Labatut foi dos primeiros chefes de Bolivar. Por isso mesmo que eram ambos ambiciosos, o destino levou-os até á incompatibilidade. Bolivar terminou por expellir o seu adversario estrangeiro, adversario temivel porque combatia nas mesmas fileiras, e se impunha pelo seu prestigio. Extremaram-se na hostilidade pessoal, acabando o francez por perder a cartada.

Retirou-se precipitadamente da Nova-Granada e veiu ao Brasil. Mas ficára-lhe aquelle estigma da desavença com o gênio hispano-americano, cuja gloriosa indisciplina o francez não quiz approvar, mordido, quiçá, por alguma ponta de ciúme. Os historiadores hispanos, desde então, apontaram-no á execração da posteridade, como réo anti-bolivarista, como um imprudente que se atrevera a duvidar do luminoso destino do Libertador da America Hespanhola. E, no mesmo consoante, desvendaram á luz meridiana os defeitos de Labatut, implacavel perseguidor dos vencidos e ciumento rival dos vencedores. N'este mesmo anathema terrível, entretanto, não será difficil buscar attenuantes, atravez das qualidades de energia, de varonilidade, de decisão, de destemor do marechal.

Possuia elle um temperamento retrahido e concentrado, e sem duvida por isso, não revelava aos que o cercavam os precedentes da sua carreira na Columbia e na França. Despreoccupado e negligente com os detalhes da sua vida primeira, não nos legou nem mesmo o seu genethiaco. Ignora-se o millesimo do seu nascimento.

Desconhece-se o seu berço. Seria em Marselha ou em Cannes, a adoptar-se o depoimento de Rio Branco. Mas não importa esmiuçar esse topico; basta dizer que elle terçara suas primeiras armas entre os legendários soldados de Napoleão, na Hespanha. Foi um dos sustentáculos de José Bonaparte. Um bello dia, resolveu abandonar seus companheiros de armas. Naturalmente, ouvia elle, em torno dos invasores, o clamor de todo um povo brioso, que anciava por saccudir o jugo estrangeiro. Por não trahir a sua França amada, resolveu transpor os mares e vir bater ás portas do continente novo, que também começava a vibrar em nome dum ideal sacrosanto.

Cumprê, assim, enxergar nobreza nessa emigração, cem vezes resgatada no campo da honra, ao serviço de causas nobilíssimas. Labatut não abandonou as cohortes napoleónicas por moveis subalternos. O estudo integral do seu character e dos relevos da sua personalidade não permite conceito tão desfavorável e ligeiro. Poderia ter agido por ambição: não importa negal-o; importa, sim, acrescentar — por ambição de gloria.

Os chronistas parciaes que o estudam na America Hespanhola chegam, sem maior fundamento, a conclusões diversas. Não citam, porém, uma só prova do que affirmam. Formulam conjecturas gratuitas, que se devem rectificar á luz da conducta posterior do illustre chefe, quando ao serviço do exercito imperial. Alguém, depois de exaltar o valor e a clara origem de outros francezes que combateram sob as ordens de Bolivar, acrescenta que Labatut, por excepção, *no era de familia hidalga ni de hidalgos sentimentos* (\*). E ajunta ainda que só militou na guerra hispano-americana para

(\*) D. SOLEDADE ACOSTA DE SAMPER, *Bibliotheca Histórica*, Epocha da Independência, t. II, Bogotá, 1910.



adquirir fortuna, desdenhoso da gloria militar e indifferente mesmo á sorte dos columbianos. E' uma asserção demais crua, que merece reparos. O accusador não adduz provas. Em compensação, os artigos de defesa não escasseiam. O nosso Brigido, que também incrimina Labatut, affirma que elle veiu ao Rio de Janeiro com fartos cabedades, começando por adquirir propriedades immoveis. Não era, pois, um pobretão, que andasse á cata do Eldorado.

Dos mais implacaveis analysadores da figura do francez é o insigne historiador venezuelano Dom Diego de Carbonell, ministro da Venezuela no Rio de Janeiro. Renova, em recentes estudos, velhas diatribes. Labatut havia percorrido a Europa mais como aventureiro que como militar, nas hostes de Napoleão, e, manchado por condemnavéis procedimentos, e ambicioso de dinheiro, emigrou para a America, quando viu o Corso confinado na ilha d'Elba. Um dado erroneo, porque Labatut chegou á Venezuela em 1812, dois annos antes da abdicação do Imperador dos Francezes. De aventureiro chamam-no frequentemente por estas bandas, mas quantos grandes homens não revelam algo de aventura, algo de Dom Quixote, cousa que mais lhes realça posteriores triumphos? Aventureiro — *aventureur francès* — é um epitheto que não desdoura, embora não seja amavel a intenção dos historiographos que o applicam, como o chileno Barros Arana, recentemente citado em bello livro brasileiro, de Affonso d'Escragnolle Taunay (\*).

Pedro Labatut veiu a Caracas, capital da Venezuela. Encontrou-se alli com um antigo camarada, Francisco de Miranda. Quem sabe mesmo se não teriam vindo juntos l Miranda, precursor da Independencia, era um venezuelano educado em Paris, e que se celebrisara na Europa como tenente de Napoleão. Chegara a grangear os galões de general, e, mais tarde, roubou-lhe a honra insigne de ter seu nome esculpido nas pedras do Arco de Triumpho. Miranda e Labatut já eram velhos conhecidos, de modo que o primeiro não teve escrupulos em attribuir-lhe, desde logo, na Venezuela, a patente de coronel do Exercito Libertador, conferindo-lhe posição de des-taque. Labatut ganhou com isso, pois o posto de capitão era o que occupava nas fileiras napoleónicas.

Não se enganara Miranda ao confiar com tanta segurança nos méritos do seu coilega francez. Desenvolveu com brilhante êxito toda uma campanha no Estado do Magdalena, Nova-Granada, e libertou a cidade de Santa-Martha do jugo hespanhol. (6 de Janeiro de 1813). Essa campanha inicial trouxe-lhe justa fania de heroísmo. Admiraram-se sua tactica, seus golpes audaciosos, mas certos. Por outro lado, reverso da medalha, assegura-se que permittiu o saque, acobertou rapacidades, fomentou injustiças, atropelou direitos. Desgostoso com outros officiaes, deixou Santa-Martha e dirigiu-se ao porto de Carthagená.

O governo independente de Carthagená entregou-lhe o commando de uma divisão com o posto de general. O Sr. Diego Carbonell suppõe exacta a affirmnação do nosso Brigido, quando diz que Labatut trouxe da Columbia, como prova da estima que alcançara, uma patente superior, de general de brigada, e uma pensão annual de duzentas piastras. Entretanto, não tem razão. O francez, que já havia sido tenente ou capitão da guarda de Napoleão I, recebido no exercito columbiano com o posto de coronel, foi, depois da campanha de Santa-Martha, promovido a general, em 1813, pelo governo do Estado de Carthagená. A informação insophismavel se encontra em dois historiadores conspícuos, Scarpeta e Vergara, em seu *Diccionario Biographico* (\*\*).

(\*) *Grandes vultos da Independencia Brasileira* — S. Paulo — 1922. 4

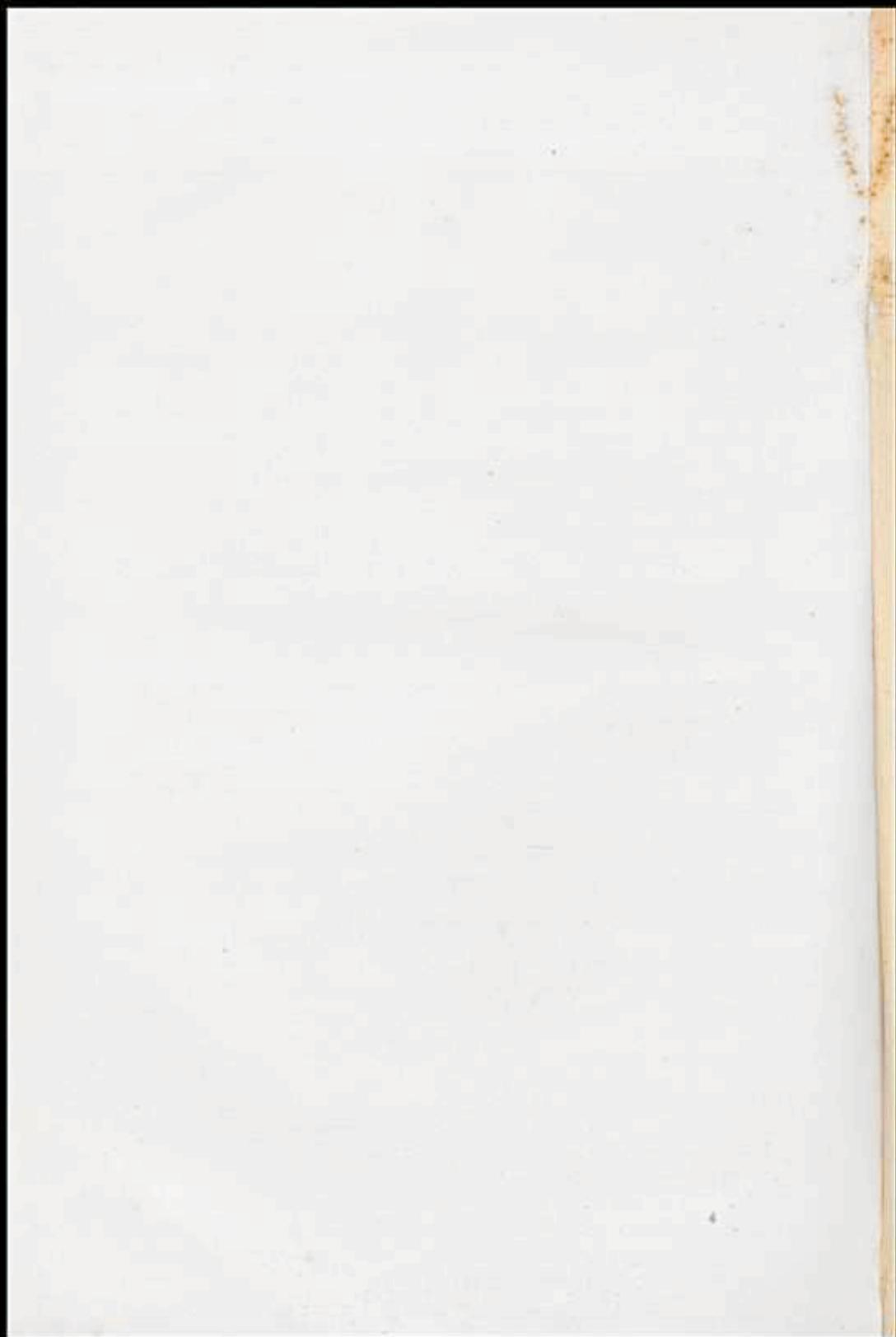
(\*\*) LEONIDAS SCARPETA E VERCARA, *Dicc. Biogr. dos Campeões da Liberdade da Nova Granada, Venezuela, Equador e Perú*, Bogotá, 1877.



GALERIA DOS EDITADOS



D. MARIA EUGENIA CELSO,  
autora de *De relance*



Importa agora reconstituir o episodio culminante da malquerença de Labatut com Bolivar. E' fácil acompanhar fielmente as narrativas do general O'Leary e outros. Quando o francez commandava uma divisão do exercito libertador, por incumbência do governo de Carthagená, Simão Bolivar offereceu-lhe seus serviços, que foram promptamente aceitos. Atribuíram-lhe o mando d'um corpo na divisão de Labatut. Por honra d'este ultimo, antes de entrar em matéria, o conspícuo O'Leary, um dos mais minuciosos historiadores da epopéa bolivariana, reconhece expressamente que "desde o principio da campanha Labatut se tinha distinguido d'uma maneira honrosa e util á Província a cujo serviço combatia, derrotando o inimigo e desalojando-o de Sitio-Nuevo, Palmar e Guaimaro, pequenas aldeias á margem do rio de la Magdalena, mas que, apesar de insignificantes, estando em mãos dos hespanhoes, interceptavam a navegação fluvial e mantinham a margem opposta em constante alarme" (\*).

Labatut, ao receber Simão Bolivar na sua divisão, não quiz confiar-lhe nenhuma tarefa importante. Não quiz contribuir para a reputação do moço tenente: tal o conceito de O'Leary. Accrescenta Briceno Mendes, historiador que também estigmatiza Labatut com o epitheto de aventureiro — que "este conhecia por demais o mérito do seu novo subalterno para não temer que elle lhe fizesse sombra" (\*\*). Bolivar partiu, assim, a commandar um pequeno destacamento, de cento e cinquenta homens, no povoado de Barranca, com instrueções severas de não se mover d'alli. Bolivar comprehendeu a mesquinha *arrière-pensée* do general em chefe, mas obedeceu promptamente á humilhante designação, não sem formar o intimo proposito de burlar-se d'aquella perfidia. "Não é das almas bem formadas (diz o exhaustivo e criterioso O'Leary) soffrer o desprezo com resignação, nem o gênio sóe amoldar-se facilmente á rigida disciplina militar" (\*\*\*). "E como para o gênio não lia posto que não sirva de degrau a outro superior" (completa Briceno Mendes) (\*\*\*\*), Bolivar aceitou a incumbência mas, logo que soube da situação do inimigo, dispoz-se a desalojar-o com o seu pequeno destacamento.

Em frente erguia-se o redueto hespanhol de Teneriffe, a desafiar os seus brios de patriota. Labatut desprezou o plano e prohibiu formalmente o inicio de qualquer ataque. Bolivar appellou para o governo da província, que o recebera com tão inequívocas sympathias. Expoz o alcance do seu projecto, que, convenientemente desenvolvido, começaria pela tomada de Teneriffe e iria até abrir communicações com a importante cidade de Mompox. O Estado de Carthagená, pelo órgão dos seus governadores, approvou integralmente o plano, confiando na intelligencia e na tenacidade de Bolivar: concedeu-lhe ampla autorisação para agir, e sobretudo deixou de comunicar a Labatut essa importante deliberação.

Bolivar jubilosamente se preparou para desferir contra o inimigo um golpe famoso. "Confiado em suas próprias forças (commenta O'Leary com toda a oportunidade) — resolveu acarretar sobre os hombros com uma enorme carga de responsabilidade, seguro de que o brilhantismo da sua intemerata empreza havia de eclipsar a immensa falta que se propunha perpetrar. Raro é o militar elevado a postos de destaque nas fileiras, que não se tenha encontrado alguma vez sob as ordens de chefes inferiores em talento, e poucos também serão aquelles que não tenham experimentado a desgraça de cair em conjunctura semelhante a esta em que a inveja e o mau caracter de Labatut collocaram Bolivar. Não faltarão, pois, entre, os milita-

(\*) *Memorias do General O'Leary*, Caracas, 1883, pgs. 97 e seguintes.

(\*\*) BRICENO MENDEZ, *apud* O'LEARY, op. cit., t. I, pg. 101.

(\*\*\*) Op. cit.

(\*\*\*\*) Op. cit.



res, os que desculpem o proceder de Bolivar, embora ninguém ouse apresental-o como paradigma, porque a desobediencia, mesmo quando coroada pelo triumpho, destróe sempre a disciplina" (\*).

Assim fala um militar distincto e correcto entre os que mais o foram: Daniel O'Leary, celebre primeiro *aide-de-camp* de Bolivar, heroe da grande guerra sul-americana, e fiel e devotado historiador do seu majestoso idolo. Importa, porém, desculpar a attitudo de Bolivar, que, desobedecendo, em vez de receber a execração do castigo, ganhou a primeira aureola de gloria. A desobediencia a Labatut, em verdade, foi o ponto de partida da mais triumphal das carreiras de guerra nas Américas, culminada no monte argenteo de Potosi, *no* Alto-Perú e illuminada pelos clarões da Liberdade.

Um pouco acima de Barranca e á margem esquerda do rio Magdalena, se situa a villa de Teneriffe, n'um promontorio que domina a corrente. Fortificados n'esse ponto de excellentes topographia, os hispanos cortavam as communicações fluviaes entre o Alto e o Baixo Magdalena. Bolivar, realisando um esforço tenaz, adextrou cerca de duzentos infantes, e, embarcando em jangadas e canoas, subiram todos, pela calada da noite, rio acima. Fez-se preceder d'um parlamentar propondo a rendição. O chefe hespanhol recusou-a com insolência. Subitamente apparece, junto ás bôccas oa artilheria inimiga, o destemido troço de valentes patriotas. A surpresa desorienta os realistas, que se retiram precipitadamente na direcção de Valle Dupar, deixando, com Teneriffe, um precioso arsenal e uma esquadilha de navios fluviaes. A estrella de Bolivar começa a palpitar em pleno fulgor. Reúne em assembléa os notáveis do logar e fal-os jurar a constituição de Carthagená, aproveitando para exhortal-os em prol da grande causa.

Sem o ponto de apoio de Teneriffe, os hespanhoes não puderam resistir em posições inferiores que mantinham mais para o interior. Bolivar foi libertando as margens do rio, e a 27 de Dezembro entrava em Mompox, recebido com jubilo e entusiasmo pela administração e os habitantes d'aquella cidade importante. Acclamaram-no commandante militar do districto. Numerosos moços ingressaram nas fileiras do commandante que seduzia pelo tom prophético das palavras. Já com um pequeno exercito e recursos novos de artilheria, Bolivar comprehendeu que era opportuno não se deter e buscou novas victorias. Com quinhentos homens, tomou as fortificações de Banco e encetou a perseguição do inimigo em retirada. Alcança-o a 1º de Janeiro de 1813 e derrota-o á vista de Chiriguana. E' o primeiro combate serio em que sae vencedor, tomando quatro barcos de guerra, duas peças de campanha e grande numero de fuzis com farta munição. Volta ao rio. Apodera-se do porto de Tamaleque. Sem resistencia, occupa a 7 de Janeiro a villa de Porto-Real. Finalmente conquista a cidade de Ocana. Termina ahi a chamada campanha do Magdalena, que reveste a maior importância, por abrir communicações com o mar para o interior da Nova-Granada.

Quando Labatut expediou ordens para a volta de Bolivar a Barranca, já estava consummado aquelle esplendido feito de guerra. De modo que o insumisso enviou ao general uma altaneira resposta, que era a narração dos seus triumphos, e, por justificar a sua conducta, argumentou allegando a vulnerabilidade da posição de Barranca, exposta aos ataques do inimigo, que, expellido das margens do rio, como tinha sido, já não constituía uma permanente ameaça para toda a provincia. Labatut não attendeu a essas razões, e, verberando sempre a indisciplina, queixou-se ao governo provincial e pediu que Bolivar fosse immediatamente submettido a conselho de guerra. Essa petição não podia ser attendida, por coherencia. Torices,

(«) Op. cit.



governador de Carthagena, que sancionara de antemão a desobediência, bateu-lhe ainda uma vez palmas.

Partiu Labatut para Carthagena, no auge da desesperação. Usou de rogos e ameaças. Debalde. Bolivar abria os humbraes da celebridade. Já não representava para o francez um simples insubmisso: era em realidade um rival victorioso. Desattendido e burlado, o general de divisão adoptou a única plausível conducta: retirar-se. Foi o que fez sem detença. Sahiu, porém, espontaneamente, como os factos estão indicando. Seu caracter rigido e irreductivel, ainda uma vez, o incompatibilisava com os companheiros d'armas. Em todos os elogios de Bolivar, como realce; inicial do seu gênio, é força indicar o nome de Labatut, primeira sombra que ridicularmente pretende tapar as fulgurações d'aquelle sol eterno. Labatut era demasiado orgulhoso (porque não dizer mesmo — pretencioso?) para comprehender, para antever a gloria immortal de quem iria libertar a maior porção da America Hespanhola.

Briceno Mendes, também severo ao julgar o francez, não deixa, contudo, de consignar o brilho do seu papel nos alvares da epopéa (\*). Esse brilho pode ser nitidamente comprovado com a synopsis dos seus combates, assim discriminados pelo citado historiographo:

<i>Data</i>	<i>Combate</i>	<i>Chefe</i>	<i>hespanhol</i>	<i>Colum- bianos</i>	<i>Hespa- nhoes</i>	<i>Resultado para Labatut</i>
7 Nov. 1812	Sitio-Nuevo	Thomaz Pacheco	.	230	250	Victoria
18 i, 1812	Guaimaro	Pedro Dominguez	.	340	400	”
12 Dez. 1812	Sto. Antonio	Idem	.	300	400	”
13 n 1812	La Cienaga	Vicente Talledo	.	300	360	»
13 „ 1812	S. João	Antonio Rebustilo	.	300	350	”
5 Março 1813	Santa-Martha	Antonio Nunez	.	365	300	ii

Dirigiu, pois, seis acções de guerra na Columbia contra os hespanhões e em todas foi vencedor. Infligiu derrota a cinco inimigos. Feitos de evidente mérito, que lhe valeram o honroso generalato de Carthagena. Era um militar que entendia do seu officio, talhado para emprezas arduas. Mesmo entre os historiadores columbianos é possível recolher claros elogios aos seus talentos bellicos. Scarpeta e Vergara lhe definem o perfil militar: "Conhecia muito bem a tactica e era um bom esquadronista, ajuntando a isso uma valentia a toda prova, grande audacia e acção resoluta em ataques de surpresa" (\*\*).

Labatut era um homem de grande estatura. Seu physico corroborava suas attitudes, vigorosas e intemeratas. Na Columbia, mais moço, apparecia aos olhos dos libertadores columbianos, no dizer de Scarpeta e Vergara, como "um homem alto, robusto, esbelto, sympathico e de grande vivacidade" — conceitos que se ajustam aos dos historiadores brasileiros citados pelo Dr. Affonso de Taunay. Segundo Maciel da Silva, era bravo, tinha perfeito conhecimento da arte militar e era reconhecidamente illustrado. Sua corpulência, nos derradeiros annos, desfavoreceu-o, como se pode inferir d'este fragmento de Brigidó: "Homem de fôrmas agigantadas, corporatura

(\*) BRICENO MENDEZ, in "*Papel Perladico Illustrado*", Bogotá, 1882.

(\*\*) Op. cit.



fôra da craveira nacional, os pés excedendo as fôrmas do paiz, a voz dissonante e a expressão bastarda d'um francez vasconso e d'um portuguez saturado de columbiano" (\*).

Aqui ficam, a serem postos nas conchas d'uma balança, os prós e os contras da interessante personalidade de Labatut. Alguns dos seus defeitos podem quiçá ser atenuados. Outros requerem condemnação inappellavel. Todavia, soffreu accusações infundadas.

Sua sahida da Columbia, á luz das fontes hauridas aqui, não foi desairoso como pretendem alguns. Não foi expulso. Retirou-se *sponte própria*, depois do desacôrdo com Bolívar e da desautoração do Estado de Carthagena, que, aliás, indirectamente, abriu mão dos seus serviços. Teria passado a Cayenna, segundo o informe de Rio-Branco, ou ás Antilhas, como querem os depoimentos columbianos. O que não parece provável é que, como diz Rio-Branco, tivesse seguido, de Cayenna (ou das Antilhas), para o Rio de Janeiro. Tendo sahido de Carthagena em começos de 1814 só chegou á Guanabara em meados de 1822. Ora, dado o temperamento irrequieto de Labatut, não é crivei que se detivesse n'aquellas insulsas terras durante oito annos. Lemos alhures, em livro granadino, que, n'esse interregno, entre a sahida da Nova-Granada e a entrada ao Brasil, o francez emprthendeu viagem á França. A suggestão para ir ao Império podia ter-lhe vindo em qualquer parte: não era forçoso que a tivesse recebido na Guyanna Franceza, occupada então pelos nossos exercitos.

O que elle fez no Brasil é bem sabido e não importa recapitular. A campanha bahiana teve n'elle um dos melhores esteios. Commandou forças muito mais numerosas e importantes do que as que tivera na Grã-Columbia. Recolheu novos louros e não experimentou derrotas. Ainda e sempre, seu character o leva a extremar-se contra algumas das mais salientes figuras de patriotas brasileiros.

Maxime o viscondé de Pirajá soffre suas injurias. Labatut deixa-se induzir pelas malévolas intrigas de Cambucy do Vale.

O resultado d'essas luetas intestinas no exercito libertador é nefasto. Madeira de Mello, vencido em vários recontros, continua firme na Capital bahiana. Labatut é deposto e preso, e ao nosso Lima e Silva compete a alta gloria do fim do sitio e da tomada do ultimo redueto do general portuguez. Labatut, submettido a conselho de guerra no Rio de Janeiro, é absolvido. De novo começa a intrometter-se na politica, e soffre vicissitudes que seria longo rememorar. Essa phase, porém, é a que mais o nobilita no Brasil, por grangear a popularidade dos nacionalistas.

E' que, na exacta expressão de Affonso de Taunay, o rancor portuguez perseguia tenazmente o vencedor de Pirajá (\*\*).

Embora prestando relevantísimos serviços até os últimos dias á causa do Império, não se podem obscurecer os deslises de Labatut com alguns eminentes patriotas, taes como os membros da casa da Torre, na Bahia. Para Labatut imperava o brocardo de que — "quem o inimigo poupa ás mãos lhe morre"; e ia mais longe, e quando sentia ciúmes por algum dos seus correligionários, entendia de vingar-se, e chegava a ser desleal e cruel. Acto característico das suas deploráveis fraquezas está na condemnação á morte do seu patricio Carlos Augusto Taunay, nas vespervas da tomada de S. Salvador, — como bem assignala o illustre Sr. Affonso d'Escragnolle Taunay, cujas informações a respeito do militar francez são as mais justas e imparciaes.

C) Apud. A. d'E Taunay, op. cit.

(\*\*) Op. cit., *passim*.



Em 1839 o Império conferia a Labatut o alto galardão militar do posto de marechal de campo. Em resumo, podia elle ostentar, como premio aos seus immensos serviço» de guerra, a alta patente de general de divisão, da Nova-Granada, a Legião de Honra, na França, e o marechalato, no Brasil. Pesam sobre sua memoria as inimizadas com Bolivar e com os Garcia da Torre d'Avila, inimizadas que foram o resultado d'um orgulho irreductivel, capaz de resvalar até á infamia. Mas, para a perennidade da nossa gratidão brasileira, bastam, á memoria de Labatut os louros immortaes de Pirajá.

Santafé-de-Bogotá, Agosto de 1924.

ARGEU GUIMARÃES





## MANUEL BANDEIRA

---

*"Poesias" de M. Bandeira—Edição da  
Revista de Língua Portuguesa. — Rio  
de Janeiro — 1924.*

**M**ANUEL Bandeira escreveu algumas obras-primas. São: Os Sapos, Canção das Lágrimas de Pierrot, Vulgívaga, Arlequinada sem a última estrofe que escangalha a impressão, Descante de Arlequim, Dama Branca, Os Sinos, Soneto, Noite Morta, Na Rua do Sabão. Além disso por todo o livro poemas e versos admiráveis.

Na vida de Manuel Bandeira só se deu um facto além de pessoal: o encontro d'ele com a tuberculose. Nos outros poetas típicos que o Brasil já teve a doença foi apenas um accidente. Pra Manuel Bandeira é uma data histórica. Nos outros a doença não diminuiu nem aumentou as características pessoais. Em Manuel ela decidiu de Manuel. Os outros foram tristes por moda, índole nacional e circunstancias de inadaptação que enfim começam a desaparecer entre nosso meio e povo. Manuel não. Nem é o que se chama um triste de verdade. Antes um solitário. Por adaptação ainda mais que por índole pessoal. Gosta da vida, eu sei. Muitíssimo. São, daria num desses vivedores que estamos acostumados a chamar de canalhas porquê praticam actos que estamos acostumados a chamar de canalhismos. Era por natureza observador. Si por acaso a doença não aparecesse seria um observador dentro da vida. Se contaria e explicaria os outros e as coisas com essa percepção centrífuga dos psicólogos que tudo observam em função da realidade exterior.

Mas...

**"veio o mau destino**

E fez de mim o que quiz".

>

descanta na Epigrafe. Manuel se retirou da vida. O observador virou contemplativo. E tudo contou em função da sua realidade interior. Aquela humidade febril da tísica se infiltrou por tudo e embolorou tudo. Um veludo silencioso amaciou a rigidez, a linha aguda, a recta crua da vida. A tuberculose pra Manuel Bandeira é que nem a campainha incessantemente sonora de certos cinemas de sessões corridas. Avisa que a gente pode entrar a qualquer hora na morte. Por isso não foi apenas motivo pra alguns versos esparsos nos poemas. E' o urucú que lhe condimentou a obra inteira. Até muito raramente o poeta conta

"Essa dor de tossir bebendo o ar fino,  
a esmorecer..." (1)

ou fala da sua "humanidade irônica de tísico" (2). Só raras vezes a alusão é muito forte, como no lancinante Madrigal Melancólico que acaba num dos gritos mais comoventes que ouvi:

"O que eu adoro em ti — lastima-me e consola-me!  
O que eu adoro em ti é a vida".

No poema Na Rua do Sabão que é das mais belas páginas da lirica nacional êle dá ao menino pobre o que de mais importante ganhou da Terra, a tísica. E a gente se põe a amar não o José da poesia mas o Manuel poeta que com impiedade inconsciente de amoroso condenou a criança. Em geral Manuel é discreto. Mas a campainha toca sem parar. E se ouve o barulho dela continuar por todas as paginas do livro.

Como a doença viesse o poeta se adaptou a ela, que é ainda a mais provavelmente vitoriosa maneira de lutar.

"... e eu sinto fibra a fibra  
Avassalar-me o ser a vontade da cura." (3)

Manuel luta dia a dia com a inimiga. Que lute faz muito bem. Mas acho que lhe deve ser grato. Foi ela que deu essa tinta inconfundível com que êle escreveu as melhores coisas do Carnaval e do Ritmo Dissoluto.

(1) Soneto a Antonio Nobre

(2) Gesso.

(3) Plenitude.



Vejam bem : si digo que a tísica forneceu a tinta não pretendo que fornecesse também a pena. Esta, já se sabe, nos poetas sinceros é talhada numa das plumas que arrancam das próprias asas.

As "Poesias" estão divididas em três partes : Cinza das Horas, Carnaval e Ritmo Dissoluto. Primeira e última se continuam. Carnaval é uma excepção. Manuel, como eu já disse, é um contemplativo. Um dia quiz se meter na pandega da vida. Mas aqui a tinta entra na dança. Foi se pintar prá festa e em vez de carnavalesco carioca, alegre, brincalhão, bom, deu em carnavalesco da amargura. A sua ironia natural se transformou em sarcasmo. Isso : Manuel é o carnavalesco da amargura. E está determinada a trajectória que andou até hoje. De primeiro estive em casa ouvindo contar pelas visitas o que se passava lá fora. : Cinza das Horas. Ao chegar o *reinado de Mórno* se pintou e saiu. Três dias de forrobodó grosso : Carnaval. Creio que se convenceu de que assim não se divertia. Voltou pra casa. Mas não escutou mais as conversas das visitas. Abriu a janella e assuntou : Ritmo Dissoluto.

A Cinza das Horas ainda não é Manuel. Fraquinho. As qualidades e os defeitos do poeta ainda não se afirmaram, não adquiriram intensidade saborosa. E' flor de laranja. Ainda não é a laranja. Convencional, meu Deus' "Eu faço versos como quem morre"... (1) Mentira! E' mentira que quem faz versos age como quem morre. Ninguém poetou jamais a se exaurir, a não ser por essa teatralidade ingenita que herdamos da nossa mãe quotidiana, a hipocrisia. Que cantos de cisne, nem nada! Passados romantismos a que uma boa ducha de teorias esteticas modernas não fará mal. Não acho que arte seja só manifestação sexual, olá Darwin! Freud! Lalo! Mas, como ela, é das mais intensa's sensações vitais. O fluxo lirico é manifestação vital como o semen mas desprendendo logo a imagem das contingências terrestres se torna livre' manifestação do espirito. Agora temos arte. As coisas da vida artefeitas se transformam em realidades superiores. Mas isso de fazer versos como quem morre... Os poetas sempre fizeram estetica como quem a mata. Não tem importancia.

A Cinza das Horas não é de Manuel Bandeira. Qualquer poeta bomzinho escreveria esses versos. O convencionalismo domina. Manuel está se procurando nos livros dos outros. Engraçado isso! Na última exposição de automoveis a firma Ford organizou um anúncio que comovia formidavelmente. Era a fabricação dum automóvel diante do público. Cada operário só fazia

(1) Desencanto.



uma coisa. Este apertava molas. Aquele punha uma roda. O outro acertava a luz dos faróis. Etc. A coisa vinha vindo. Cada um tinha o seu minuto certo de trabalho. Si demorasse um pouco mais se estragava a construção toda. Uma comoção divina prendia a gente. E no fim o triunfo! Em meia hora o Ford saía andando, vivinho, luzidio! A gente pensava que êle ia parar em Rio Preto, comendo terra paulista numa fumaça grossa de poeira, com esta sêca!... Os poetas geralmente nascem como um Ford. Cada livro, outro poeta passado que leem é um operário que lhes ageita uma roda, carburador, molas. Afinal um mais irmão bota a gasolina. Então o poeta sai andando, fom-fom! e escreve poemas seus. De muitos eu sei a que faltou unicamente a gasolina toda a vida, os pobres!

O Manuel da Cinza das Horas ouve a conversa das visitas. As poesias relembram geralmente como ideia ou realização outros sujeitos. Fulano disse que. Sicrano fez isto. Alguns nomes aparecem. Sobretudo Antonio Nobre (a gasolina) que surge até no Ritmo Dissoluto (Os Sinos). (1) O simbolismo e principalmente o post-simbolismo envernizam o livro. Manuel inicia aquele processo:

"As estréias tremem no ar frio, no ceu frio." (2)

de repetição de versos inteiros ou palavras que tanto praticaram os simbolistas:

"Le ciei est, par-dessus le toit,  
Si bleu, si calme!  
Un arbre par-dessus le toit  
Berce sa palme"; (3)

---

(1) Coisa curiosa: Manuel Bandeira é um dos raríssimos poetas vivos brasileiros em que persiste uma forte influencia lusitana. Espiritualmente, além do fantasma de Antão, se poderá indicar Eugénio de Castro. O geito popular português também persiste muito claro no poeta. Não bastará lembrar aquele Solão do Desamado, de tão mau gosto! Oh! que horrível aquela "dona Olaia" rimadora e intrometida! O Rimancete é bem melhor. Mas também não é Manuel. Qualquer lirico falso imitador e inteligente faria isso. Também na contextura de certos sonetos o feitiço clássico dos lusitanos foi imitado. "Foi para vós que ontem colhi, senhora" etc. de poetas palacianos. Abundam no livro os traços de dicção lusa. "Oito anos faz que te não via". Meu Deus! pois não é tão mais fácil dizer "que não te via"? "Se lhe dá lesta á socapa" e como rima "uma tapa" que nós no Brasil vestimos de calças e ficou um tapa energico, de pulso rijo de mulato. E aquele "sua agulha d' aço"? Errado! No Brasil é "de aço" que se diz e está muito bem dito. Outros ainda.

(2) Madrugada. O lindo ritmo dêsse verso!

(3) Verlaine.



"Que céu tão cheio de véus de noivas,  
Que céu tão cheio de véus de viúvas,  
Oh luar sublime, com quem te noivas?  
Oh noite triste, de quem te enviúvas?" (1)

Processo que valeu mesmo aos poetas dessa escola uma das provas irrefutáveis com que os seus inimigos lhes demonstraram a loucura. Irrefutáveis. Mais tarde Manuel personalizará extraordinariamente o processo. Este desaparece e o poeta repete palavras e versos sem que ninguém se lembre de processos nem Simbolismo.

Esse mistério das aquisições virtuais!... O mesmo se dá com a banalidade. Manuel gosta das coisas chués. Não é pra grandes conversas, não. Mas na Cinza das Horas a banalidade é banal. Me deixa indiferente. Não é ainda aquela vulgaridade sutil dos Balõesinhos, da Estrada, do sublime Noite Morta. Disse que Manuel não dá pra grandes assuntos. E' verdade. E por aí provo ainda o convencionalismo e as influencias estranhas 'que sarpintam a Cinza das Horas. Surgem certos temas eternos que mais parecem exercidos de retórica, de estilo que outra coisa. Descrições de crepusculo, Desalento, Camões, Parafraze de Ronsard, Dom João (o tema que mais tem sofrido da poética nacional) Aracné, etc. A Cinza das Horas é feita de temas. O poeta ainda não alcançou aquela destruição do assunto poético, moderna conquista do lirismo. Outra prova ainda do convencionalismo da Cinza das Horas está naquele feio fabordão O Anel de Vidro em que o metrificador deformou horrivelmente uma quadrinha popular. Hoje, garanto, escreveria a quadra tal como se canta e assinava. Chamar-lhe-iam plagiario? A quadra foi dêle num momento de criação. Essa a verdade.

Toda esta esculhambação da Cinza das Horas não é esper-teza de retórica pra elevar em seguida as obras grandes do poeta. E' a minha verdade. Ha no livro alguns traços de Manuel e bons poemas, sei. Sei mais que o poeta sustentará que tudo aquilo foi escrito "como quem chora". Mas o sentimento engana tanto! E a gente se ilude tanto pra sentir!... Não gosto, não. O proprio humorismo... Manuel é finíssimo ironico. Pois na Cinza das Horas até isso é convencional. Poemas como Cartas de Meu Avô, Inútil Luar, Chama e Fumo, mesmo o Tres Idades representam aquele humorismo desengonçado, epidermico, mania de alguns poetas nossos, culminante nas Fantasias ao Luar de Vicente de Car-

---

i1) Alphonsus de Guimaraens.



valho. Estas uma obra-prima. Não ha duvida; Manuel escutava as visitas e se vestia diante do espêlho.

Mas eis que abandona o espêlho e sai na rua num domingo de Carnaval. Poude em seguida voltar pra casa se conhecendo bem. Porquê não é olhando no espêlho que uma pessoa se aprende mas ensaiando todos os muques fisicos e psiquicos ao contacto da vida.

"Só é verdadeiramente vivo o que já soffreu". (1)

Com o Carnaval Manuel se aprendeu vivendo. Mas, si assim me posso exprimir, o Carnaval é um Manuel prático, vivido, em função vital. Por isso afirmei que era uma excepção na obra do poeta. Depois é que sabido de si, Manuel possuído por Manuel, poude voltar pro quarto e contemplar de janela as ruas de pobre destino. E nem um minuto; mais se olhará no espêlho. Só uma vez escutará a visita quotidiana de Anto pra escrever Os Sinos. O estado activo do Carnaval desaparece também. O contemplativo continua. No conceito de Croce direi que o Ritmo Dissoluto é mais *arte* que o Carnaval porquê mais pura e solitaria intuição a que não vem perturbar a penetração intrometida das participações interessadas.

Dos tres livros das "Poesias" o que mais aprecio é o Carnaval. Mas não deixo de reconhecer por isso que como plenitude psicologica e unidade é inferior ao Ritmo Dissoluto. Si não tem falhas de concepção apresenta falhas de composição. O Carnaval de verdade se compõe de mais ou menos metade dos poemas que estão incluídos nêle. Os outros podem ser da mesma época mas fraccionam a concepção unida do livro e a sua fôrça emotiva. Alguns dêstes são belíssimos, não discuto. Os Sapos e Dona Branca, obras-primas. E o primeiro das mais primas que moveram lábios brasileiros. Não pertencem ao Carnaval.

Mas porquê acho êste o melhor livro do poeta si é menos êle e não tem a plenitude psicologica e a unidade do Ritmo Dissoluto? Perdão, não disse que era menos êle. Apenas afirmei que foi um incidente de tres dias na vida de Manuel Bandeira. O Carnaval é bem Manuel. Mas Manuel não é o Carnaval. Quero dizer: O poeta vive a contemplar de fóra. Mas é por êste seu natural que um dia querendo viver a vida se desesperou nesse livro. E o sarcasmo, toda aquella ironia espetada, tanta malvadez, perversidade, injustiça mesmo. Gosto disso! Mas...

---

(1) Gesso.



"Fazendo á cantiga louca  
Dolorido contracanto  
Por dentro borbulha o pranto". (1)

No "Mallarmé" cie Thibaudet vem esta frase que determina exactamente o antagonismo substancial entre o Carnaval e as outras obras do poeta: "Recréer une émotion au lieu de la décrire". No Carnaval a comoção existe realizada. O Ritmo Dissoluto apenas tem uma objectivação formal mais moderna que o outro. Com êle o poeta que, graças a Deus! é sincero e não se preocupa em fundar escolas e propagar novidades que não são dêle, voltou a ser um, não discípulo, mas descendente do simbolismo em vez dum reacionario contra essa escola como são os reais modernistas do mundo. Porquê mesmo a destruição do assunto poético e afeição pelas pequenas coisas, temas de rua e de quarto (Balõesinhos, Soneto, Meninos Carvoeiros, Murmúrio de Agua, etc.) já são propriedade dos que descenderam do simbolismo, Samain, Guérin, Biély, Alexandre Blok na 1ª fase, Rilke, Verhaeren principalmente. A reacção contra o simbolismo é que provocou o desejo de recriar a comoção em vez de a descrever. Modernismo. O Carnaval é isso. O poeta arrebenta naquelas poesias em que sob os ritmos cançoneiros balançados a ironia, a amargura, o sarcasmo, sobretudo o sarcasmo se ajuntam num furor patético.

"Quero beber, cantar asneiras". (2)

São poemas sacudidos pelo trenesi, dum desordenado sentimental que não exclui a vulgaridade (3), movidos por aquele irregular de que faia Aristóteles como qualidade privativa do patético. Gosto disso! Enorme a transformação de Manuel Bandeira neste livro. Se mostrou um Carnavalesco da Amargura que afinal certos laivos ironicos ou amargos anteriores não autorizavam a profetizar. Depois dêsse desespêro o poeta se recobrou.

"Não cedas á vã fraqueza  
Que adianta a queixa repetida?". (4)

---

(1) Canção das lagrimas de Pierrot.

(2) Bacanal.

(3) A satira com que esborda a mulher, a psicologia de Pierrot, Colombina, Arlequim que faz<sup>1</sup>, são um pouco fáceis. A mulher satânica que teve "no leito enciclopédico todas as artes liberaes" mas que é boa "tudo se lhe tira. Dá tudo. E mesmo dá dinheiro" e que sente "a volúpia da pancada"; tudo isso já foi dito. A verdade é que Manuel repete isso em Vulgivaga de maneira inxcedivel. "Pierrette" é mais sutil.

(4) A' Sombra das Araucarias.



...tornará a dizer. Mas a fraqueza fôra útil. O poeta despejou todo o fel. Vai se humanizar mais, perdendo do seu euzinho em prol dêsse eu maior que é a humanidade. Nada de lambanças e temas importantes mas humano, uma suave, doce dispersão, sabia aceitação cheia de experiência que cai como orvalho nas coisas pequeninas. E ama a vida e os homens tais como são, um tumulto sem milhora. Nunca alegre. Mas também nunca triste propriamente. O Ritmo Dissoluto é o livro dum conformado. Os olhos de Manuel não fuzilarão mais em cóleras deformadoras, antes através duma lagrima parada que não cairá, sorrirão compassivos pra tudo e todos. Não ha nada como o vidro duma lagrima imóvel pra que a realidade seja vista assim como é, nem muito infame afinal, gostosa, um dar de ombros paciente e o sorriso pronto do perdão

"Quando em teus olhos áridos  
Estancaram-se as fontes das suaves lagrimas  
Em que se amorteceu o pecaminoso lume  
De tua inquieta mocidade :  
Então sorri pela última vez, tristemente,  
A tudo o que outrora  
Amaste. Sorri tristemente...  
Sorri mansamente..."

Assim como em Os Sapos se reflectira no "sapo cucurú da beira do rio", agora na Mata dará o seu verdadeiro significado na imagem do bambú:

"A mata agita-se, revoluteia, contorce-se toda e sacode-se! (1)  
A mata está hoje como uma multidão em delirio colectivo.  
Só uma touça de bambús, á parte,  
Balouça levemente... levemente... levemente...  
E parece sorrir do delirio geral

Actualmente Manuel sorri do delirio geral. Isso não é muito moderno, não. Hoje a gente compartilha do delirio geral.

Ainda uma observação. Apesar do sorriso, se percebe que Manuel ama. Aliás o *sorrir* das coisas e dos seres e não *rir* dêles já é prova, sinão de amor, ao menos de predisposição pro amor. E' trapaça do poeta se imaginar apenas o sorridente por "cinica descrença". Manuel ama. Ama tudo o que a adjectivação conven-

---

(1) Ritmo estupendo!



cional chama de infeliz. E aparece um defeito saboroso do Ritmo Dissoluto: a mania de diminuir tudo, carinhoso, por sossegado amor. Com certeza êle não reparou que exprime por diminutivos tudo o que ama. Quando a gente encontra um diminutivo, já sabe, o poeta está num assomo de ternura. Aparece a carrocinha de leite puxada por um bodezinho manhoso. Os burrinhos dos carvoeiros são magrinhos. Ha ovelhinhas na estrada. No quarto o poeta contempla um gessozinho partido ou tem vontade de beijar a aranhazinha que urde a teiazinha levíssima. Etc. Assim ajuntados os diminutivos se tornam ridículos. Esparsos na obra o ridículo desaparece. O defeito subsiste porém. Mas na obra dos verdadeiros poetas os defeitos têm tanto interesse como as qualidades. São muitas vezes característicos e um verdadeiro elemento de grandeza até. O que é preciso é classificar os defeitos. Ha os que vêm da precariedade técnica ou intelectual. Ha os que provêm da abundancia lirica ou da psicologia do criador. Estes penso que até devem ser desenvolvidos. Aqueles depreciam a obra de arte.

Algumas considerações técnicas. Eu creio que já se sabe: Manuel Bandeira foi o primeiro a empregar o verso-livre no Brasil. Me parece que ninguém lhe disputará êsse mérito historico. Foi com o Debussy, poema de que já muito riu a Revista do Brasil, que se afoitou nessa picada. Manuel é como Debussy. Aqueles acordes vagos, aquela ausência de tonalidade firmada nítida, aquela fluidez, diafaneidade que qualquer Sol carioca afugenta Essa poesia de conversa ou de vibração interior delicadíssima não sabe soprar na inubia belicosa dos tupis, é indiscutível. Pra cantar com naturalidade e ausência total e necessaria de retórica se prestam mais os ritmos livres ou então algum verso curto, cancioneiro, popular. E de facto só nesses Manuel vai bem. Quando lhe aconteceu viver o Carnaval o balanço cantador das redondilhas e octosilabos é que lhe permitiu o sarcasmo de estalo, risadas, beijos, pulos'. E quando contemplou a vida, a sorrir dos meninos carvoeiros ou evocando o santo pecado de Maria Egipcíaca, só o ritmo livre com toda a sua líquida variedade lhe pode servir. No decassilabo Manuel é toda a gente. No alexandrino é pior. Com algumas exceções o seu alexandrino é mau. O temperamento do poeta não se enquadrava nesse verso importado e bem pouco da nossa língua. Manuel jamais foi artífice. Por isso não conseguiu nunca o alexandrino admiravel de certos tecelões brasileiros cuja prodigiosa perícia, Francisca Júlia, Raimundo, Bilac, Alberto de Oliveira, dominou êsse metro, variou-o, multiplicou-o, conseguindo fazer dêle um instrumento de luminoso esplendor e ricà ex-



pressão. (1) Mas si ha temperamento oposto ao parnasianismo ou simplesmente á rebusca da forma colorida sonora metalica, êsse é Manuel Bandeira. Assim quando se deixou influenciar por essa mania brasileira de aproveitar a riqueza das nossas vozes pra construir architecturas ruidosas e... ruinosas faliu que faz tristeza. Menipo, A Ceia, Morte de Pan, sonetos que qualquer verso de Bilac põe num chinelo. Mas Dama Branca, Vulgivaga... ai, ai! isso pia mais fino! Poemas assim o chamado parnasianismo não nos poderia dar. O alexandrino de Manuel é rúim, sacolejado, com êsse geito lusitano de bater o primeiro hemistiquio quasi sempre em agudo ou de separar por ali os membros logicamente analisados da frase. Com rara excepção e todo o Crepúsculo de Outono, os alexandrinos do livro são cacetemente ritmados. O poeta bem sentiu, creio, a prisão e muito cedo começou a substituir o ritmo alexandrino pelo verso de doze silabas. Como os simbolistas. "E no ar frio pingam as gotas orvalhadas" (2). Ou aquela bonita estrofe:

"Morrem as rosas. Minhas palpebras se molham  
No pranto das desesperanças dolorosas.  
Sobre a mesa pétala a pétala se esfolham,  
Morrem as rosas." (3)

Começam então as pesquisas rítmicas que serão ainda o sintoma técnico do Carnaval. Até ritma á francesa alguns decassilabos. Só acertou mesmo quando ccm o Debussy empregou o verso livre. Riram dêle e foi chamado de louco. Nada mais natural. Manuel assim aplaudido, continuou no ritmo livre que lhe deu toda a sua verdade. Nada mais natural. Hoje enleva algumas almas e é desdenhado pelas orelhas da maioria. Isso também é naturalissimo. Meu caro, é impossível agradecer a todo o povo.

"A beleza é triste.  
Não é triste em si  
Mas pelo que ha nela de fragilidade e de incerteza. (4)

---

(1) Seria injustiça não lembrar ainda que outros poetas em seguida, se utilizaram do alexandrino já incorporado ao Brasil pelo trabalho da geração formalista, com muito mais naturalidade. Ronald de Carvalho por exemplo. Ribeiro Couto que é excelente no alexandrino. Guilherme de Almeida habilissimo que com "Era uma Vez" esfarelou êsse verso que nem miolo de pão.

(2) Madrugada.

(3) Enquanto morrem as rosas.

(4) Madrigal melancolico.



\* \* \*

Eu tinha um grave compromisso pra com Manuel Bandeira. Quando lhe disse que ia escrever sobre as "Poesias" azedou logo: "Não quero que você se deixe levar pela nossa amizade. Quero saber o que é meu no livro." Procurei glosar o mote e dentro das Poesias busquei Manuel. Pretendo ter mostrado onde êle está. Mas já estou cansado de me fazer seco e agora, promessa cumprida, que venha á tona a minha admiração pelo grande poeta que êle é e que tanta felicidade me tem dado. Porquê eu sei que êle me estima, alem da amizade que me tem. E isso é dos grandes prazeres e orgulhos da minha vida. Entre tantas desilusões, principalmente as que nos vêm dos cambalachos- politico-literarios dos que amamos e admiramos, entre tantos despeitos ter uma felicidade assim!... Vale a pena. Que são despeitos e desilusões? São nada e rápidos. O que permanece é o apôio de tais felicidades. Não é muito raro o ser feliz na vida, como se vê.

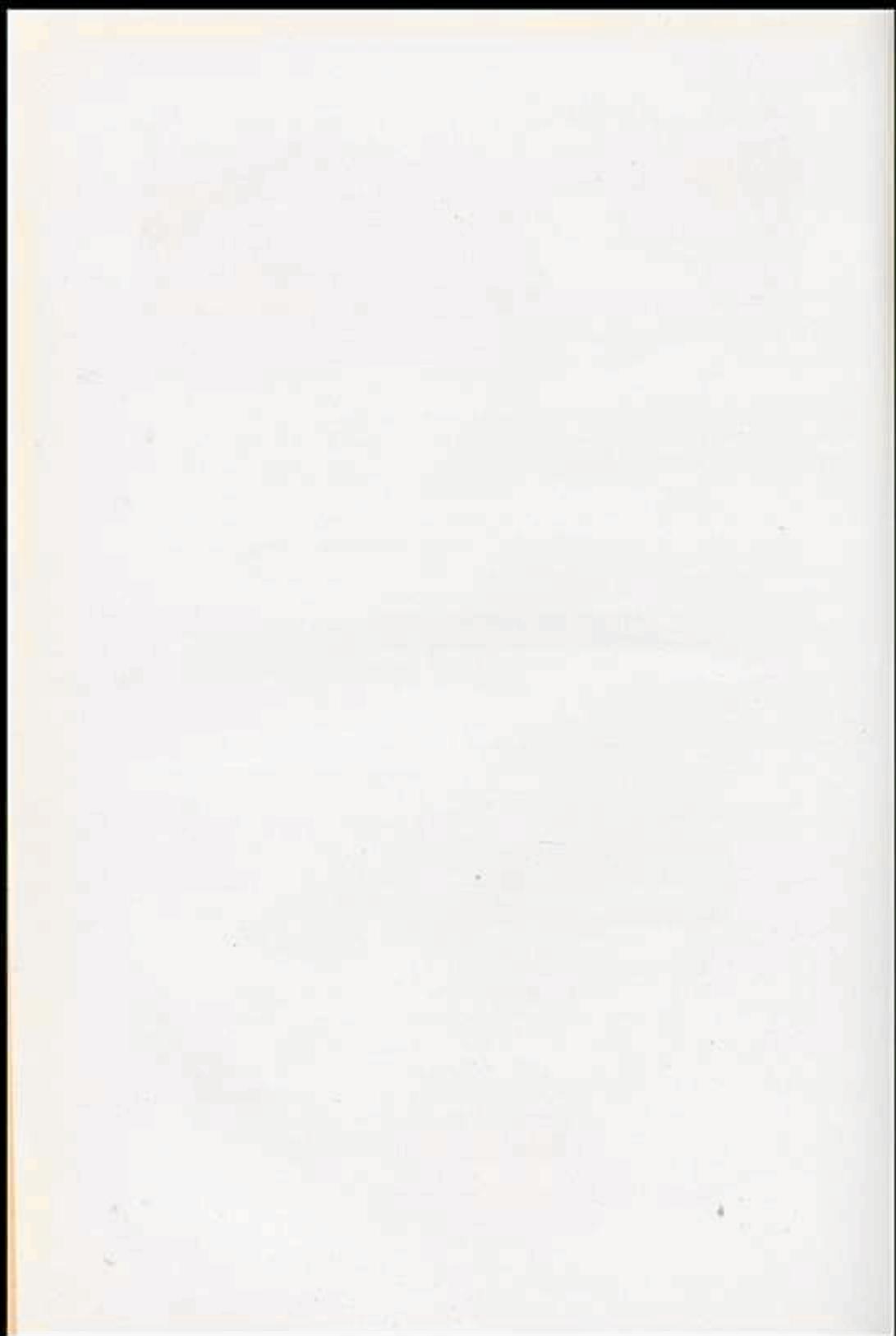
MARIO DE ANDRADE



GALERIA DOS EDITADOS



DR. ALMEIDA JUNIOR,  
autor da *Cartilha de Hygiene*





## MAU HUMOR

**A**rcília era um bello typo de rapariga ainda, apesar dos tres ou quatro annos que lhe durava já aquella endemoninhada vida de polichinello.

E não apenas linda — linda e suggestiva a valer, com a sua quente pallidez inconfundível, os olhos luminosos, pelo fundo dt cujas pupillas ás vezes perpassavam sombras, mais luminosas ainda por entre o nâcar com que as doidas noitadas lhes maceravam as palpebras, o vermelho dos lábios, a brancura dos dentes e, mais que tudo, a immensa cabelleira undada, de um negror tão intenso, tão profundo, que chegava a ser trágico.

Nunca pude saber bem a razão, mas sempre me parecera que Maria de Magdala, nos seus bons tempos, quando ainda arrastava as sedas de Tyro e os brocados de Damasco, devia ser assim...

Ademais, conversando bem nos seus momentos bons e com uns alti-baixos de gênio que a tornavam ainda mais irritantemente appetecível. Os vícios que cultivava — e bem numerosos que elles eram! — cultivava-os com uma elegância *sui-generis*, que fazia delia uma creatura enygmatica.

Eu e o dia havíamos amanhecido tomo duas notas de um só diapasão. Eu, nas mesmas disposições de um *bulidog*, a quem a chanca de um labrego houvesse esborrachado o rabo; elle, morrinhento, com o cariz plúmbeo e, de momento a momento, um desses algidos chuvisqueiros da Paulicéa, que parecem tombar já sujos e tanto nos calam na roupa e na pelle, como na alma, onde se diria brotarem cogumellos sordidos, emquanto por fóra o bolor se vai alastrando.

E assim fômos indo — eu, cada vez mais enfezado, o dia cada vez mais morrinhento, até que, ao lucilar dos primeiros combusto-



res, com a paciência acabada e os nervos destrambelhados, agarrei do capote, do chapéu e esfusiei pela porta afóra.

Fui vel-a.

A ella também o infamerrimo tempo bulira-lhe com os nervos e alli ficamos para um canto da alcova, relesmente luxuosa, a bebericar cerveja e consumir cigarrilhos, eu a fitar-lhe distraindo o braço bem feito, onde se descobriam picadas da seringa de Pravaz, emergindo das rendas brancas do penteador, ella, perdida em um scismar vago, indefinido e obscuro...

— Fazemos hoje um bonito par, não ha duvida.

Dei de hombros.

— Pois, si você estivesse hoje num dos seus dias tortos, contava agora aquella historia. Sinto-me de veneta para recordai coisas passadas.

— Conte lá. Talvez isso me sirva de distração.

— Obrigada pela gentileza. Lá vai a historia e será curta.

— Mais um mérito...

— Bem vejo que você está hoje inhabitavel.

Quando deixei o collegio, faz uma meia dúzia de annos e fui para a fazenda, eu não era melhor, nem peor que tantas outras; talvez, até, fosse melhor. Você ainda se lembra, não?

Com os meus dezeseite annos completos, apenas tinha na consciência tres ou quatro namoricos muito innocentes...

— Eu inclusive.

— ... inclusive você. Si a vida no collegio já era uma séca, calcule o que seria lá naquelle casarão da fazenda, onde só via papae, um ou outro caipirão dos arredores e a gente da casa.

Você conheceu papae. Rico e auctoritario, bruto e mau. ..

— Registre-se a filial exactidão do retrato.

— Si você se sai com outra ironia idiota, acabou-se a historia.

— Mas não, minha cara. Por coisa alguma quereria perder esse precioso trecho de autobiographia. Prometto silencio sepulchral.

— Que seja a ultima. Os primeiros mezes passaram-se em uma pasmaceira medonha. Para distrahir-me, apenas jornaes, uns poucos de romances velhos e o piano que, aliás, eu tocava mal.

— Modéstia.

— Modéstia? Assim fosse.

Por uma tarde abafadiça, mal trajado e coberto de poeira, aquella atrocíssima poeira da terra roxa, que você tão bem conhece ...

— Por mal dos meus peccados...

— ... appareceu um rapaz á procura de collocação.«



Insinuante e bonita figura, apesar de tudo, tinha algum preparo e era excelente pianista.

— O tal Mario, o professor de piano?

— Elie mesmo. Para papae, cem ou duzentos mil réis a mais ou a menos, nada eram. Ficou como meu professor.

Para mim, o inesperado do caso foi uma diversão deliciosa ao aborrecimento. Primeiro, atirei-me ao piano com fúria; depois, um pouco pelo gostinho de brincar com fogo, um pouco para não recahir na pasmaceira, fui misturando o piano e o professor.

— Mistura algum tanto heteróclita, mas, provavelmente, saborosa ...

— Ainda uma?... Pois que fosse. Fui-lhe tomando gosto e o Mario também, tímido a principio, foi logo creando azas.

A verdade é que, aos dezoito annos, em um casarão soturno de fazenda, não se pôde brincar com um bonito rapaz impunemente.

— A velha historia: — o fogo ao pé da polvora...

— Apaixonei-me e, ainda hoje, creio que elle também, embora pensasse egualmente no dote.

— Creio bem. Nlaquelle tempo, você devia valer tanto como o dote...

— Talvez, talvez. Porque você não se atirou ao mar?

— Falta de vocação para professor de piano...

— O diabo foi que, uma vez, sentados a elle, não percebemos a chegada de papae, que nos apanhou em flagrante.

Foi um dia de juiso.

O pobre do Mario teve de sumir-se para salvar as costellas e eu vi horrores.

Mande vir cognac, que esta cerveja gela.

Tragou de um sorvo o cálice de álcool, em que pareciam nadar palhetas de ouro minusculas. As espaduas contrahiram-se-lhe num arrepio. Pelo fundo das pupillas perpassou-lhe um dos seus relampagos enigmaticos.

• ivi-

— Mas, eu adorava o Mario, ou cuidava que o adorava, o que, no fim, vem a dar no mesmo. Além disso, sabia perfeitamente que mamãe morrera de maus tratos e não estava para ter o mesmo destino.

Pela preta velha, que me creára, consegui entender-me com o Mario e, um domingo que papae sahira, ajuntei as minhas jóias, o dinheiro que pude apanhar e raspamo-nos de trolly pela estrada do Rio Grande.



Calou-se, um pouco mais pallida e para alli se ficou, derreada na desirmanada poltrona, os olhos vagos a fitarem o vácuo, como si estivesse a evocar coisas por demais longínquas...

— E depois?

— Depois? Depois, houve uma boa alma que fosse avisar papae. Fomos alcançados por elle e quatro capangas, que galopavam como doidos furiosos.

O Mario estava armado, mas não teve, coitado, a coragem de resistir. A mim, trouxeram-me outra vez para a fazenda; a elle, lá o deixaram, guardado por dois bandidos e nunca pude saber ao certo o que aconteceu depois.

— Constou-me, vagamente, que lá mesmo lhe haviam dado cabo do canastro.

— Isso mesmo. Mais cognac, que estou com frio.

Ao José Roberto, bahiano já velhusco e um dos dois que lá ficáram, perguntei-lhe um dia pelo Mario e o patife respondeu-me, com um risinho que, ainda hoje, me dá arrepios, que, si quizesse saber, perguntasse ao patrão.

Foi então que papae me obrigou a casar com o Pedro de Oliveira, um brutamontes, que havia sido administrador da fazenda.

Na noite do casamento, fugi e vim para cá.

Uma pausa longa. Enterrou nas mãos a fronte pallida e os dedos na soberba cabelleira tragica.

Quando ergueu a cabeça, uns longes de rubor subiam-lhe, por sob a pelle, do pescoço para as faces e das faces para a testa.

— E agora, bem pouco se me dá que esta vida seja torpe, que os meus amantes de um dia ou de uma hora me encham de repugnância, de nojo.

Eu sei, sei perfeitamente que aquelle carrasco soffre, pelo menos, tanto como eu.

Quer você saber uma coisa?

Não ha muito tempo ainda, passeava de carro aberto com um rapaz, quando vejo papae, á beira da calçada, lançando-me uns olhos de quem me queria comer, ao mesmo tempo que a mão procurava qualquer coisa na cintura — o revólver, decerto — mas eu já ia longe.

Depois, a cocaína e o champagne também fazem esquecer.

Ha dias, porém, em que fico com os nervos impossíveis e uma vontade louca de fazer uma asneira em ponto grande.

Que me diz a um mergulho no Tietê?



— Não me seduzem sessões de natação a estas horas e com este tempo. Era caso para alguma pneumonia. Além disso, essa viagem, por via fluvial, para as caldeiras de Pedro Botelho, iria deixar você privada do gostinho de saborear os succulentos necrologios do seu illustre progenitor, quando elle entregar ao diabo a alma scelerada.

— Tem razão. Si elle for primeiro, como decerto vai, liquido a herança e safo-me para a Europa, a gosar a vida largamente. Quer você ser o meu companheiro de viagem?

— Minha flor, lia uma porção de coisas que se acceitam de uma moça bonita; mas, ha, também, umas tantas ou quantas que se não acceitam e essa é uma delias. Você conhece a peça: — *Mr. Alphonse*, creio. ..

— Escrupulos? Orgulho?

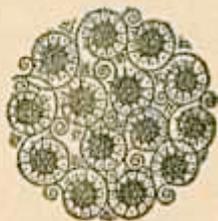
— E porque não?

— Toleirão! Tem você, ao menos, com que pagar a ceia e o champagne?

— Por acaso, tenho, sim.

— Pois vamos tratar de afogar o nosso mau humor.

JULIO SCHEIBEIV





## MEALHAS ETYMOLOGICAS

### CECA E MECA

**A** CERCA da origem e significado desta locução têm-se concebido e aventado extravagantes e phantasiosas conjecturas, entre as quaes sobreleva a de que o seu primeiro elemento provem do nome de uma villa hespanhola da provincia de Valladolid, representando o segundo a capital do gran-cherifado da Meca, na Arabia, onde se diz ter nascido Mahomet, fundador da religião musulmana.

Correr, pois, "Ceca e Meca", e é assim que a phrase mais geralmente se completa, significaria, ao pé da letra, fazer o longo percurso de toda a Europa, entre as penínsulas ibérica e arabica; tropologicamente, porem, estender-se-ia o seu significado á ideia de longas viagens, durante cujo trajecto se houvessem visitado ou atravessado muitas localidades, significando então — viajar muito.

Dahi a variante phrastica "andar por Ceca e Meca".

Moraes, na primeira edição, define: "correr tudo em busca de alguma coisa ou pessoa"; porem os editores da oitava edição, attribuindo-lhe esta mesma etymologia, acrescentam: — "Este provérbio é originalmente hespanhol: os portuguezes o augmentaram em "correr Seca e Meca, e olivães de Santarém"; ora, nas proximidades de Santarém ficam Asseca e Meca (Nossa Senhora de), duas povoações que mais facilmente dariam origem á expressão do que as remotas *Ceca* de Hespanha e *Meca* da Arábia, de que o povo não tem conhecimento.

Esta suspeita da possibilidade de nova origem contradiz, como se vê, a terminante affirmacão anterior de que "o provérbio é originalmente hespanhol".



Tal afirmação deriva, certamente, da existencia, na Hespanha, da villa denominada *Scca*, que se suppõe ser o primeiro elemento da phrase; mas é preciso attender a que, no Castelhana, se escreve esta palavra com *S* inicial, ao passo que o *Ceca* da phrase é graphado com *c*, alem de ter ella differente forma e significação também diversa, segundo o "Nuevo diccionario de la Lengua Castellana, por la Academia Española": — "Andar de Ceca en Meca^andar vagando ociosa e inutilmente de uma parte á outra".

Também o não ter o povo conhecimento "das remotas povoações Ceca de Hespanha e Meca da Arabia" não seria bastante motivo para que elle deixasse de empregar a phrase no seu linguajar.

Em casos taes pouco se importa o povo com a procedencia do vocábulo ou phrase: estropia-o á mercê da sua phantasia, interpreta-o a seu talante e adopta-o.

Assim, ouvindo o celebrante na missa, ao exgotar o cálix, proferir as palavras latinas *quod ore*, o povo, por intermédio de algum sacrista, criou o vocábulo *codorio*, que emprega com a significação de "pequena porção de vinho".

Vem a talho de foice trazer aqui á collação uma historia interessante que, em tempos já saudosamente remotos, nos contou uma pobre mulher do povo, ignorante e rude, interpretando a phrase latina *sursum corda*, que também na missa profere o sacerdote. Era mais ou menos isto:

Vivia Deus no céu, em santa paz, com os anjo« que, em numero infinito, faziam parte integrante da sua côrte celestial.

Um dia, por instigações de um tal Satanás, insurgiu-se uma enormíssima quantidade delles contra a autoridade suprema do Padre Eterno, com o fim de lhe usurparem o throno.

Não gostou elle da pirraça, e, para castigar a insólita audacia dos amotinados, resolveu baul-os do céu, abrindo nelle um alçapão por onde os despenhou no inferno, com escala pela terra.

Estabeleceu-se assim uma chuva torrencial de mafarricos, que, pela immensa abundancia e pela densidade e continuidade da correnteza, formavam, na sua trajectória, uma verdadeira *corda*.

No fim de tres dias, logo que do céu partiu o ultimo dos rebeldes, o Padre Eterno trovejou: "*Cesse a corda!*" E a corda cessou, ficando no ar os que ainda não tinham chegado á terra, e na terra os que ainda não tinham chegado ao inferno.

Assim interpretava a phrase alludida aquella mulher do povo, completamente analphabeta, explicando, ao mesmo tempo, que tal é também a razão de se acharem inçados de diabretes todos os recantos do Universo.

E é assim, de facto, que o povo procede em grande numero de casos, adulterando e estropiando, na forma, na pronuncia e no



sentido, os vocábulos que lhe são menos familiares, pouco se lhe dando da sua proveniência ou da significação natural e primitiva.

Mas esta pecha, geralmente imputada ao povo inculto, não é privilegio exclusivo delle, que, aliás, tem por desculpa a crassidão da sua ignorancia; idénticos delictos são, muitas vezes, perpetrados por outros que a seu favor não têm a mesma atenuante e que, no dizer de Adolpho Coelho, "sendo julgados sábios por um publico que não pensa nem discute, inculcem nelle com o peso da auctoridade as suas opiniões absurdas".

Com effeito, a locução *ceca e meça* não é mais nem menos que a corruptela morphica e phonetica do vocábulo grego \*<!/i>/xa (*cccmece*), perfeito do verbo *xapvco* (*cameo*), que significa trabalhar, fatigar-se, extenuar-se etc.

Quem conhece o valor do perfeito dos verbos gregos sabe que elle é differente do perfeito (preterito) dos verbos de outras linguas, devendo ser considerado como tempo do presente, mais que do preterito.

Elie indica o resultado *actualmente presente* de uma acção passada, e assim (*cccmece*), depois de uma enumeração de varias diligencias e esforços empregados para a consecução de determinado objectivo, significa: — *encontro-me na situação de quem se fatigou ou está fatigado*.

Teria alguém, que conhecesse o Grego, empregado assim o vocábulo, muito propriamente (áparte o estrangeirismo), e, porventura, até muito a proposito, em presença de quem, duro de ouvido e não o conhecendo, veiu a transformal-o llo que hoje é.

O caso não é único nem raro: são de uso commum e frequente muitissimos vocábulos e locuções e phrases estrangeiras que, em circumstancias analogas, são empregadas, a cada passo, por quem não conhece as linguas a que ellas pertencem, taes como: *ejusdem furfuris*, *arcades ambo*, *cousummatum est*, *far niente*, *noblesse oblige*, *avis rara*, *casus belli*, e tantissimas outras, entre as quaes *heureca* ou *heureka*, igualmente perfeito do verbo grego *hcurisco*, que significa *achar*, *descobrir*.

Também não são extranhas a ninguém as corruptelas que a taes vocábulos e locuções costumam infligir aquelles que os proferem, sem os conhecerem na origem.

E' assim que o *sursum corda*, já citado, se transformou em *cesse a corda*; o *quod ore*, em *codorio*; o *slippet* (inglês), em *chulipa*, etc., etc.

E que muito que tal facto se dê, quanto a vocábulos e phrases exóticas, quando o mesmo succede dentro da própria lingua, como se observa, por exemplo, nas popularissimas phrases "não se pescam trutas a *barbas enxutas*", onde *barbas* está em vez de *bragas*; "andar em *papos* de aranha", onde *papos* é corruptela de



*palpos*; "vi-me á brocha com tal negocio", em vez de "vi uma bruxa", etc., etc.?

Continue, pois, no uso da lingua a locução *ceca e meça*, tal como os léxicos a registam, visto ter ella, de ha muito, criado fóros de cidade; mas saiba-se que a sua origem e razão de ser é esta que aqui fica indicada, que não a que lhe inventou a exquisita phantasia dos lexicographos e outros sábios, em absoluta paridade com a mulher do *cesse a corda*.

Não foi sem fundamento que Manuel de Faria e Sousa escreveu (Comment. á Lusiad. de Cam. Cl, est. 33 col. 265): — *Et re vera, durant adhuc in nostra lingua, quac paene latina est, multa grae cita tis vestigia.*

FRANCISCO I.UIZ PEREIRA





## FACUNDO QUIROGA

*(Em torno de um symbolo)*

**E**RA uma vez um homem, filho anonymo de "las pampas" interminas da Argentina, da rebelde Argentina de Rosas, que tinha o extranho capricho das sangueiras... Toda a sua vida fora um largo cadastro de morticínios, um faiscar terrível de cólera contra os que, directa ou indirectamente, tentavam embaraçar seus passos num arremesso incontido de violências de toda ordem. Surgira, naturalmente, entre tantos que o ambiente pródigo creára nas suas múltiplas crises de barbaria e nomadismo. Era de vêr a frieza, a verdadeira insensibilidade d'aquellas attitudes... Entre a farandula de "montoneros" a esmo, campo em fóra, ou errantes por villas e povoados, a sua figura sinistra ia para o primeiro plano. Descreve-a Domingos Sarmiento em paginas immórtaes mescladas de serenidade e revolta. Apanhou-a desde os seus primeiros passos, entre San Juan e Ea Rioja, e mostrou-nos, historia a dentro, até o golpe traiçoeiro mas esperado, de Barranca-Yaco, fecho trágico de uma existencia já por si toda entretecida de tragedias. Tão dilatado era o circulo em que seu nome temido apparecia pronunciado de bocca em bocca, quer no pavor das estradas, quer na quietude dos lares pastoris, que em torno da sua pessoa se multiplicavam as lendas. A sua figura moral tinha, realmente, o prestigio de um mytho povoando a vastidão das planicies e vivendo á sombra das imaginações sentimentaes.

Não era o primeiro, nem seria Quiroga o ultimo dessem teríveis rastreadores do deserto. Toda Argentina dessa época, affirma um ensaista illustre, o sr. Ayarragaray, dava dos seus ho-



mens e da sua politica um aspecto lamentavel de forças anarchicas em chócjue. O meio era propiciatorio aos caudilhos e tyranos. E o territorio em peso um agitar de violências em marcha. Assim, cada provincia, cada pedaço do paiz nascente não só reflectia as desordens sociaes da época mas impunha-se ainda como em ser o ninho de uma harpia, o berço de um déspota bronco cujo prestigio, alimentado pelo terror, ia ser lamentavelmente decisivo nos destinos da patria, atirando-a á luta interna, á guerra externa depois.

Exemplos? Toda America, do Atlântico ao Pacifico, encheu de attestados frisantes capitulos inteiros de historia. Na Argentina, porém, os factos se multiplicaram. As revoluções, as guerras civis, as revoltas, a luta da campanha contra a cidade, de provincia contra provincia, motins e revoltas de homens, de familias, de facções, de partidos, se alastraram sem tréguas, com esse mesmo espirito de caudilhagem que o génio impetuoso de Artigas arremessou para a outra banda do Prata. O caracter pessoal e arbitrário dessa politica que tendia para o regimen do terror chegando ao exagero do absolutismo fazia nascer por toda parte a insubmissão e o protesto, distendendo-se pelos plainos em perigosas "montoneras" armadas.

Rosas era a encarnação viva dessa politica, desse processo de governar, espalhando por toda parte o terror, a ponto de applicar, (plagiando ou inventando), um novo feitio de cimitarras ferocissimas com que os magarefes de palacio iriam exercer a degola nos seus proprios amigos de vespera...

Foi nesse meio barbaro que appareceu o Tigre de Los Llanos. Definiu-o Sarmiento neste retrato admiravel: "Facundo é um typo de barbarie primitiva; não conheceu sujeição de nenhum genero, sua cólera era a das feras; a melena dos seus negros e annelados cabellos cahia sobre a sua frente e os seus olhos, em guedelhas, como as serpes da cabeça de Medusa; sua vóz era roufenha e seus olhares se convertiam em punhaladas. Dominado pela cólera, matava a ponta-pés a N. por uma disputa de jogo; arrancava as orelhas á amante, porque lhe pedia trinta "pesos" para celebrar um casamento consentido por elle; abria a cabeça de seu filho Juan com uma machadada, porque não havia maneira de fazel-o calar; esbofeteava em Tucuman, a uma linda "senhorita", a quem não pudéra forçar nem seduzir. Em todos os seus actos mostrava-se o homem-besta, sem ser por isso estúpido e sem carer de elevação de vistas. Incapaz de fazer-se admirar ou estimar, gostava de ser temido; esse gosto, porém, era exclusivo, dominante, até ao ponto de arranjar tódas as acções da sua vida de maneira a produzir o terror em torno de si. sobre os povoado? como sobre os soldados, sobre a victima que ia ser executada, como



sobre sua mulher e sobre seus filhos. Na incapacidade de manejar as redeas do governo civil, punha o terror com expediente para supprir a abnegação e o patriotismo; ignorante, rodeando-se de mysterios, e tornando-se impenetrável, valendo-se de uma sagacidade natural, um senso de observação não commum, e da crença do vulgo, simulava uma presciencia dos acontecimentos, o que lhe dava prestigio e reputação entre as gentes vulgares".

E assim entrou elle na historia, a partilhar da mesma sorte dos gênios maléficos da sua patria, a viver como um fantasma e povoando de terror o espirito sobresaltado dos seus compatriotas, constantemente perseguidos por continuas quizilias internas.

A phase mais critica da grande republica platina decorreu dos quinze annos em que a dictadura de Buenos Ayres exerceu a sua nefasta influencia, desfraldando a bandeira do banditismo e do terror, creando uma enorme galeria de caudilhos e déspotas locaes, como Ibarra, Ferre, Lopes, de Santa Fé, etc., sem outra noção de governo sinão a vingança e o crime, conjuntamente com o latrocínio inominável dos dinheiros particulares e públicos. Facundo e Rosas, um na campanha, outro na cidade, um caudilho-tyranno, outro tyranno-governo, eram os dois typos mais representativos desses carneiros de povos, a surgirem a cada passo no desabrochar das civilisações, manchando de sangue uma época inteira que devia ser de progresso e trabalho — tudo matando em derredór, a liberdade e a justiça, as crenças mais nobres, as aspirações mais justas.

Ainda hoje, Juan Facundo Quiroga não é um perfil isolado nesse gesto frio e barbaro de homem com alma de tigre. Sarmiento, que por vezes chegou a revivê-lo mais como um symbolo do que mesmo como a imagem real do ultimo grande scelerado da campanha platina, mal julgaria que o "gaúcho máo" se perpetuaria annos a dentro nos mesmos scénarios revoltos da nossa acanhadissima visão politica que hoje como hontem nos obseca e impolga.

E' que não desapareceu ainda o Tigre de Los Llanos... Passado meio século sobre os tumultos e as desordens de um meio em formação, talhado para todos os choques, para todos os embates, victima de todas as influencias internas, os Facundos<sup>4</sup>e os

Ibarras, ao contrario do que poderíamos prever, vivem na mesma postura insaciavel de ferocidade.

Vivem, mudando apenas de physionomia e de época.

Ha por ahi afóra surtos idênticos que relembram aquelle período sombrio da vida politica sul-americana, que photographam com os mesmos traços moraes todos os instinctos terríveis dos antepassados das "californias" argentinas. Encontramol-os neste extremo agitado de fronteira; encontramol-os aqui mesmo batidos pelo sopro ardente das lutas civis que nos têm arremessado uns contra os outros nestes verdadeiros recontros de família...

Quem pesquisar as nossas pugnas verá que de permeio dos mais bellos rasgos, dos floreios mais bellos de bravura e de heroismo, ao lado de largos gestos romanescos de requintada fidalguia e humanidade, se regista também, inapagavel na memoria de todos, a truculência selvagem do bandido feito homem, emulo integral dos Quirogas da outra banda. As nossas revoluções não crearam essas entidades sinistras; divulgaram-nas apenas; retrataram-nas, fizeram-nas conhecidas, projectando-as no vasto scenario da campanha raza, ou na bocca traiçoeira das picadas.

Dahi sahiram numa feição tembroza de fêras soltas, para o repasto sanguinario dos instinctos, reproduzindo scenas idênticas, os mesmos quadros dolorosos que Domingos Sarmiento nos pintou em "Facundo". Emulos vários, do celebre bandido platino, surgiram em 93, requintando todos na execução e no mando dos processos eliminatórios os mais cruéis, sem a mais léve justificativa que desse logar a represalias. Méra denuncia ou uma simples suspeita, ás vezes, bastava para que o exercicio da tortura com todas as formas da perversidade fosse para os barbaras um passa-tempo como qualquer outro. Tal requinte ultrapassou os processos clássicos applicados pelos tyrannos romanos antes de arrancar o ultimo alento da misera victima indefeza.

Trinta annos se passaram sobre esse período sombrio da nossa historia. Modificara-se, por certo, nestes trinta annos, toda a aspreza de qualidades que se refinavam, civilisando-se. Tinha que se registrar um symptoma benéfico nas nossas attitudes, nas nossas acções, nos nossos costumes, melhorando estes á maneira que devia melhorar a nossa delicadeza de sentimento.

. Acreditou-se de boa fé que nesta escaramuça de 23, afóra o exterminio dos combates, o adversário seria de outra fôrma tratado. Que decepção, porém, para os optimistas de sentimento, para os que acceitavam como facto consumado, a evolução dos costumes!... A theoria mais uma vez falhara — e as mesmas scenas degradantes, os mesmos gestos, os mesmos actos de banditismo e de monstruosidade foram perpetrados á plena luz do sol,



sem o menor respeito aos que cahiam com bravura no campo de luta.

E Facundo Quiroga que julgavamos esquecido e morto, dormindo o somno imperturbável de Recoleta, de novo appareceu espelhando-se na physionomia fechada de dezenas de fantasmas ...

## ROQUE CALLAGE

Rio Grande do Sul — 1923.





## O SENADO FEDERAL

**O** PRÉDIO onde funciona o actual Senado Federal, desde 29 de Abril de 1826 occupado pelo Senado do Império do Brasil, foi adquirido de Anacleto Elias da Fonseca, em 1810, e offerecido a D. Marcos Noronha de Britto, Conde dos Arcos, que como ministro do príncipe D. Pedro, ahi residiu até 1821, quando se retirou para Lisboa, sob a accusação de ser o chefe do partido portuguez, lá fallecendo em 1828.

Por escriptura lavrada no tabelhão Castro, em 8 de Março de 1825, o Governo Imperial adquiriu-o, com o respectivo terreno, por 44:568\$000, sendo o Conde dos Arcos representado pelo sargento-mór João Alves da Silva Porto.

Feitas as obras de adaptação, pintura e decoração, ahi se reuniram os Senadores pela primeira vez, em sessão preparatória a 29 de Abril de 1826, e elegeram para seu presidente o Visconde de Santo Amaro e para secretario o Visconde de Barbacena. (A cadeira do Visconde de Santo Amaro, fallecido em 12 de Agosto de 1832, foi occupada por Feijó, em 15 de Julho de 1833).

Por duas vezes, em 1829 e em 1831, as sessões do Senado funcionaram na antiga Academia de Bellas-Artes e no antigo prédio do Supremo Tribunal de Justiça, á rua do Lavradio, esquina da rua da Relação, por ter desabado o estuque da sala das sessões e por ter o cupim forçado a reconstrucção quasi completa do prédio. Desta, foi encarregado o major de engenheiros Miguel de Frias e Vasconcellos, o mesmo official que recebera do General Francisco de Lima e Silva a incumbência de levar a D. Pedro I a noticia dos factos occorridos na jornada de 7 de Abril de 1831. Lembrou-se n'essa tpoca de transferir definitivamente o Senado para outro prédio; em 9 de Maio de 1831, o Senador Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque apresentou um projecto n'esse sentido e, em Agosto do mesmo anno, nomeou-se uma commissão composta dos Senadores Bento Barbosa Pereira, José Ignacio Borges e Marquez de Barbacena, para examinar e escolher o local ou o prédio em condições. Essa commissão, porém, nunca se lembrou de sacrificar a área do bellissimo jardim da Praça d'Acclimação, embora n'essa época fosse um feio e vasto areal pantanoso, coberto de algas e arbustos de mangue e então conhecido por Campo de Sant'Anna. como até 1735 o fôra por Lagôa da Sentinella.



No hemicyclo das sessões e sob o olhar dos oradores mais celebres da humanidade, reuniram-se, em 17 de Junho de 1831, 35 senadores e 88 deputados para elegerem a Regencia trina permanente, que se constituiu pelo Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, Dr. João Bráulio Muniz e Dr. José da Costa Carvalho, depois Marquez de Monte Alegre, cujos restos estão no Cemitério da Consolação, nesta Capital.

Reedificado o prédio, no mesmo recinto, e de conformidade com o Acto Adicional, em 9 de Outubro de 1835 os senadores e deputados fizeram a contagem e apuração dos votos dados, para Regente do Império, ao Padre Diogo Antonio Feijó, senador pela provincia do Rio de Janeiro, investidura que resignou, em Outubro de 1837, após um governo agitadíssimo, energico e brilhante.

Situado na rua do Areal, esquina da Praça d'Acclamação, com entrada principal pela rua do Areal, foi n'esse velho casarão que se deram os actos e solemnidades mais importantes de nossa vida nacional. Foi ahi proclamado maior pelo primeiro Marquez de Paranaguá, o Imperador D. Pedro II, com apenas 15 annos, no dia 23 de Maio de 1840, ás 10 horas da manhã, e ás 3 horas prestou juramento e iniciou as suas funções magestáticas, que terminaram na madrugada de 15 de Novembro de 1889. Em 29 de julho de 1860, ahi também prestou juramento de herdeira do Throno a princeza D. Izabel, Condessa d'Eu, e em 20 de Maio de 1871 o de Regente do Império, durante a ausência do Imperador no estrangeiro.

Ahi ainda, em 28 de Setembro de 1871, a Regente assignou a Lei dos nascituros, conhecida por Lei Rio Branco ou do Ventre • Livre.

Durante o antigo regimeri foram escolhidos senadores: pelo 1º Imperador, 57; pelas Regencias, 33; pelo 2º Imperador, 163. Dos senadores escolhidos deixaram de tomar assento: dois por fallecimento — o Dr. Antonio José Duarte de Araujo Gondim e João Vieira Ramalho, este por S. Paulo: um que solicitou e obteve excusa, o Padre Domingos Motta Teixeira; um cuja cadeira foi considerada vaga por ter-se ausentado do paiz sem licença, o senador pelo Ceará João Carlos Augusto Oyenhausen Granenburg, Marquez de Aracaty; e três pela mudança do regimen, o Conselheiro Antonio Carneiro da Rocha, pela Bahia, e Dr. Carlos Peixoto, por Minas Geraes, e o Conselheiro Antonio Pinto Nogueira Accioly, pelo Ceará, fallecido em Abril de 1921.

Os senadores do Império que mais tempo exerceram os mandatos foram o Visconde de Suassuna, por Pernambuco, e o Barão de Souza Queiroz, por S. Paulo, escolhido em 29 de Janeiro de 1848, na vaga do Visconde de São Leopoldo. O mandato dos senadores era vitalício e tinham o tratamento de Excellencia' pela Lei de 18 de Julho de 1841, o qual se estendia também aos 24 conselheiros de Estado, ordinários e extraordinários, ao Supremo Tribunal de Justiça, aos titulares com grandeza e ao Chefe de Policia da Côte. Tudo cingia-se á lei.

A ultima sessão do Senado do Império foi realizada em 16 de Novembro de 1889, com a presença de 23 senadores, pois se achava em sessão, preparatórias, em virtude da dissolução da Camara pelo Gabinete de 7 de Julho de 1889, presidido pelo Visconde de Ouro Preto. Sob a presidencia do Conselheiro Paulino José Soares de Souza, foi aberta a sessão ás 11 horas e encerrada ás 12,40, fallando pela ordem os senadores Correia e Lima Duarte, tendo o Presidente encerrado a sessão por não haver expediente e pelo facto do regimento não permittir debates extranhos á constituição da Camara e convidando os senadores a reunirem-se no dia seguinte á hora regimental. Nesse dia havia 58 senadores com assento, três para serem reconhecidos e procedia-se, em S. Paulo, á eleição para preenchimento da vaga do Conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, fallecido na ilha de Paquetá, no Rio de Janeiro, em 17 de Outubro de 1889. De todos esses, o único sobrevivente,



que é uma relíquia da Patria e que com maior garbo e energia carrega 17 lustros, é o Exmo. Snr. Conselheiro Antonio da Silva Prado, que, desde 1886, occupava a cadeira vaga pelo fallecimento do Conselheiro José Bonifacio, occorrido nesse anno.

Durante a longa presidencia do Visconde de Abaeté, de 1861 a 1875, foram feitas importantissimas modificações, alterações, melhoramentos, adornos no prédio e em seu mobiliamento, especialmente nu hemicyclo das sessões, salas de espera, do relógio e do café ou privativa dos senadores. Aquelle senador poz ordem no archivo e nas publicações dos debates e expediente e doou seu archivo e bibliotheca ao Senado.

O velho prédio, no qual funcionou durante 64 annos o velho Senado do Império, conhecido como Sibéria após o celebre discurso de Antonio Carlos, "Indostão e Sibéria", está hoje em ruinas, sob a picareta iconoclasta de operários cosmopolitas e indifferentes. Oxalá que a área onde se ergueu o vetusto e historico casarão sirva para ampliar a Casa da Moeda, com columnas de granito dorico-romana e jônica e uma elegante e bem visivel placa, que lembre aos posterios que alli foi o Senado e nelle fizeram ouvir-se o 1º Paranaguá, Valença, Maricá, Alves Branco, B. P. de Vasconcellos, Assis Mascarenhas, Limpo de Abreu, Nabuco, Zacarias, Ferraz, Paranhos (pae), Wanderley, e muitos outros e, na Republica, Ruy Barbosa.

Foram redactores de debates no antigo Senado, entre outros, o Conego Geraldo Leite Bastos, Joaquim Serra, Salvador de Mendonça e Carlos de Laet, figuras illustres nas letras e no patriotismo.

Em poucas semanas ou mezes não restará mais do que o chão sobre o qual se erguia o vetusto prédio offerecido pelo povo e commercio da Bahia ao Conde dos Arcos e no qual funcionou durante 64 annos o Senado do Império e 34 annos o da Republica, e cujas paredes guardaram as fulgurantes eloquencias de Inhomirim, José Bonifacio (o Moço e o único Andrada que occupou cadeira no Senado), Fernandes da Cunha, os dous Ottonis, Ouro Preto, Octaviano Rosa, Prudente e Ruy Barbosa na culminância da eloquência.

Alli ficam essas notas para que os investigadores do nosso passado as corrijam e as completem, assim como fizeram outr'ora Monsenhor Pizarro e Araujo, Joaquim Manoel de Macédo, Vieira Fazenda, Moreira de Azevedo, etc. e como fazem ainda hoje Antonio Egydio Martins, E. Egas, Escragnoille Doria, Hermeto Lima e en> monographias de folego possam reviver e contar as vicissitudes por que passaram e vão passando edificios e prédios historicos como as egrejas do Collegio e da Sé, nesta Capital; e, no Rio de Janeiro, a Bibliotheca Nacional, na rua do Passeio; o Museu Nacional, na Praça da Acclamação; a Igreja de Sant'Anna, onde se ergue hoje a estação inicial da E. F. C. do Brasil; o Palacete Abrantes, na praia de Botafogo, onde residiu 13 annos D. Carlota Joaquina, ambiciosa e irrequieta mulher de D. João VI, onde o Barão do Rio Branco hospedou o Sr. Elihu Root em 1906, e que, arrazado, teve sua área dividida e vendida em lotes.

Oxalá não tenha o mesmo destino o grande terreno do velho Senado e em seu lugar não se levantem amplos armazéns de Seccos e Molhados, ou de Ferragens, Madeiras e Materiaes para Construcções...

EDUARDO LIMPO DE ABREU

S. Paulo — 1924.





## CAPÍTULOS DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS

### V

**O** MARECHAL Francisco José de Souza Soares de Andréa, que acabava de pacificar a província do Pará, foi nomeado Presidente e commandante das armas de S. Catharina, e seguiu no dia 12 de Agosto para seu destino, levando reforços de tropas. Tomando posse a 18, principiou logo a organizar forças, que deviam marchar contra os rebeldes e reconquistar as posições perdidas. Com ellas formou o acampamento do Morro dos Cavallos.

Mariath, nomeado commandante das forças navaes, fez sahir logo para o cruzeiro diversos navios de guerra, e com outros sahidos do Rio de Janeiro, em breve cruzavam entre Laguna e barra do Rio de Janeiro a corveta *Regeneração*, o briguj *Imperial Pedro*, as escunas *Andorinha* e *Calliope*, *Bella Americana* e *Primeiro de Abril*, o brigue barca *Vinte nove de Agosto*. A corveta *Regeneração* avistou os navios corsários perto de Santos, mas não poude apanhal-os- No dia 2 de Novembro, o brigue *Andorinha* trocou alguns tiros com o *Rio Pardo*, do commando de Garibaldi e o *Serval*, do commando de Griggs, tomando-lhe uma das presas, a escuna *D. Elvira*. O outro navio corsário, *Caçapava*, do commando de um brasileiro, Dutra, fizera-se ao mar com três presas, uma das quaes entrou pela barra de Cananéa, sendo presos alguns dos corsários. O *Andorinha*, reforçado com o *Patagônia* e *Bella Americana*, continuava a perseguir as duas escunas rebftrjes. No dia 4, entraram estas na enseada de Imbotuba, e um dos navius imperiaes foi procurar reforço. Emquanto Mariath combinava com o commandante das forças de terra uma operação contra os cor-

sarios, Garibaldi, com uma presa e outro corsário, escapava-se na noite de 5 de Novembro, vindo fundear tranquillamente na Laguna, apesar do bloqueio do primeiro.

Entretanto, pelo lado de terra o general Andréa organizara uma expedição para retomar a Laguna. Do Rio Grande tinham seguido por mar 800 homens para se reunirem á columna de Santa Catharina.

A força acampada no Morro dos Cavallos era commandada pelo tenente-coronel José Fernandes dos Santos Pereira.

Algumas pequenas sortidas foram praticadas por ella com alguns pequenos vasos de guerra, cahindo em seu poder 30 canoas que os rebeldes haviam preparado para a passagem dos rios, e atacando a vanguarda do coronel Teixeira, que deixou em seu poder algumas armas e cavallos.

Depois dessas escaramuças, acampou Fernandes a uma legoa de Laguna para atacar o grosso das forças de Canabarro, de combinação com a esquadra.

Os rebeldes tinham já alheiado de si as sympathias dos catharinenses. As violências, saques completos e depredações haviam ferido a indole e o character de um povo pacifico.

Os que eram obrigados a empunhar as armas buscavam apenas ensejo para fugir, escapando ás duras penas reservadas para os desertores. Os que tinham interesses a guardar, viam-nos lesados pelas extorsões dos chefes rebeldes, e se uma reacção não se operava contra o dominio anarchista, era isso devido ao terror que soubera elle incutir no animo daquellas populações. A aproximação das tropas legaes foi encorajando aquelles povos, e as deserções se pronunciaram numerosas nas columnas de Canabarro.

A altivez e especie de desprezo com que os rio-grandenses tratavam os lagunenses, e a brutalidade de que já haviam dado provas, pondo a saque povoações inteiras, como a de Imarahy, saqueada por ordem de Canabarro, facilitavam o triumpho legal. Sua força era alem disso muito mais numerosa do que a rebelde, que contaria apenas 1.000 homens.

Resolvera Canabarro abandonar a posição, e principiara a passar para a margem meridional da lagoa os grandes despojos tomados á cidade, suas bagagens, e mais trens de sua columna.

No dia 14, apesar da ausência do Presidente, tenente-coronel José Fernandes e o capitão de mar e guerra resolveram effectuar o ataque no dia 15.

Canabarro havia effectuado sua passagem nessa manhã, e as avançadas de Fernandes apenas trocaram alguns tiros com alguns retardatarios. No porto, porém, a cousa era differente.

A' entrada, uma bateria de 6 canhões defendia o porto. Os navios ao mando de Garibaldi — *Rio Pardo, Seixal, Itaparica,*



*Caçapava*, *Libertadora* e *Sant'Anna* — formavam semi-circulo debaixo do forte. As outras embarcações estavam occupadas em conduzir o resto da gente de Canabarro.

Ao meio dia, a esquadra imperial investiu a barra em numero de treze navios, de diifferentes lotações.

A primeira divisão era composta de quatro lanchões e uma canhoneira, sob o commando do 2.º tenente Manoel Moreira da Silva.

A esta seguiam-se á distancia mais duas canhoneiras, ao mando dos primeiros tenentes Francisco Pereira Pinto e Francisco Luiz da Gama Rosa. Fechavam a retaguarda da esquadra os patachos .9. *José*, *Desterro* e *Rellico*, os brigue-escunas *Eolo* e *Cometa*, as escunas *Bella Americana*, todas sob o commando de Mariath.

Entre a fortaleza e os navios rebeldes e a esquadra imperial engajou-se vivo e pertinaz fogo. A artilheria dos navios rebeldes foi desmontada no fim de uma hora de combate, e o combate continuou a clavina. A fortaleza, depois de poucos tiros, calara seu fogo e fôra abandonada. A tarde, os rebeles cessavam o fogo. Os commandantes dos seus navios tinham sido todos mortos, John Griggs fôra cortado em dous pedaços por uma bala de canhão; João Henrique, commandante do *Itaparica*, morrera de uma bala no peito; os outros tiveram a mesma sorte; só escapou Garibaldi. Lançou este fogo aos três navios que haviam resistido e retirou-se para terra com os poucos sãos. O *Seixal*, o *SanfAnna* e o *Lagunense*, foram aprisionados, depois de abandonados pela tripulação, que fugiu para terra. O *Rio Pardo*, *Itaparica* e *Caçapava*, incendiados por Garibaldi, arderam matando alguns prisioneiros e feridos que ali tinham ficado. O ultimo, que levava quatro rombos de bala e fôra a pique, foi tirado do fundo pelos imperiaes.

As perdas eram graves. A esquadra imperial teve 38 feridos e 17 mortos, ao todo 55; entre os quaes um guardn-marinha. Os rebeldes perderam numero superior e Garibaldi o confessa nestes termos: "O combate foi horrível, e mais mortífero do que se poderia pensar." Antes de incendiar os navios, passou elle revista aos feridos e acrescenta: "Era um verdadeiro açougue de carne humana; andava-se por cima de montões de cadaveres".

Estava anniquilada a marinha rebelde; nunca mais deveria surgir, mesmo porque Garibaldi, o que fôra seu creador, devia abandonar dahi a pouco tempo o serviço da republica.

Em poder dos legaes cahiram muitos navios marcantes e munições, que aliás lhes pertenciam quando a Laguna foi abandonada por Villas Boas.

Os rebeldes, descendo para a fronteira de Santa Catharina, internaram-se no Rio Grande.



Assim terminou essa desastrosa expedição de Santa Catharina, que por um momento ameaçou perturbar todo o Brasil, e deu causa a agitar-se pela segunda vez a idéa de apressar a maioridade do Sr. D. Pedro 2°.

A sua influencia sobre a marcha dos negocios públicos foi grande. Essa revolução do Rio Grande, que os políticos tanto estudaram sobre a qual tanto dissertaram, ás vezes por fôrma dispartada, aterrou um momento os nossos homens. A possibilidade de uma marinha dirigida por audazes aventureiros, perseguindo a navegação mercante, produziu mais effeito que as sticcessivas derrotas e descalabros de Elisiário e Antero. O governo foi autorisado a engajar estrangeiros, a contrahir um emprestimo, e as medidas que tinham sido até então regateadas ao executivo, lhe foram dadas ante o perigo que o Rio Grande, S. Paulo, Santa Catharina e Maranhão apresentavam.

Essa expedição fez grande mal á rebelião rio-grandense.

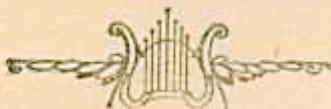
Lages, que-ha dois annos adherira á dissidência, voltou temporariamente ao dominio legal.

A revolução continuou a encerrar-se na malfadada provincia do Rio Grande do Sul.

Emquanto estes factos todos se passavam, dera-se uma nova modificação ministerial. Em 1.º de Setembro, o conselheiro Candido Baptista deixara as pastas do estrangeiro e fazenda, e Francisco de Paula Almeida e Albuquerque as da justiça e império. Para substituil-os foram nomeados: império, desembargador Manoel Francisco Galvão; estrangeiro, senador Caetano Maria Lopes Gama; justiça, Francisco Ramiro de Assis Coelho; fazenda, senador Manoel Alves Branco. O conde de Lages e Jacintho Roque de Sena Pereira conservaram as pastas, aquelle a da guerra e este a da marinha.

Era este o ministério que devia atravessar uma das mais rudes crises de nossa vida parlamentar e politica.

EUDORO BERLINK





## “ O VIGIA DA CASA GRANDE ”

**O** ILLUSTRE sociologo Oliveira Vianna, autor do "Populações Meridionaes do Brasil", dirigiu ao sr. Mario Sette a carta abaixo, a proposito do seu romance "O Vigia da Casa Grande":

"O teu *Vigia da Casa Grande*, que o Lello deu numa tão graciosa encadernação, eu o li com o mesmo interesse cem que li os outros teus romances, e vejo que a mestria do autor do *Senhora de Engenho* e do *Filha de D. Sinhá*, no traçar a psychologia das nossas mulheres da velha aristocracia das fazendas, conserva todas as suas finas e admiraveis qualidades no retraçar a alma rude e bella dos nossos caboclos ruraes.

Não sei de romancista nosso, a não ser José de Alencar, que nos saiba pintar com tintas mais subtis e delicadas o nascer de uma paixão no coração de uma mulher, digo-o sinceramente. E não só o nascer, mas também o florescer, prncioalmente quando este florescer é o das violetas, discreto e occulto, mas não, decerto, menos inebriante em seu perfume.

Retraçaste o meio rural do norte com toda a sua rude bclleza, e como me sinto lisonjeado quando reconheço através das tuas paginas que'o fundo moral do nosso povo, não só nas classes aristocraticas, mas mesmo nas modestas classes plebéas do nosso interior, é feito da mesma nobreza, do mesmo cavalheirismo inconsciente, dos mesmos sentimentos de fidelidade, honra, justiça, bondade!

Ha ali uma explosão selvagem de instinetos insopitaveis e incultos, mas, também, mesmo naquelles capazes de picar um mortal "todingo de faca", como o teu Antonio Pedro, quanta nobreza,



quanta abnegação, dignas de um lidador medieval prompto a brandir a sua lança em prol da sua dama!

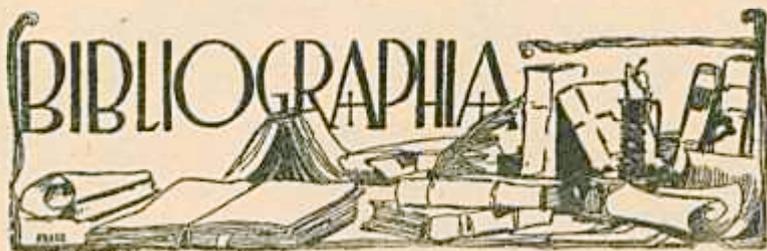
Estas cousas commovem-me e me alagam de uma infinita ternura por toda esta humilde gente que moureja e vegeta na obscuridade dos nossos sertões, á sombra, nem sempre grata, do nosso patriarchado fazendeiro.

Toda a minha obra, como também a tua, respira uma intima sympathia por ella e agora, sentindo-a assim interpretada por um artista, como tu, fino na psychologia e rico nos matizes, ainda mais funda e consciente se faz esta sympathia, já instinctiva, já hereditária, já subconsciente em quem tem atraz de si quatro gerações de senhores de terra e que é, também, graças a Deus, senhor de terra.

Sou-te grato, caro Sette, pela tua dedicaioria e pelo fino prazer intellectual que me dèste com esta tua linda novella sertaneja, onde palpita tanto da alma da nossa *gens* e tanto brilha a graça e o esplendor das nossas paysagens.

OLIVEIRA VIANNA





*HISTORIA LITBRARIA DO RIO GRANDE DO SUL —  
João Pinto da Silva -r- Ed. Barcellos, Bertaso & Cia. —  
Porto Alegre — 1924.*

O velho conceito do determinismo geographico, que dava ao meio physico partes bastantes para engendrar á sua maneira o character collectivo dos grupos humanos — já não ha quem o faça defensável. Não que sua influencia seja nulla. Age, sim, mas em conjuncto, collaborando com factores outros de mais assignalada valia. Orientado por estas idéas, demonstra-nos o sr. João Pinto da Silva que, para a formação do character collectivo gaúcho, a geographia physica influuiu muito menos que a geographia politjca. E de facto. Corram-se as paginas da agitada historia da provincia de São Pedro, que se encontrará em cada homem um soldado e um bravo. Sentinella avançada da nacionalidade, lá onde as lindes patrias iam e vinham ao sabor das arremettidas e recuadas do vizinho, o gaúcho teve que se amestrar na militança e pôr-se em campo na defesa da terra. A incommensuravel horizontalidade pampeana exigiu a ajuda do cavallo. O guerrilheiro fez-se centauro indomito, e veiu, desde os tempos da colonia do Sacramento até os dias de hoje, praticando o heroísmo e a bravura. O meio physico foi apenas a determinante do genero de sua actividade guerreira.

Da acção assim pronunciada do instincto de nacionalidade, adveiu-lhe ao character collectivo profundo sentimento de igualdade. Ante o imperativo da defesa a todo transe, estancieiros e peões se irmanaram como se irmanam no desporto do pastoreio: sem hierarchas, nem de classes, nem de posições. Irmãos na guerra, como irmãos na paz. O resto do paiz, no emtanto, abandona-os aos seus destinos. Dá-lhes apenas platonico apoio á obra de reacção contra a caudilhagem transplatina... Desta guisa, não causa extranheza que no animo gaúcho se fosse levedando um anceio de independência, que mais tarde vae consubstanciar-se numa constituição peculiar, por muita maneira contrariadora das idéas que presidiram á organização do governo republicano. Taes prerogativas de independencia não escaparam á sagacidade do sr. João Pinto da Silva. A paginas tantas, pondo em evidencia as influencias oppostas que agiam sobre o grupo rio-grandense, descobre-lhe a comprehensão de que "o mais acertado ainda era permanecer fiel aos governos longinquos e retrogrados do Rio Grande do Sul"...

A proibidade do critico, porém, não foge á constatação de que nem so para bem veiu essa faina bellicosa. "Duas das qualidades negativas do gaúcho — o orgulho explosivo e a relativa incapacidade para toda especie dc trabalho continuo e regular — foram por ella, quando menos, largamente estimuladas e aggrãvadas". Fóra do pastoreio, que o faz andejo e



emproado, o gaúcho não age. Si a terra produz, é porque, a seu lado, ali mourejam, ha cem annos, o colono italiano e allemão.

A proposito, frisemos este ponto. Mais que em qualquer outra zona do paiz, no Rio Grande do Sul encontrará o nosso anthropologista farto campo de estudos. Açorianos os primitivos colonizadores, em contacto frequente com hespanhoes, "paulistas" (já então com características marcadas), índios e negros, gerou-se desse caldeamento o homem de hoje, com caracteres acentuadamente aryanisados, o qual funde agora, com o elemento alienígena, o gaúcho de amanhã.

Deixemos, porém, isso de problemas anthropologicos, que não cabem aqui, nem couberam no livro do sr. João Pinto da Silva. O que lhe occorreu — e realizou na mais bella promessa de um sociologo de pulso — foi fixar as linhas mestras da formação do homem do sul, de maneira a poder verificar-lhe a evolução cultural. Na verdade (concordemos com o autor) o Rio Grande do Sul não pode, sob este ponto de vista, hombraer com outros centros do paiz. O açoriano, si trouxe para lá uma compleição robusta, que lhe permittiria gerar homens de bella estampa, lastrava-se, porém, de absoluta ausência de cultura, o que não acontecia com outros grupos lusitanos que, oriundos de meios mais adeantados, aclimaram muita vez em nosso litoral verdadeiros typos de elite. O ensaio das missões jesuítas encontrou a perseguição tenaz do bandeirante, que se enrijava para a luta porvindoura na alheta do ouro e da esmeralda.

Pouco antes da independencia, em 1821, o Rio Grande mandava dizer ás Côrtes de Lisboa que não podia representar-se lá por falta de pessoas idôneas, a não ser que o permittissem a funcionarios públicos... Só em 1880 é que Porto Alegre, séde do governo, ganha a primeira escola regular. A deficiencia dos transportes e a necessidade de permanecer todo olhos para a fronteira não permittia aos paes botar os filhos em estudo. Ademais, a fortuna só então lhes abria os braços, em paga do devotamento com que se davam ao pastoreio.

Dados taes antecedentes guerreiros, era natural que a literatura rio-grandense trouxesse, ao surgir, características épicas. Mas não é o que se dá. Quando se verifica a ecclosão do seu primeiro grande poeta — o Barão de Santo Angelo — o que se canta não são as glorias do pago nativo, mas a pertinacia do descobridor genovez. Tão chocante ausência de espirito épico vae manter-se até aos nossos dias, mesmo nas mais rudimentares manifestações de estro, quaes as quadras do folk-lore. Destas — affirma-o o autor — a característica é o subjectivismo, o tom lyrico e sentimental.

Depois de estabelecida assim a posição singular do gaúcho, passa o autor a estudar-lhe a relativamente tardia floração literaria, o que faz em paginas de percuciente analyse, com a mesma segurança e o mesmo tom amavel com que já nos traçara algumas *Physionomias de novos*. São, primeiro, Delphina da Cunha e Manoel de Araujo Porto Alegre, e a seguir, Lobo da Costa, Mucio Teixeira, Fontoura Xavier, Renato da Cunha, Zeferino Brasil, Marcello Gama, Pedro Velho, Appolinario Porto Alegre, Alcides Maya, Simões Lopes Neto, Victor Silva, Barbosa Neto, Leal de Souza, Alfredo Varela, Ferreira Rodrigues, Assis Brasil e outros. Merecem-lhe capítulos destacados o regionalismo, o teatro, a historia, o parnasianismo, a critica, o jornalismo. Chegando té os novos e novissimos, apresenta-nos bella falange que parece querer desmentir a incultura inicial da provincia. Aliás, o Rio Grande de hoje é uma das regiões mais cultas do paiz, para o que tem sobremaneira contribuído a disseminação das escolas primarias.

A "Historia Literaria do Rio Grande do Sul" é, em resumo, contribuição das mais valiosas para a historia da literatura nacional. O que com



este nome se ha publicado por ahi passará por acurada revisão quando de cada provincia se tiver o quadro exacto da evolução mental. Esquecem-se os historiadores de que o paiz não é a Capital Federal, o que os leva a generalisações absurdas. Só o estudo parcellado e in-loco, como o faz o sr. João Pinto da Silva poderá trazer o cabedal com que amanhã se faça a synthese definitiva.

*A MORENINHA* — Joaquim Manoel de Macedo — Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.

Um dos romances mais lidos no paiz é *A Moreninha* de Macedo. Não ha rapaz ou rapariga que ahi pelos 16 annos não se encante com essa historia de amor, que, vamos lá, tem suas partes apreciaveis. As edições, no emtanto, não correspondem ao interesse do leitor: ou são deselegantes e amedrontadoras; ou inçadas de erros e enxertias. A revisão anda por ellas como pés por brasas. Esta, no emtanto, está que nada se lhe pôde arguir. Artistica de ambos os lados. Ainda mais e melhor: lápis adextrado andou-lhe pelas paginas, a matar gatos de autor e revisor, a escoimar imperfeições, de maneira que maior realce adviesse á obra de Macedo. Já se pode lê-la sem a necessidade de coragem muita. A fluência da narrativa não se embota no solecismo deselegante nem no pronome que briga com o ouvido.

*MENINA E MOÇA* — Bernardim Ribeiro — Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.

*Menina e moça* — é um dos livros fundamentaes da literatura portugueza. Poema primoroso, em que se excellou o saudosismo do vate desventurado, anda por ahi em successivas edições de milhares e milhares. Não ha bisonho iniciando em cousas de amor e literatura, que se não detenha a esmiuçar o segredo daquellas paginas ao parecer rebarbativas e insossas... No emtanto, vencido o pavor inicial, tudo o mais são flores... A leitura se faz com o mesmo prazer com que se beijaria a boca da donzella chorrada...

Pezar do tempo, *Menina e moça* remanesce na narrativa de Binnarder. Romances de amor são o que ha de mais perdurável sobre a terra...

Esta edição, porém, não se alista no rol das edições vulgares. Ha que lhe destacar o logar, não só pela apresentação material, que já de si anima á leitura, como pela revisão cuidadosa por que passou. Neste ponto, não só se emendaram erros que fazem praça em muita tiragem barata, como se teve o louvável cuidado de elidir despiciendos archaismos que, sem alterar a essência do pensamento e da forma, trazem á obra maior fluidez.

*QUINZE NOITES* — Yaynha Pereira Gomes — Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.

Ao já elevado numero de nossas prosadoras, junta-se agora o nome da sra. Yaynha Pereira Gomes, que se nos apresenta com os contos de "Quinze noites". Não é, porém, estréa. Duas collectaneas de versos que já deu ao prelo, assignaram-lhe logar entre as mulheres cultas do paiz. No ejitanto,



graças ao tolo preconceito de que poesia é fructo por ahi encontradiço ao alcance de qualquer mão mais ou menos hábil, os críticos se avezaram a só julgar da valia de cscriptor que surde quando o faz pela prosa. De sorte que se esperava da poetiza a revelação da prosista, para só então se referendar o veredicto. Estamos que a critica não terá motivos para se ar-repender do bem que lhe disse. "Quinze noites" confirma-lhe os fóros con-quistados.

Trata-se de uma serie de contos, muito leves e bem de serem lidos por senhoritas. A autora escreve despretenciosamente, como si conversasse com o leitor, num tom de familiaridade que, si ás vezes descamba para o vulgar, o mais delias se mantém em justo meio termo, com merecido respeito por elle. Não o assedia com pomposas baterias de adjectivos, nem o arrasta a regiões maravilhosas em que tudo é fantasia. Atem-se ao meio em que vive, a casos de nosso dia-a-dia tão agitado e cheio de convenções.

HARMONIA DOLOROSA — Zito Baptista — Rio — 1924 —  
Empresa Brasileira Lux.

Em 1919 appareceu, no Rio, um livro de versos a impor uma forte individualidade litteraria. A critica recebeu-o com os mais francos elogios. Bilac teve oportunidade de dizer que o volume surgido tão victoriosamente era um dos melhores, dos mais fortes publicados no Brasil nos últimos dez annos. Com tão autorisada recommendação, o livro passou para o numero das obras destinadas a ficar.

O livro tinha o titulo de "Chamma Extincta" e o poeta chamava-se Zito Baptista. "Chamma Extincta" está em segunda edição. Agora, vem o poeta de publicar mais um livro — "Harmonia Dolorosa".

Zito Baptista mostra-se o mesmo alto poeta, cuidadoso da forma e cheio de commovida simplicidade, que é uma das facetas por que se distingue honrosamente dentre os aedos nacionaes. Em meio da vertigem da época actual, consegue o poeta ser romântico; não desse romantismo piegas que desgraçadamente matou toda uma geração de chloroticos, mas dum romantismo requintado e discreto. Seus versos serão sempre lidos com enternecimento porque, pezar de tudo, o sentimento humano muda mas não se extingue. O sentimentalismo requintou e, numa bella attitude mental, desabrocha como certas flores discretas que, abertas á noite, perfumam o silencio que as envolve... Accrescente-se ainda a esse sentimentalismo a sobriedade e a discreção, pela comprehensão dolorosa da vida... E' bem um poeta discreto na sua dôr.

Transcrevemos de "Harmonia Dolorosa" o seguinte soneto, pelo qual o leitor poderá ajuizar do poeta e da sua arte:

"Em vão, no encalço da felicidade,  
Que muita vez em sonhos antevia,  
Sacrifiquei os restos de energia  
Da minha accidentada mocidade.

Só eu sei o furor com que investia,  
Num largo gesto de temeridade,  
Para alcançar tudo o que nessa idade  
Julguei que ao meu orgulho bastaria.



E ao fim de tanto esforço despendido,  
Sem a compensação que ambicionára,  
Nem de leve me sinto arrependido;

Antes fôra-me o senho mais propicio,  
Se outro sôpro de vida me animára,  
Persistir nesse inútil sacrificio.

*SVNOPSE DO RECENSEAMENTO DE 1920 — Directoria  
Gera! de Estatística — Typ. da Estatística — Rio — 1924.*

Continuando a publicar, parcelladamente e em resumo, as principaes informações referentes ao inquérito realizado em 1.º de setembro de 1920, divulga a Directoria Geral de Estatística nesta synopse os resultados censitários apurados nos Estados e nas respectivas capitães, em relação ás edades e aos defeitos physicos dos habitantes do Brasil, segundo o sexo e a nacionalidade; estabelecendo também o confronto do censo de 1920 com os recenseamentos effectuados anteriormente, em 1872, 1890 e 1900.

A distribuição da população pelos vários grupos de edades demonstra que são mais numerosos no Brasil os habitantes maiores de 15 annos (17.557.282), tanto no sexo masculino (8.810.201) como no sexo feminino (8.747.081), comprehendendo a população escolar de 7 a 14 annos 6.582.017 habitantes (3.345.213 do sexo masculino e 3.236.804 do sexo feminino) e a população infantil de 0 a 6 annos 6.496.306 almas (3.288.404 homens e 3.207.902 mulheres). Em números relativos, correspondem, respectivamente, á população infantil de 0 a 6 annos, á população escolar de 7 a 14 annos e á população adulta de mais de 15 annos as taxas proporcionaes de 21 %, 22 % e 57 %. Em 1872, 1890 e 1900, os mesmos coeficientes eram assim representados: população infantil de 0 a 6 annos, 15 %, 21 % e 24 %; população escolar de 7 a 14 annos, 13 %, 20 % e 21 %; população adulta de mais de 15 annos, 67 %, 59 % e 55 %.

Pelos algarismos apurados no inquérito de 1920, havia nesse atino, no Brasil, 29.874 cegos e 26.252 surdos-mudos, ou projwrcionalmente, 10 cegos e 9 surdos-mudos em cada 10.000 habitantes. Segundo os recenseamentos effectuados em 1872 e 1900 eram as seguintes as porcentagens relativas aos dois mencionados defeitos physicos: 16 cegoj e 11 surdos-mudos em 10.000 habitantes, em 1872, e 11 cegos e 4 surdos-mudos em 10.000 habitantes, em 1900.

Nos quadros estatísticos que se seguem figuram, separadamente, cm relação aos Estados e ás capitães, não só os totaes da população do Brasil, segundo o sexo, a idade, a nacionalidade e os defeitos physicos, como também os respectivos coefficients verificados no recenseamento de 1920 c, anteriormente, nos inquéritos realizados em 1872 e 1900.

*VALOR DAS TERRAS NO BRASIL — Directoria Geral de  
Estatística — Typ. da Estatística — Rio — 1924.*

O valor das terras, por hectare, constante da presente publicação, representa a média geral, calculada segundo as informações individualmente fornecidas petos possuidores ou administradores das propriedades ruraes,



recenseadas, conjuntamente com a população do Brasil, em 1.º de setembro de 1920.

Conforme se pôde verificar pelos algarismos divulgados no 1.º volume do censo agro-pecuario, foram recenseados, em 1920, nos vários Estados, no Districto Federal e no Territorio do Acre, 648.153 estabelecimentos ru-raes, com a área total de 175.104.675 hectares (pouco mais de 20 % da superficie territorial do Brasil) e o valor de 10.568.008:691\$000, corres-pondendo propriamente ás *terras* 8.325.275 :527\$000 (78,8 %), ás *bemfei-torias*, 1.918.186:722\$000 (18,1 %), e finalmente, aos *machinismos e in-strumentos agrarios*, 324.546:442?000 (3,1 %).

Os dados estatísticos, ora publicados, representam muito approximada-mente o custo das terras nos vários municípios, baseando-se as declarações feitas pelos lavradores e criadores no valor venal dos 648.153 immoveis ru-raes, arrolados no recenseamento da agricultura. Para facilitar a divul-gação de tão úteis informações, resolveu a Directoria Geral de Estatística reunil-as em publicação especial.

A *BOTICA "AO SELVAGEM"* — Wilhelm Raabe — Trad.  
Clemente Brandenburger — Livraria Edanee — Rio — 1923.

Amigo que é das letras brasileiras e allemãs, Clemente Brandenburger emprehendeu a traducção de uma novella de Wilhelm Raabe, grande hu-morista allemão, fallecido em 1910. Esta sua escolha, porém, não quer dizer que se trate da obra prima do autor. Moveu-o apenas o facto de ter a novella ligação connosco, pois seus últimos capitulos se desenvolvem em nosso paiz. A traducção é, de um modo geral, bõa, com apenas incorrec-ções perdoáveis. Mas a obra não chega a dar a medida de escriptor tão encomiasticamente apresentado.

*VIDA NOVA!* — Soares de Faria — Livraria Moraes — Bello  
Horizonte — 1924.

"Vida nova" é uma novella desinteressante, numa linguagem sem bri-lho, em que as chapas se succedem. Concorre ainda para a má impressão o mau acabamento do trabalho typographico.

*AI!* — Era Diavolo — Paulo — 1924.

Com um bello prefacio de Godofredo Rangel, reunem-se neste volume poesias de vario tom, quasi sempre com pretenções a humorismo. Si não consegue plenamente tal fito, mostra, porém, possuir Fra Diavolo estro es-pontâneo. Com um pouco de cultivo, suas qualidades poderão dar melhor de si.





### UMA FIGURA DE "FAR WEST"

O sr. Carlos Leoncio de Magalhães, presidente da Sociedade Rural Brasileira, é o homem mais habitável de S. Paulo, como diria um francez optimista. E' uma authentica figura de "far-west", crua de nervos, impetuosa de gestos, jovial de espirito, pittoresca de idéas, e que introduziu — elle o único em S. Paulo! — o americanismo na gleba de Geca-Tatú.

Imaginou no sertão araraquarense uma enorme concentração agricola: 18 fazendas fundidas numa só propriedade, de baixo de uma mesma vigorosa technica econômica. Falando-lhe, a gente tem a sensação de conversar com um "yankee", mas com um "yankee" quasi prestidigitador, tal a virtuosidade com que, defrontando muitas vezes tremendos obstáculos, o magico que elle é, pôde delles sahir-se sorridente, e limpo nos bancos, e prospero na fortuna. Um homem admiravel, em summa, que, enraizando-se em Araraquara, lançou o seu desafio a Gabriel Tarde, afim de provar que o espirito administrativo não é apenas feito de actos de imitação, senão também de invenção. E elle não inventou só uma victoria politica administrativa, com a qual logrou triunphar nos empreendimentos aos quaes se abalançou, se não que inventou ainda, na literatura agricola de S. Paulo, um estilo, uma linguaagem e uma technica de argumentar peculiares a si.

Se, improvisando em pouco tempo uma cultura de assumptos economicos, conseguiu armar-se, como está, com unhas de tigre, calcule-se o que não seria este marroeiro deslumbrante, com cinco annos de

Academia e tres mezes de viagem á Europa. O dr. Washington Luis pretendeu implantar o imposto único em S. Paulo. A campanha emprehendida pelo sr. Carlos Leoncio de Magalhães, contra elle, é um acontecimento, que só nos Estados Unidos se poderia conceber. Elle tem a intuição instantanea dos methodos de combate da propaganda politica americana. E sabe realisar-os com o êxito, de que os "yankees" têm o segredo. Organizou aqui "comités" de resistencia, fez conferencias, prometeu aos colonos a terra, de graça, comtanto que elles não pagassem o tributo; imprimiu folhetos, cartões postaes, com charges e caricaturas, lançando o ridiculo, as chuvas de mofa, a fuzilaria do sarcasmo sobre o adversario, numa rajada tão febril que imposto, Washington Luis e Luiz Silveira, tudo levou a breca!

E do "imposto único", só ficou de "único" o êxito da sua campanha sensacional!

O Brasil é um paiz de intelligencias puras, de economistas abstractos e de legisladores pessoases. O sr. Leoncio de Magalhães faz a economia pratica. E, como conquistou no seu enorme dominio uma experiencia extraordinaria este "junker" conhece o governo da coisa publica como um profissional de administração, educado na melhor escola. Começou a vida dentro de 4 palmos de terra, com 15 contos emprestados. Hoje possui quasi 4 milhões de pés de cafés, reunindo toda esta fortuna num bloco homogeneo de fazendas, cortado por trezentos kilometres de estradas, e tendo dentro delias 14 estações der caminho de ferro.



Ha cinco annos, com o cambio a .18 um syndicato italiano mandava-lhe offerecer pelo sr. Braz Altieri, 10.500 contos de réis, e cile resistia. Ha quatro mezes, lord Lovat, da Missão Ingleza, e o sr. Green da "Brazilian Warrant", lhe põem nas mãos 20 mil contos, com a faculdade de elle reservar para si 500.000 pés de café e 12.000 cabeças de gado, isto é, mais de 9 a 10 mil contos. E o sr. Leoncio de Magalhães hesita...

Perguntei-lhe como, sem dinheiro, num paiz de credito difficil pudera, em menos de dois decennios, organizar uma propriedade desta, e elle me respondeu sem pestanejar, seccamente:

— Emittindo!

E abriu uma gaveta da sua secretaria, mostrando-me duas pastas de promissórias, entre 20 e 400 contos, que só este arnio lançara no mercado bancario. . .

— Mas ouça, acrescentou, eu recolhi as minhas netas, uma vez obtido o fim que tinha em mira, e que era produzir, ao passo que os nossos governos deixam para sempre as do Thesouro no meio circulante.

Pedi-lhe, a proposito, a sua impressão sobre o retrahimento da carteira de desconto do Banco do Brasil, e elle me disse:

— O Banco do Brasil não está correspondendo á missão para a qual foi remodelado. A sua reorganisação obedecia a fins que, parece-me, não estão sendo fielmente realisaados. A producção nacional se resente da falta de execução desse programma. Não posso comprehender porque emissões lastreadas por effeitos commerciaes possam trazer como consequência a baixa do cambio, pois que a alta deste só se obtém com abundancia de exportação e para exportar é indispensável produzir. Mas como produzir, pergunto eu, se não ha meios afim de criar a riqueza?

"As emissões com lastro, rigorosamente cumpridas só podem trazer beneficios ao paiz. O que é preciso fazer é incinerar as notas depois de preenchido o objectivo para o qual foram emittidas. Porque era troca da restituição, permanece o producto, que fpi lançado ao mercado. Se por nós consumido, elle resulta benefico, porque evita a sahida de ouro, uma vez que não adquirimos lá fóra o similar estrangeiro; se exportado não serão menores os proventos, á vista da entrada de ouro no pak.

"A vida economica de uma nação é perfeitamente igual á de um industrial ou de um agricultor. Confesso, com enorme orgulho, que devo todo o meu successo ás letras, que accitei, e que foram resgatadas a tempo, porque com os recursos que ellas me proporcionaram, pude produzir, e com o producto do meu trabalho fui resgatal-as ao poder daquelles que as tinham descontado.

"Ah! meu amigo se os governos que se têm succedido no Brasil fizessem o mesmo, agindo com a preocupação de estimular e facilitar a producção, quanto estariam mais adiantados e desenvolvidos! Que firme cambio para trabalhar, não teriamos nós productores, que vivemos todos das incertezas eternas do amanha!"

O presidente da Sociedade Rural não se resifyna com a campanha contra a alta do café. E exclama:

— O paiz perde ou ganha com a alti do café? pergunta-me elle. Todo o mundo está farto de saber que o nosso carvão, o nosso aço, o nosso petroleo, é o café. Elle é quem dá cambiaes ao governo, ao commercio e ás industrias, afim de estas entidades pagarem os seus compromissos no exterior. Qual então o nosso interesse em vender café barato? Os nossos preços devem estar regulados pela procura dos mercados consumidores; e se elles nos pagam o producto, por um preço compensador, tanto melhor para nós. Quanto mais coberturas tivermos, tanto melhor cambio possuiremos afim de satisfazer o serviço da nossa divida externa e outros compromissos dos particulares. Vendendo café a bom preço, teremos o nosso papel moeda valorizado e papel moeda valorizado quer dizer vida interna barata. Porçar a venda do nosso principal producto, e exactamente daquelle que drena ouro para o paiz, a preço baixo, — não é apenas desalentar os productores, mas é também o Brasil proclamar aos compradores da sua rubiacea, que lhes estamos vendendo, por preços exorbitantes, um producto, cuja alta no mercado obedece a factores de ordem economica, naturaes e legítimos.

"Quem já viu, quando o Brasil pagava mais de 100\$090 por uma tonelada de carvão, a Inglaterra e os Estados Unidos nos virem dizer que o seu pão negro estava caro e por isso elles iriam baixar o preço do combustivel mineral? Não acha



^ue nos arriscaremos a represalias dos paizes que adquirem o nosso café, gritando, como estamos aqui a fazer, que o café é caro, quando a verdade é que o café escasseia nos mercados consumidores do mundo, tornando-se a perspectiva da sua procura maior do que a sua offerta?

"Todos estamos fartos de saber que o mundo se encontra ameaçado de possuir muito pouco café para o seu consumo normal, no anno vindouro. As safras de S. Salvador, Columbia e Nicaragua estão calculadas em menos da metade do anno transacto. A de S. Paulo é um enygma; mas nunca passará de 6 ou 8 milhões. Deste modo, queiram ou não queiram, o preço do café tende a subir muito, a 60 e talvez a 70\$000 por dez kilos.

"Queremos ter a liberdade de commercio. Nenhuma nação produzirá e progredirá sem ella; e se quizer um exemplo, olhe a Rússia. A intervenção do Estado,

nos mercados de consumo, nunca foi medida efficaz para combater carestia de vida. O que temos a fazer é trabalhar mais ainda; produzir mais ainda, mesmo que tenhamos de remover duros obstáculos, sem desanimar, vencendo difficuldades materiaes e moraes, seja a acção do Estado, seja a das pestes, inclusive a do Stephanoderes, este abençoado bichinho, que ahi appareceu, não creia que para destruir-nos, mas, sim, para pôr á prova a nunca desmentida energia paulista!"

Encarei fixamente o sr. Iyeoncio de Magalhães: os seus grandes olhos faiscavam, penetrantes, negros, luzidios, como o pêlo do pequenino insecto africano, na lente do microscopio dos srs. Neiva e Navarro de Andrade."

("O Jornal", Rio).

Assis Chateaubriand

## O BALANÇO DE NOSSAS LETRAS

Pelo exercido franco e seguro da sua sinceridade e pela excellencia da sua cultura literaria, o sr. João Pinto da Silva alcançou impôr-se como um dos criticos mais acreditados da presente geração, ao lado de Tristão de Athayde, Ronald de Carvalho, Mucio Ieão, e poucos mais. Nem sei de escriptor nosso que actualmente seja mais estimado no resto do paiz que o arguto ensaista dos "Vultos do meu caminho". Aqui, como nos demais Estados, é ouvida com sympathia e com respeito a sua palavra culta e avisada. Mais de uma vez, eu tenho visto, quer em livros, quer em jornaes, escriptores e publicistas que, buscando apoio ao que asseveram, tocante a homens e livros, vão consulta-lo, fiados da seriedade e da independencia dos seus juizos.

Não se cuida, porém, que o sr. João Pinto da Silva se aproveite desse prestigio para fazer de sua obra um amontoado vaidoso de affirmações e de sentenças categoricas, como si elle fôra dos derradeiros cultores da lenda já morta da critica scientifica, o ingênuo mistér para o qual a obra de arte era um phenomeno de sentido uniforme e invariavel,

correspondente a uma lei certa. Pelo contrario: um dos traços que marcam mais fundo a bella personalidade do prosador sulino, é essa displicência com que usa o modo affirmativo, envolvendo-o, frequentemente, de circumstancias de duvida, de condição, de medida. "Talvez", "si", "mais ou menos", 'até certo ponto\*', são expressões com que a cada momento recobre a nudez das affirmações. A incomprehensão de alguns, a má fé e a má vontade de outros dirá que e timidez. Por mim, entendo que vae nessa attitude, não só a sciencia judiciosa da transitoriedade das opiniões, mas ainda, sobretudo, o desencantado conhecimento de que a nossa intellectualidade, tacteante, ainda em pleno período de formação, ainda era procura de sua própria phylionomia, de certo que não faculta grande numero de affirmações.

Mas então, que vem a ser a critica? Ouçamos a lição de Wilde e também a de Croce: a critica é uma arte. Tem luz, tem sombra e côr. Não é impessoal: é pessoal. Não tem leis: é livre, obediente, tão só, á lei interior, ao gênio particular do critico, variando de um para outro consoante as differentes projecções que

GALERIA DOS EDITADOS



NESTOR VICTOR,  
autor d' *O Elogio do Amigo*



na sensibilidade de cada um determina um mesmo poema, um mesmo conto, um mesmo romance. Antes de mais nada, confiemos em que a função da critica seja mais fecunda, menos vã do que fosse unicamente "julgar", como si lhe assistisse a faculdade sobrehumana de prescrever a sorte aos valores estheticos.

E' assim que pensa o sr. João Pinto da Silva, e a sua "Historia literária do Rio Grande do Sul", para ser comprehendida ha de ser encarada não menos sob este aspecto que como obra apenas de estudo e investigação.

\*

Antes, porém, de metter a espatula pelas folhas fechadas da elegante brochura, ponho-me a reflectir... Lançando o olhar para o passado, rebusco na m? moria alguns nomes. Um que outro, raro, acode-me á lembrança: Porto Alegre, Felix da Cunha, Apollinário, Lobo da Costa... Mais raros, e retardados, vão-se entre-mostrando outros vultos, que não consigo identificar... E indago, dt mim para mim, si temos, de facto, uma literatura, uma literatura devéras, uma literatura na significação conveniente do vocábulo. O espolio espirital que nos legaram os nossos maiores é um todo vivendo de si mesmo, affectiando um sentido proprio, traindo relações intimas com o ambiente onde se formou? Assignala-o, porventura, um character tal que, embora variavel na fôrma ou na cor, denuncie, no fundo, o mesmo animo, indicativo das aspirações communs de um grupo social diferenciado de outros pela vida que viveu e pelos sonhos que sonhou? Elie obedece a um sentimento igual, manifestando, através dos cambiantes individuaes, um mesmo gosto, um mesmo espirito, a evolução gradativa d? um mesmo pensamento? Finalmente, constituo o precário balanço de nossas letras uma grandeza continua, feita de parcelas necessariamente vinculadas entre si, umas relacionadas com as outras tal como nos sistemas de numeração os termos se relacionam entre si mediante subtracções e acrescimos de quantidades determinadas?

Acreditando que uma literatura é, assim, um conjuncto caracteristico, solidamente cimentado, cujos pontos mais visiveis se prendem, reciprocamente pela interposição de muitos pontos menores, — acaba-se, por certo, negando uma a uma, as interrogações propostas. Não, não temos uma literatura. O que temos é um feixe de nomes antigos e modernos, alguns sobremodo brilhantes, é verdade, um que outro significativo, mas implacavelmente solitários todos, indifferentes uns aos outros, o sentimento fechado ao ambiente moral que os cercava e os cerca, aqui surgidos como por encanto, satélites desgarrados de focos longinquos, cujo calor nem chega até nós. Não esqueço que alguma vez nos tentou a poesia da nossa vida nómade, das nossas estradas rasas e vagabundas, a poesia forte da campeiragem. Mas que obra mofina a que fizemos com Apollinário Porto Alegre e Oliveira Bello na prosa, Taveira Júnior e Mucio Teixeira no verso! Só com o regionalismo contemporâneo é que a nossa paisagem se estampou com nitidez e realidade na poesia, no conto e no romance. Eis a única pagina verdadeiramente "nossa", onde se diz algo de nós, onde se revêem, pela primeira vez, as nossas peculiaridades cavalheirescas.

Porém sabemos que as deficiências de nossa chronica mental, traduzidas, quantitativamente, na sua escassez, e, qualitativamente, na falta absoluta de um sentido local, não carece de justificação. E vem a ser que dos nossos instinctoi apenas um, o bellicosos, pode expandir-se largamente, e por tal modo, que acabou neutralizando, sinão annullando oi mais. As contingências históricas e politicas, em que nos vimos mettidos constantemente, não foi possível, pela própria lei da impermeabilidade, formassem ambiente sympathico ao livre exercicio dei jogos espirituaes, e menos ainda ao sereno desdobramento de gerações literárias.

Entretanto não se conte que o illustre critico rio grandense entretenha sobre isso alguma illusão. Lido o seu livro, com o alto prazer que sóem despertar as obras serias e felizes, essas que demandaram trabalho, e triumpharam — não é licito chegar a conclusão diversa Mercê do conhecimento amplo e demorado das nossas coisas, o sr. João Pinto

da Silva poz tudo nos seus logares, sem exaggerar a plenitude de acção dos nossos escriptores, mas, ao contrario, dando evidencia ao seu isolamento. Sem entender assim, como explicar, por exemplo, que elle haja precisado com tanto empenho a feição psychologica do gaúcho e com o mesmo empenho definido a indole do nosso cancionero popular afim de concluir pela paradoxal disparidade entre o animo do guerreiro e o animo do poeta anonymo? Mais do que ninguém, sabe o sr. João Pinto da Silva de como caminharam diversamente a historia e a ficção rio grandensel

Mas isso fôra motivo a que desprezasse o nosso passado espirital, e não lhe dedicasse o magnifico volume com que ora nos regalai Felizmente, não foi assim que pensou o autor das "Physionomias de novos", e, mais ou menos á maneira por que o notável Zum Felde compoz a "Critica de la literatura uruguaya", porém com mais sequencia, dá-nos uma bella galeria dos nossos poetas e prosadores mais eminentes, estudados com carinho e justeza. Do imponente Santo Angelo destaca o vulto enorme, pondo em relevo, sobretudo, a prodigiosa significação continental do "Colombo". Relembra a bohemia cheia de álcool e de sonho de Lobo da Costa, o emulo quasi ignorado de Casimiro de Abreu, para em seguida retrazar, com graça, o curioso perfil do sr. Mucio Teixeira, mago e poeta. Alguma vez, como no caso do "Parthenon", é de ver o esforço com que o sr. João Pinto da Silva esmiuça alfarrabios e documentos, compulsa velhas revistas e folhetins, para o fim de achar o liame coordenador de tudo isso e restabelecer um borborinho espirital que breve tinha que morrer por inoportuno e desnecessário. E recomeça a galeria illustre. Agora, é Fontoura Xavier, com a nobreza e variedade de sua inspiração, e logo Zeferino Bras'!, e Marcello Gama, e outros. Aqui, faz justa a Renato da Cunha, restabelecendo sua dignidade poética. Nos paragraphos dedicados ao regionalismo, o historiador das nossas letras analisa as figuras de Alcides Maya e Simões Lopes Netto, definindo, com admiravel tacto t

agudeza de vis&o, a attitude de ambos: o primeiro, commovido com a significação das nossas coisas, o segundo, com a sua poesia. Passando, porém, á pagina seguinte, não poude deixar de surpreender-me a omissão do nome de Amara Juvenal, autor do notável poema regional cujas sextilhas correm de bocca em bocca por todo o Estado, tanto sabe ao nosso paladar o profundo pittoresco das suas imagens. Trata-se, realmente, de um dos documentos mais expressivos da literatura cavalheiresca — não de certo, pelo seu aspecto politico, de interesse limitado e passageiro, mas sim pelo largo sentimento local de suas paisagens, pela frescura e sabor de seus conceitos. De outro lado, a independencia de espirito que o illustre escriptor manifesta, regularmente, não justificaria, de modo nenhum, o falso pensamento de que essa exclusão tenha provindo de um inexplicável respeito ao momento politico. Será que, segundo o seu critério, sem duvida diverso do meu, o precioso poema, pelo seu fundo satyrico, não cabe na resenha da vida literaria do Rio Grande? Ainda que eu tema pela sua justeza, manda a mais rudimentar sabedoria que o receba com o acatamento devido a todos os pontos de vista sinceros.

E recomeço a folhear a "Historia literaria do Rio Grande do Sul", qu\* é, sem duvida, uma das obras mais estimáveis que têm apparecido entre nós, desde muito tempo. Servindo sempre da mesma serenidade de pensamento e de observação, o sr. João Pinto da Silva, depois de referir o successo "politico" da "Talitha" e a incrementação dos estudos historicos, passa a evocar os parnasianos, revelando, com acerto, a saudavel acção literaria de Victor Silva na capital do Estado. No ultimo capitulo, reporta-se á controvertida theoria do parallelismo entre o surto economico e o surto intellectual, soccorrendo-ee de casos concretos para exemplificar a sua opinião. E assignalando o desdobramento da riqueza publica no Rio Grande, manda, num gesto de amavel optimismo, que appellemos para o futuro e que "pensemos nos poemas, nos romance», nos ensaios» que estão unicamente á espera de oppor-



tunidade para nascer...\* De que oportunidade se fala aqui? Fala-se, por certo, dessa oportunidade moral, tranquillidade interior, íntima segurança de nós» mesmos, que ainda não temos, que só teremos, quiçá quando esparcarmos da nossa alma colectiva a tremenda inque-

tação que depara nas guerras civis, que ainda nos sacodem, sua tragica expressão de sangue.

Paulo Arinos

Setembro, 1924.

("Correio do Povo", Porto Alegre).

## A HORA DE MORRER

Com a morte de Anatole France, mais uma vez na imprensa nacional se reeditou a velha phrase: "devia ter morrido não sei quantos annos antes". E' esse um refrão que infallivelmente vem à baila sempre que parte um grande homem deste mundo, depois de ter permanecido nelle um certo rol de annos meio fóra do commum. Assim foi com Ruy Barbosa, assim com Rio Branco, e ao proprio Bilac não deixou de haver quem lhe reprochasse, quando morreu, a insistência em se ter conservado vivo uns tantos annos mais do que se lhe julgava adequado.

E' isso, emfim, veso nacional, que como tantos outros não deixará de ter, no fundo, seu tal ou qual grãozinho de asnidade. Porque ninguém decerto morre para os outros e de ordinário só o faz quando al já não pôde.

Ha o caso dos suicidas, que poderia aparentemente allegar-se em contrario; mas desses, ainda, de nenhum se sabe, que tenha cortado o fio da existencia por um mero senso da harmonia, que porventura cuidasse perder-se, se na composição daquella entrassem os annos supprimidos. Suicida-se quem não conta já viver tanto quanto lhe seria agradável.

Evidentemente, o momento mais de feição para morrer um homem é aquelle instante impreciso, que antecede ao do nascimento de uns duzentos e setenta dias, mais ou menos. Mas quem, mesmo por alheia culpa, essa oportunidade perdeu, tão propicia, nem pôde valer-se do mal de sete dias, taes encantos entra depois a descobrir na existencia, que a do mesmo Mathusalém lhe não parecerá exaggerada. Já lá o disseram, aliás, mais de um fabulista, grego, latino ou francez, e, pelo nosso idioma, magnificamente o exprimiu o menos optimista dos poetas brasileiros, nesse poema sincero:

"Viver! Eu sei que a alma chora  
E a vida é só dôr ingrata,  
Pranto, que a não allivia,  
Olhos, que o estão a verter...  
Soffra o coração, embora!  
Soffral Mas vivai mas bata  
Cheio, ao menos, da alegria  
De viver!, de viver!"

Demais, aquella phrase tão batida, como sóe acontecer com as dessa especie, briga com outra, que é também de estilo em caso de obito illustre, de alguém que estava ainda relativamente moço e bem disposto: "Morreu, quando ainda havia tanto a esperar do seu talento!..."

Ora, como se vê, assim se põem os pobres defuntos naquella penosissima e proverbial situação de ser preso por ter e por não ter cão, o que é um lamentável tratamento para gente que já lá vae no rol dos finados.

Nem seria possível, nesse capitulo, lograr-se consenso universal para o fim de estabelecer a data mais propicia em que este ou aquelle cidadão devesse zarp de este mundo, como se se tratasse de um simples embarcação. Porque ainda ahi haveria certamente muita diversidade de parecer. De ordinário só começamos a achar que o proximo está talvez exorbitando do direito de occupar um logar debaixo do sol, desde o momento em que os seus actos ou as suas idéas se nos vão tornando prejudiciaes ou antipathicas. Por exemplo, para os espiritos bellicosos e reaccionários, esse epicurista francez devera ter morrido ha uns quinze annos, que é quando começou a se fazer, meio platonicamente, bolchevista; e o poeta do "Ouvir estrellas", para os bohemios incorrigiveis, excelente occasião perdera, quando lhe deu para se manifestar ordeiro e patriota.

A instancia derradeira, para se conhecer da conveniência em fallecer um cidadão agora, ou daqui a mais tempo, tem de ser portanto a própria opinião do morituro. E vá perguntar-lhe alguém porque deixou de procurar o cemiterio em dada época de sua vida, e é de apostar que terá como resposta o não ser essa, absolutamente, a mais indicada para semelhante passo.

Assim Job, quando um dia se lhe azucrinou mais o animo, não tanto das maguas de que, com a condicional permissão divina, o opprimira o Coisarum, mas, segundo affirma o mesmo citado poeta, por effeito das lamentações importunas dos vizinhos, assim o pachorrento Job, recordando os bons tempos em que era grande personagem entre os levantinos (eraque vir ille magnus inter orientales), e possuía milhares de camelos (tria milia camelorum) e de ovelhas (septem milia ovium), centenas de bovinos (quingenta quoque iuga boum), não suspirava por ter morrido um, nem dois, nem cinco, nem dez annos antes. E essas eram

épocas de fartura e felicidade, quando o seu mór trabalho consistia na hebdomadaria purificação da filharada (septem filii et tres filiae), que nas diarias comzeainas poderiam ter sem malicia offendido o Senhor nos seus corações. Nada disso, senão que, remontando ao principio dos próprias dias, clamava: "Quare non in vulva mortuus sum?" e outras tiradas pouco edificantes.

Donde se vê que é a vida mania que se alguém uma vez a apanha, não ha misérias nem conveniências que lh'a tirem. Pois aquelle mesmo Job, depois de ter passado assim tão maus bocados e amarguras, em lhe dobrando o Senhor a prole e a fazenda, não achou desacertado viver mais cento e quarenta annos. E só veiu a morrer de velho (senex et plenum dierum) e ainda assim, quem sabe se bem contra a vontade!

E' o que, infelizmente, não esclarecem as Escripturas..

*D i a g o r a s*

("O Estado de S. Paulo").

## SÃO PAULO E O DESPOVOAMENTO DE MINAS

*Exposição á Liga Agricola Brasileira de S. Paulo*

Ao conhecimento da digna Liga Agricola Brasileira peço vênia para trazer um testemunho, que a outros se junta, da campanha que se promove no paiz contra São Paulo. E' um documento official do governo de Minas, publicado no orgam official do mesmo governo. Representa, pois, o pensamento da classe dirigente daquelle Estado e uma boa parte da que dirige a nação.

O secretario das Finanças, do Estado de Minas Geraes, sr. Mario Brant, dirigindo-se ao presidente do mesmo Estado, a proposito de carestia de vida, informa, no jornal "Minas Geraes", de domingo, 19 do corrente que, tendo tido "oportunidade de observar perturbações sérias na vida economica do Estado, especialmente a migração de trabalhadores ruraes, que é um dos effeitos conhecidos da inflação" — organisou um inquérito telegraphico entre os collectores estadaues afim de verificar em todos os municipios as entradas e sahidas de trabalhadores ruraes, bem co-

mo o estado de actividade ou de inacção de lavouras antigas e novas.

Não deixa de ser curioso o methodo telegraphico de estudo social, assim inaugurado no vizinho Estado. Assemelha-se um pouco ao processo, não menos telegraphico, das manifestações politicas do interior para a capital. As respostas colleccionadas entre os collectores mineiros, que decerto não são politicos, são de uma tocante unanimidade: — de todos os municipios de Minas, cora excepção de tres, saem colonos para São Paulo e, quando não, para a zona da Mata, com destino a São Paulo, ou para o Estado do Paraná, passando por São Paulo. Salvo tres municipios, que fornecem trabalhadores para

o Estado do Espirito Santo, todos os mais o fazem para o nosso Estado. Directa ou indirectamente, a obsecção é São Paulo. Quem sabe mesmo se Victoria não será simples passagem para território paulista?

O interessante, que não foi observado na mensagem do sr. secretario das Finanças, é que o Estado do Espirito Santo e o Estado do Rio, cafeeiros ambos como São Paulo, não attraem a população mineira. A própria zona cafeeira de Minas é uma passagem apenas... No entanto, para disfarçar a campanha contra São Paulo, é o café e a inflação que são incriminados pelo governo do grande Estado. Convimos, se quizeram, que por ahí alhures a lavoura de café não tenha a organização que ella tem em São Paulo e que assim arrasta populações atrás de si. Seja. Mas inflação não existe sómente em nosso Estado. Existe também no Espirito Santo e no Estado do Rio.

Sejam, pois, francos. O que prejudica a Minas é a fazenda paulista, organizada e operosa e porisso rica; é a iniciativa e o trabalho do paulista; é, emfim, o desabalado progresso de São Paulo. Não é a inflação e não é o café; — é São Paulo, numa palavra.

Depois de vista a pittoresca estatística telegraphica que toma uma pagina do jornal, com os nomes dos municípios e suas respostas unanimes, mas sem um algarismo sequer, vejamos o commentario em que o café não leva a melhor para que a peor não leve São Paulo.

Diz o dr. Mario Brant:

"Não é necessário esperar as respostas que faltam, para vêr que os trabalhadores ruraes de Minas estão emigrando do Estado em numero assustador, atraídos pelas vantagens com que lhes acena a lavoura do café. Uma parte se dirige para a zona da Mata, mas apenas em transitio, porque dali, como v. exa. vê do quadro, saem para Estados vizinhos. Outra parte se encaminha para serviços de estradas de ferro, mas também por sua vez os empreiteiros se queixam de que o seu pessoal os está abandonando pelo café.

V. exa. mesmo narrou-me o caso, que me informa ser reprodução de outros semelhantes, de uma turma penosamente organizada para o prolongamento da Oeste de Minas na direcção de Araxá, e que apenas chegada á ponta dos trilhos, desappareceu na mesma noite, não ficando um só homem. Os municípios de que não estão partindo trabalhadores são poucos, e os onde estes estão entrando ainda menos. De muitos municípios os

collectores e presidentes das camaras communicam que as saídas são "em grande numero". Outros informam: "Estão partindo aos milhares".

Houve ahí o cuidado de não falar em S. Paulo, para o que foram antes delegados poderes aos collectores. Mas é sempre S. Paulo que se visa.

Ora, a injustiça da accusação não seremos nós que a desfaremos. Será um conterrâneo dos nossos intempestivos accusadores quem testemunhará da indole naturalmente instável do povo mineiro. Cedemos-lhe a palavra. E' o sr. Camillo Chaves, representante do Triangulo na Camara dos Deputados de Minas, o qual, a 9 de Setembro, disse em discurso transcripto pela "Revista da Sociedade Rural Brasileira" em seu numero de Outubro corrente:

"Este grande Estado central (Minas), entra com um enorme coefficiente de emigração para os sertões seado este o motivo principal do crescimento lento da sua população. Não compensa o êxodo de seus filhos com a introdução de emigrantes europeus. De facto, nas populações dos Estados de Goyaz, Mato Grosso, Espirito Santo, Bailia e S. Paulo, é enorme, o contingente de mineiros natos. Se o bandeirismo ainda perdura, é fácil verificar-se que as caravanas que se embrenham pelos sertões de Goyaz e Mato Grosso são constituídas de filhos de Minas.

Cidades goyauas conheço — continua — em que o elemento nativo daquelle Estado representa uma proporção inferior a 0,10; o resto são mineiros."

E é só agra e é só S. Paulo que attrae as populações mineiras!

Mas o precioso documento administrativo vae além e refere factos, contestáveis uns, inverdicos outros e calunniosos terceiros.

Contestáveis:

"Agentes pullulam por toda parte onde haja homens de trabalho a seduzir. O artificio pouco varia. Offerecem salario 2\$000 ou 3\$000 superior ao da zona. Alguns promettem de 6\$000 a 8\$000 com sustento, e adiantam 100\$000 a 200\$000 a cada homem."

Ignora-se tal aliciamento.

Inverdicos:

"O trabalhador esperançado, despede-se dos seus e parte — na peor de todas a>

emigrações, porque vão os braços e ficam as boccas. Decorrido algum tempo, os que sabem escrever mandam notícias. A desillusão é a regra."

O trabalhador parte, mas a regra não é a desillusão; é o enriquecimento e a independencia e, não raro o regresso á aldeia. A affirmal-o toda a voz publica e todos os factos, que só não verifica quem não quer. Se já não ha Brasil, porém. Minas de um lado e S. Paulo de outro, porque não nomear cónsules mineiros em Rio Preto, Baurú e Assis?

#### Calumniosos:

"O sustento algumas vezes prometido, nunca lhes é dado. Não de pagal-o e são obrigados a abastecer-se era determinados fornecedores pelos olhos da cara. O salario que lhes estipulam é o dobro do que percebiam em Minas; mas a manutenção custa-lhes quasi tudo, ou tudo, ou mais que tudo; porque, em vez de juntarem economias, accumulam dividas. ET a sorte que espera a maioria desses infelizes."

E é assim que se pinta, com duas serenas pennadas, em um gabinete da secretaria de Bello Horizonte, um novo "inferno verde", onde, em vez do deserto e da desolação acreanos em meio da mata e do tremedal, o que se vê e o que se admira são cidades vivas, permanentes, eternas como a civilisação e fazendas e sitios e chacaras, das maiores propriedades ás mais pequenas, onde as possibilidades de cada um encontram o mais variado campo, á escolha, para uma victoria que não falhou ainda a ninguém.

Diante de tudo isso, como paulista e como brasileiro, lavramos o nosso protesto perante a Liga Agrícola Brasileira. Sim, porque ainda ha Brasil e sim, porque o despovoamento de umas zonas do paiz em proveito de outras é no Brasil um phenoraeno historico. Não fosse mesmo essa mobilidade do colosso teria elle deixado de o ser para se resumir na estreita orla povoada que o portuguez nos legou no litoral.

Tal como a configuração geographica hoje o determina, o Brasil é a obra brasileira dos filhos de S. Paulo, que, por effectual-a, nunca se deixaram deter por considerações somenos de regionalismo, já-mais ratinando as foiças do torrão natal que sacrificaram esgotando-lhe a seiva, transfundida em outros territorios.

Minas, Goyaz, Mato Grosso, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande ahí estão para attestar com a sua existencia e a sua nacionalidade a grandeza de um sacrificio, que, se chegou a extremos de despovoamento e miséria em S. Paulo, floresceu por toda parte em rebentos do generoso tronco commum. A obra do bandeirante, que se estendeu ao sertão central de Bahia, Pernambuco, Parahyba e do longinquo Piauhy, custou á capitania de São Vicente longos annos, um século mesmo, de arrostada penúria de população e de meios.

E) o paulista não se queixou. Elle que nunca viu diante de si fronteiras senão para afastal-as mais e mais, deu de si o melhor com as mãos largas e pródigas de quem semeia e caminha e se adianta á aventura, para um regresso que não sabe quando nem como effectuará. E) xhauriu-se um dia. Desappareceu quasi da Historia. Ao seu torrão que se desdobrara na immensidade do paiz, retrahiram-se-lhe as raias. Piratininga, que fôra quasi uma nação, se viu então pequena e pobre, dentro de uma grande nação, que criára.

Ella, que abrija um EJI-Dorado ao mundo, que criára uma Califórnia ou um Potosi para o paiz, ella própria se viu depois, também, Potosi e Califórnia, criados pela mesma iniciativa, tenacidade e tempera dos seus, que hoje como hontera, diante de si não vêem fronteiras senão para afastal-as com a fecundação de um territorio que de outra forma continuaria patrimonio das selvas e da barbarie. São Paulo, cora o seu progresso, invade Minas, levando-lhe, nas pontas dos trilhos da Mogyana em todas as direcções de um sem conta de ramaes, a redempção de unia riqueza e civilisação cujos proventos ninguém lhes cobra. São Paulo, nas pontas da mesma estrada e de tres outras, á custa própria, redime ou vae redimindo do mesmo império do desconhecido as populações longinquas de Goyaz e do Triangulo. São Paulo, que fecunda o trecho paulista da Noroeste, invade, para honra e proveito da nação, a immensidade de Mato Grosso, que de outro modo tenderia para a hispanisação. São Paulo transborda ainda para o oeste do Paraná e sul de Mato Grosso, para entestar ahí com as grandes empresas argentinas com as quaes partilha hoje uma terra. que a propriedade paulista confirma em brasilidade.

S. Paulo, sem duvida, faz o Brasil futuro como já fez o Brasil historico. E é a elle, que prosegue no seu papel de velho e obcecado pioneiro da civilização nacional que o regionalismo sonega uns miseros milhares de homens que mal povoariam trinta fazendas constituídas, a elle que as constitue aos milhares, sem perguntar se é Minas, se é Mato Grosso, se é Paraná que se povoam e se enriquecem.

Em certo momento de nossa Historia, ensaiou a metropole circumscrever e emuralhar Minas, a das montanhas de ouro, a dos rios de diamante. Era a riqueza de um districto que se não devia

evadir ao fisco. Vedou-se a passagem para as Minas.

Pretender-se-ia hoje, mudados os papeis e invertidas as razões, segregar Minas, que se despovoa como outróra se povoava, para interditar São Paulo, cuja riqueza não se evade, antes corre para o erário e abençoa e fecunda, por indirectos meios, um paiz em que, para ella, não ha fronteiras internas?

Certo, não retrogradaremos tanto.

*Brenno Ferraz*

C O Estado de S. Paulo")

## 76

Serão sempre os "auctores que não teem livros" do typo daquelle fixado a traços de caricatura pelo sr. Oscar Lopes?

Creio que não. A psychologia do auctor sem livros é mais complexa do que imagina o sr. Oscar Lopes no seu fácil philosophar de chronista. E' como a psychologia da solteirona.

Quase não ha solteirona que vos não possa contar, ó leitor, historias sem fim de casamentos e propostas desprezadas. Também os talentos inéditos o são sempre por vontade própria; por soberano desdem á publicidade. Editores que os adulassem, estes não faltaram.

E por serem tantas as solteironas que desprezaram, quando moças, propostas matrimoniaes de millionarios; e tantos os ta\* lentos inéditos por indifferença a toda a especie de seducção editorial; nós nos habituamos a duvidar de que realmente existam, neste mundo de Deus, auctores sem livros que de facto acharam na vida um editor, mesmo mediocre, que lhes fizesse a corte.

Mas o certo é que existem no mundo dessas exquisitices: solteironas que desprezaram millionarios e talentos que desprezaram editores.

Ha talentos que nasceram para comunicar-se a raros; para influir sobre o animo e a sensibilidade de raros. São como .as solteironas, as raras solteironas que o são por terem nascido para desposar príncipes; e morrem donzellas por-

que não lhe appareceu na vida nem sombra de príncipe. Appareceram-lhes millionarios; appareceram-lhes bacharéis em direito, caixeiros viajantes, médicos — dezenas delles; ellas porém não transigiram com o seu idéal de príncipe; e a transigir com o seu ideal de príncipe preferiram a donzellice. Similhanemente ha auctores inéditos que o são porque os prelos e os públicos que se lhes offerecem não correspondem a certo ideal de príncipe com que nasceram.

São casos talvez pathologicos de aristocratismo pessoal, o desses talentos e o dessas solteironas; mas existem.

Fradique Mendes em conjunto talvez não exista; talvez não possa existir. Mas 3/4, 4/5 e até 9/10 de Fradique, eu proprio tenho encontrado na vida. E entre esses retalhos de Fradique estão auctores sem livros.

Santo Thyrsó, em quem havia talvez 3/4 de Fradique e era, em certos pontos, um typo mental mais acabado que o do Eça, morreu auctor sem livro. (O 1/4 de Fradique que faltava a Santo Thyrsó era sobretudo a belleza physica. Explica-se: Santo Thyrsó foi pensador mais fundo que o Fradique. Ora, pensar faz mal ao rosto; faz mal á plastica. Bem o observou Wilde... Por isso seu Dorian Grey é aquelle rapaz com rosto de menina; e que era bonito porque não pensava. A belleza no seu sentido animal é sem duvida o primeiro traço de vacuidade).



Voltando aos auctores sem livros: eu não creio que ao sr. Carlos de Laet, que c' um tão agudo espirito, tenha faltado casamento, isto é, editor; entretanto elle chega ao fim da vida semi-virgem; auctor de um livro único e este mesmo em edição reduzida que quase ninguém leu. E a mim parece que as chronicas do sr. Laet dariam livros um tanto mais interessantes que as chronicas do sr. Oscar Lopes e do sr. Medeiros e Albuquerque. Ninguém no Brasil ha commentado a vida com u'a mais fina percepção dos seus valores, mesmo os mais subteis.

A grande promessa de critico que foi em Portugal Moniz Barreto desapareceu sem deixar livro — apenas tenue fasciculo; Luiz Garrido morreu igualmente auctor sem livro; na Inglaterra foram auctores sem livros Collins e Addison; entre nós, Oswaldo Cruz e Affonso Arinos sempre se conservaram arredios do prelo que faz livros e do publico que os lê; aristocraticamente arredios.

Entretanto Affonso Arinos não era nenhum "fruit see": apenas preferiu ao contacto com o publico o contacto com a intelligencia dum grupo que o soubesse comprehender e admirar. E na vida mental do Brasil Arinos foi realidade mais viva e mais creadora que o sr. Coelho Netto — auctor de tantas dezenas de livros.

Rara é a solteirona que de facto recusou a proposta do millionario ou do caixeiro viajante ou do bacharel em direito que um dia se lhe apresentou, bonito e airoso como um heróc de cinema; raro é o talento que de facto se esquivou à seducção do livro, pela extranha volúpia da reclusão e do ineditismo; pela fidelidade a um ideal de principe que não se attinge nunca em toda a vida. Mas esses exquisites existem.

O livro publicado — que é para o auctor, não de todo cretino, o livro publicado, no fim de dois ou três <annos, sinão a triste caricatura do que devia ter sido? E ás vezes é como si fosse um rabo de papel.

De modo que o livro que verdadeiramente satisfaz e delicia o puro artista ou o alto pensador é o que elle deixa ficar nas primeiras provas typographicas da creação mental; nas dobras dos miolos; em estado plástico para ir sendo corrigido, actualizado, recreado de accordo com as conquistas de sua experiencia intima.

Só quando o auctor encontra um publico capaz de o acompanhar nesse processo de re-creação, vale a pena escrever livros. Neste caso o publico é que completa o auctor e serve de sexo feminino ao seu espirito.

Gilberto Freyre

("Diário de Pernambuco", Recife).

## PRIMOROSO ESTILISTA

A leitura dos dous livros publicados ultimamente em S. Paulo por Fernando de Azevedo — *No tempo de Petronio* e *Jardins de Sallustio* — deixa manifesta, se acaso fosse ainda preciso, a indiscutível utilidade dos estudos greco-latinos, assim na direcção do espirito como na formação da cultura literaria. Dir-se-ha que fonte mais pura e fecunda se não depara á intelligencia nem ao coração.

E' de crer que Fernando de Azevedo, a quem nenhum favor se faria em o reputar o mais fino e completo estilista entre os nossos escriptores actuaes, exceptuados alguns raros dentre os maia velhos e perfeitos, se tivesse longamente apparelhado na leitura assidua das obras do passado para, chegando a adquirir a

virtude de escrever optimamente, produzir livros como os com que veem de enriquecer a literatura.

E de facto a impressão que para logo nos deixam, além da de commovido encantado, é que paciente e proveitosissima foi a sua convivência, na tranquilla solidão do gabinete, com muitos daquelles espiritos immortaes que, resumindo os esplendores das civilisações grega e latina, nas suas varias épocas, continuam a ser os "mais seguros guias e inspiradores das boas letras; e dessa convivência foi que lhe resultou a primorosa cultura classica e, com ella, a posse de um estilo integral, raro poder de expressão, vários recursos de technica, fortes traços de imaginação criadora e senso critico altamente esclarecido.



Sentindo-se ao correr das suas paginas, e nellas sente-se realmente, o quanto beneficentemente influe na formação do escriptor o conhecimento das humanidades classicas, vão-se-nos a cada passo revelando, como bem colhidos frutos, as características pessoas do notável estilista.

Esses frutos, que trazem o doce perfume da antiguidade, não os chega possuir qualquer, nem aquelle que se convença porventura de que lhe seja sufficiente o só conhecimento de algumas línguas vivas. Pôde alguém, mediante viagens, ou estudos directos a que acaso se entregue, tornar-se perfeitamente versado nos idiomas modernos, lograr nelles fallar e exprimir-se com segurança, mas ficará sempre de erudição incompleta e falha, se lhe vem a faltar o conhecimento das línguas que nos legaram as expressões mais elevadas nas construcções ideaes do espirito.

E' verdade que senão em todos mas em diversos países veem as humanidades clássicas soffrendo a reacção de grosseiro utilitarismo, perante o qual nenhuma vantagem immediata e pratica offerecem, devendo, por isso, serem relegadas a plano secundário, ou tidas por inúteis às exigências da vida moderna. Mas onde quer que se lhes dê combate, em por sua vez sido posto em relevo o papel que representam como doirada nascente da suprema arte de escrever, senão ainda fonte inesgotável de sensações, idéas e sentimentos da verdade, do bem e do bello.

Se na Allemanha, por exemplo, chegaram a soffrer <a opinião contraria de um Haeckel, ou de um Preyer; se em Inglaterra, a de um Spencer ou de um Bain, e se noutras partes a de outros espiritos como aquelles, o certo é que se não pôde deixar de sentir a influencia intellectual e moral que se ha transmittido da antiguidade para as civilisações que se lhe seguiram, nos dominios superiores da vida do pensamento. Sobretudo na literatura tem sido, não ha negá-lo, a fonte principal das faculdades da imaginação, do gosto e do estilo.

No Brasil nunca mereceram o mesmo apreço que lhes teem dado e continuam a dar outras nações. Emquanto, entre nós, são consideradas como de absoluta inutilidade, a ponto de não serem contempladas nos cursos officiaes, ficando quasi inteiramente entregues á auto-didaxia, em Inglaterra, em França, nos Estados Unidos e

noutros países destinam-se-lhes, nos cursos dos lyceus e gymnasios e nas faculdades de letras, largas annos de apprendizado. Basta que se aponte o caso da Allemanha, onde não menos de nove annos teem sido exigidos para os estudos latinos e não menos de sete para os do grego.

Voltando costas a estes exemplos de nações tão cultas, preferimos ficar com a opinião singular de um Raoul Frary, no seu livro "La question du latin", o qual tamanho horror alimenta contra ellas que chega a attribuir-lhes a desgraça francesa na guerra franco-prussiana, sem se lembrar, como muito bem adverte um escriptor, "que, então, como agora, como sempre, a base do ensino de além-Reno tem sido classica, mais do que na França."

Deste nosso desamor ás fontes verdadeiras da cultura litteraria, somos victimas com o escasso numero de grandes escriptores, sem querermos verificar que os poucos que podemos apontar como taes se fizeram no trato dos livros antigos, hoje tão insensatamente repudiados.

No legitimo interesse de um aperfeiçoamento intellectual e moral, não devêramos deixar de impregnar-nos do espirito que desce das regiões elevadas, porque nenhum conhecimento sobreleva o do passado.

Nelle já ensinava Vieira: "Forma-se o espirito, nutre-se a alma com bons pensamentos, e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradável, que não ha nada com que se compare; e só o sabe avaliar queni chegou a ter a fortuna de o possuir."

Aquelle que entre os nossos escriptores era o primeiro, e a quem chamaram o maior talento verbal da nossa raça, não caldeou em outra officina as armas poderosas da sua penna, nem tirou senão da forja pristina os recursos assombrosos do seu estilo. Usado, declarou elle, usado a buscar nas fontes antigas os veios preciosos do oiro fino que eltes escondem ao modernismo pretensioso e ignaro, amo e uso também a linguagem do meu tempo, esforçando-me, entretanto, por lhe evitar os defeitos.

lia, e ninguém ousará a negal-o, uma tradição do estilo, que é aquella maneira de escrever mais consoante ao génio da língua, mais natural, concisa e harmónica, mais clara, pura e correctea, mais nobre, natural e expressiva. Não se pense que o estilo assim inspirado no espirito tradicio-

nal da lingua atire com o escriptor fóra do seu tempo, senão que o fará escriptor de todas as épocas, e cujas obras, transmittindo-se de geração a geração, se perpetuam na originalidade, na harmonia, na magnificência e na correcção da linguagem.

"Nada vive senão pelo estilo", escreveu Chateaubriand. "Embora protestem contra esta verdade, a melhor obra, cheia das melhores idéas, desaparecerá, se lhe falta o estilo." "As obras bem escriptas serão as únicas que passarão á posteridade."

Nem por serem sedições, deixa de haver vantagem em que se repitam estas verdades num meio em que ha desdem systematico por tudo quanto diz respeito á boa prosa, desdem tanto mais lamentavel quanto vem elle de escriptores, estimáveis por muitos titulos, os quaes, vivendo por intermédio dos seus escriptos e livros em contacto com o publico, forcejam por adoptar as formas legitimadas da linguagem vernácula ás do idioma francês. E dahi, com a diminuição dos bons, o aumento crescente dos escriptores brasileiros que escrevem francês em lingua portuguesa.

Num meio onde tanto se desvirtua a fala nativa, e muito contraria aos estudos clássicos se revela a maioria dos que es-

crevem, cresce de significação o apparecimento de livros como os de Fernando de Azevedo, vasados naquella linguagem que mana dos "veios preciosos do oiro fino", occulto nas fontes antigas, linguagem, além disto, "plethorica de imagens e idéas."

Aos seus méritos de pensador e critico, accrescenta a fortuna rara de possuir um estilo proprio, original e rico de expressões e imagens, só por si capaz de o collocar acima dos outros escriptores. Identificado com a indole da sua lingua, não vae pedir a estranhos idiomas o que, em maior abundancia, possui o seu; e, sentindo-o e querendo-lhe, nelle escreve com a melhor e mais segura disposição dos seus elementos, dos seus recursos, das suas figuras, dos seus tons e das suas combinações. Dahi não raro, nas suas paginas magistraes, a belleza da idéa no vigoroso da expressão.

Escriptor assim, da sua ordem e porte, sauda-se com effusão e rende-se-lhe o culto sincero da admiração.

Laudelino Freire

("Jornal do Brasil", Rio).

## UMA FACE DO PROBLEMA RELIGIOSO

(Resposta a um sceptico)

Se ha um homem de todo indifferente ao seu proprio destino, ou em face da vida, no seu formidável conjuncto, ou em face dos\* mesquinhos compromissos de sua propria limitada existencia de ser que se encontra em sociedade com outros seres iguaes, se ura tal homem pôde existir, será aquelle imaginado monstro para quem, de facto, não existe o problema religioso.

Existirá um tal homem?

Mas\* dado que exista, que provará senão que um monstro pode existir?

E' bom não esquecer estas palavras de José de Maistre: "Si quelquefois la superstition "croit de croire", come on le lui a reproché, plus souvent encontre, soyez-en surs, l'orgueil "croit ne pas soyez-en surs, l'orgueil "croit ne pas croire". C'est toujours l'homme qui se "pi-

pe"; mais, dans le second cas, c'est bien pire".

A humanidade, a absoluta maioria dos homens, está não pode fugir nunca á imposição do máximo problema, ou melhor, á atmosphera propria da sua consciência, pois do homem se pode dizer, sem medo de errar, que é o ser religioso, que a religião é o seu domínio singular, que o differencia, dado que é da fé para a fé que se move a razão, característica do homem, através do mais rudimentar empirismo, através dos mais soberbos systemas philosophicos.

Realmente, pode conceber-se o homem sem fé religiosa, vivendo a pura vida da sua razão, mas força é confessar que esse homem — fora absolutamente dos dominios da Historia — seria um ser sem finalidade, um verme a fabricar o proprio tumulo — seria este o seu fim? — um ser que não perceberia padrão algum de perfeição para os esforços da sua me&ma razão, pois



se as bellezas da terra poderiam tocar-lhe a alma, seriam assim como as de amada surda e indifferente, senão contraria ao seu querer...

Mas a prova mais clara da insufficiencia do materialismo moderno é ainda repetir a mesma negação de todos os tempos, na historia do philosophismo, fundamentando-a no esquecimento de si mesmo, do homem que nega. Negar a Deus, em nome da razão, *porque Deus é objecto de fé*, é negar o proprio homem, sujeito e objecto de fé, em todas as circunstancias da vida. Assim, sobre diminuir a razão, negar a Deus sob um tal fundamento, é confundir numa mesma negação objectos differentes, esquecer que o homem só o é porque tem fé, pois esta não se reduz á fé religiosa, e que sendo possível conceber-se a ausência desta dentre os elementos que fazem a vida normal da consciência, é quasi evidente que ella estaria sempre como possibilidade immediata, ou, melhor, como fim, por assim dizer, necessário, da fé em si, que não e só da vida religiosa do homem, mas condição "sine qua non" da vida humana em qualquer sentido, raaximé da vida intellectual.

Em verdade, quem tiver que ajuizar do valor da fé em toda a extensão da nossa vida espiritual, abandonando mesmo a architectonica das escolas, tem que attender a uma divisão, por muito simples, necessária neste dorainio.

Assim se apresenta a fé, em primeiro logar, em sua mais larga significação, como um instincto superior ou uma ordem espiritual antecedente e superior á da intelligencia na sua estrutura de lógica e discurso, e é este quasi sempre o sentido que lhe dão os mysticos de toda especie, que fogem á disciplina da Igreja Catholica e são victimas do proprio individualismo, que tudo obscurece nas suas idealisações.

Entretanto, força é confessar que nós, catholicos, poderemos aceitar, até certo ponto, essa doutrinação. "O homem não é mera intelligencia e, sim, principalmente, natureza moral" (Heltinger. Apol. T. 111) e pode-se dizer com Santo Agostinho que "ha em nossa alma principios de fé semelhantes aos germens adormecidos num seio maternal" (cit. de Graty — "I, a philosophie du Credo), o que justifica de certo modo os que irmanam a fé com a certeza dos primeiros principios, que, na realidade,

são indemonstraveis e necessários na formação de qualquer sciencia. "A razão só é razão pela certeza dos primeiros principios." (Hettinger, obr. cit. 1-8). E a fé assim comprehendida é o que faz também como que a intima resistencia da razão a todos os golpes do scepticismo, estabelecendo, como ella estabelece, pela evidencia daquelles principios, a certeza com que obramos de que é sempre possível a concordância entre a nossa intelligencia e o mundo. Ora, "sem esta harmonia eterna, estabelecida por Deus entre o mundo subjectivo e o mundo objectivo — diz Roberto Mayer, um dos creadores da Thermodynamica — todos os nossos pensamentos seriam este-reis" (Cit. por G. Sortais — "%a Provid. et le miracie devant la science moderne", 57).

Dada a hypothese de um ser que se aperfeiçoa e vem do instincto rudimentar á reflexão — que se diz senão que uma luz própria rompe os véos que a cobrem e se lança pelo espaço, buscando casar-se a toda a luz de que elle esplende, e penetrar o porque dessa outra luz? No fundo, porque se fizesse mais complexo, mais mysterioso o problema do homem, tal como se pôde chamar o problema religioso (e é á fé religiosa o que se quer assim atacar!) nem de longe significaria a aceitação de uma tal hypothese, que se pudessem substituir os horizontes da fé por outro qualquer, possível de imaginar.

Mas o certo é que por mais esforço que façam os fiadores das hypotheses mais extravagantes, esta de que acabamos de falar ainda não conseguiu firmar-se entre os verdadeiros sábios de sciencia e não de odio systematico ás tradições religiosas e nada nos impõe como verdadeira essa fantástica história do homem architectada pelos evolucionistas radicacs.

"O facto que originariamente todas as palavras eram predicados, que os nomes, embora signaes de concepções individuaes, são derivados de idéas geraes, é uma descoberta das mais importantes na philosophia. Ella prova a verdade do conceito, que a idéa universal é a primeira concepção (primum cognitum) do espirito humano". E com razão accrescenta (Hettinger): "Essa comprehensão de idéas universaes, que se apresenta na lingua humana, manifesta o limite intransponível entre o homem e o animal."



Da veracidade da fé, no sentido que até aqui lhe temos dado, ou, melhor, da sua legitimidade no computo dos conhecimentos humanos é que o grande Fechner assim falava, dando a mais eloquente das provas a seu favor: "vi uma vez que a larva do besouro, para a sua transformação, construía um casulo maior do que era necessário para nelle caber o seu corpo, contrahido, com o fim de deixar logar para as pontas, que haviam de sobrevir-lhe. Como sabe a larva que ha de ter outra vida, e que nella lhe hão de sobrevir pontas? Seria possível que a mesma força que deu ser ao besouro e ao homem, houvesse imposto a verdade no instincto do insecto e inspirado a mentira á fé do homem, pela qual elle deve encaminhar a vida presente com as vistas na futura; fé que se desenvolve tão necessariamente na humanidade e lhe é tão precisa para o seu aperfeiçoamento, como é, para o insecto o instincto que o dirige? E' verdade que em cada homem, de per si, não se desenvolve tão necessariamente a fé na immortalidade como no besouro o instincto; mas na humanidade, no seu conjunto, esse desenvolvimento é tão necessário, e neste ponto se avanteja ao instincto, que essa fé especialmente no destino ulterior da vida, tem uma razão de ser ultima e indefectível, como tem no insecto o instincto, que o conduz nos seus trabalhos." (Cit. por Hettinger).

Póde-se dizer, no emtanto, sem faltar nem de leve á verdade, o que não ousou Fechner, isto é, que a fé está necessariamente no homem, tanto quanto na humanidade. O que nem todos os homens possuem é a consciencia da fé, e falam como se ella não fosse mesmo o alicerce, não só de qualquer concepção racional do mundo (e é então certeza de um accordo entre elle e a intelligencia), mas até de qualquer acto com que vise adaptar-se o homem ao presente e ainda mais assegurar-se do futuro, pois nisto se revela o reconhecimento, tácito ou expresso, de uma ordem das coisas, de que jamais se terá comprehensão se se crê que póde haver ordem onde não ha ordenador.

Não ha mesmo individuo que não viva sob a acção do que poder-se-á chamar o presentimento de um destino ulterior da vida que vive, e se ha esforço "em bem das futuras gerações", se ha "fé na justiça da historia", "amor da virtude pela virtu-

de", tudo isto nada mais é que a força mesma daquelle presentimento, da fé, na immortalidade, fazendo que, a oontragosto, confesse o sceptico que é humano, quer dizer, um ser religioso, um ser que de experiencia alguma induziu a immortalidadx: do espirito, mas a adivinha e racionalmente a legitima...

Este tem sido O meu ponto de vista propriamente philosophico, em face da vida, aquelle a que devo, ao fim de não pequenas amarguras de muitas, diversissimas angustias, a conquista de um pouco de sombra no pé da multiseccular arvore da Cruz. Foi esta certeza jf>hilosophica o que, humanamente falando, favoreceu, do modo mais benefico, a minha entrada aos humbraes da Igreja Catholica, desta Igreja, tão maravilhosa como synthese racional da existencia e de seus fins, quão divina oomo fonte do mais puro amor e alicerce de inabalavel alliança entre a dor de viver e a gloria de saber soffrel-a.

Esse lado da fé, universal e eterno, é, pois, a meu ver, o fundo, não só de todo o conhecimento como de toda a virtude, não só da capacidade, que temos, de lutar com a morte, com o erro, que é "o schisma do ser", mas também de amar a vida, conhecer a verdade e apprehender a beleza. E' para elle também que me volto sempre, se escurece o horizonte das minhas cogitações, quando o pessimismo ameaça, sobre a arca que, tediosamente, quasi não se move mais, deixar-me só em face da treva, do lençol de aguas escuras, sob o negrume de um céu viuvo de estrellas. E' para elles que me volto com fugir para dentro de mim mesmo, onde sei que se esconde a razão de ser dessa realidade, que me apavora, como a razão de toda a realidade... Não. Não póde ser assim: a treva, a desolação, o abysmo, o nada, o que me traz á vida da consciencia, o que me põe como suspenso entre múltiplos mysterios, entre interrogações, que faço sem querer, entre o amor, que me domina, e o temor do soffrimento, entre a satisfação, que sinto, e o desgosto, que provo, entre o sentir-me viver e o sentir-me morrer, entre a saúde e a aspiração... Não! Todas as incertezas falam de uma certeza, oomo os erros testemunham a verdade.

E é esta fé, fé no destino do homem, rehabilitadora da razão, evocadora dos seus fins, intima reveladora do valor divino do soffrimento, inspiradora de toda

verdadeira aliança entre a idéia e a pratica, constitutiva, enfim, não só da "perennis philosophias" como da acção decorrente dos seus principios, é esta fé o que não só a mim proprio me alenta e ampara, como o que procuro apprehender, estudar, louvar e amar na vida de cada homem na estrutura de todas as acções humanas, em todas as manifestações da intelligencia, em todas as affirmações da vontade, por mais que, ás vezes, para chegar até ella, me seja preciso atravessar, lutando sempre, combatendo sempre, ferindo á direita e á esquerda, floresta imensa de erros, ou superpostas camadas de negações e misérias, testemunhos iniludíveis do mysterioso drama que implica a origem do homem historico, do homem tal qual se apresenta, actualmente, no scenario do mundo.

Esta é a minha these: Não é sceptico quem quer, pelo menos, na medida do que quer e pensa que é. Estabelecidos, ou melhor, definidos, desde os gregos, os principios do que Bergson chamou "a metaphysica natural cia intelligencia humana", a philosophia tradicional, que nelles assenta, não só se desenvolveu conformemente á lógica, á realidade, á vida, como diz Petitot, mas universalisou-se como sentimento, como puro bom senso, especie de rude tecido espiritual, sob o qual actua, mais ou menos desoprimida, aquella força motriz da vida intellectual, a fé, em todas as suas modalidades. O espirito de negação, que é, em verdade, um espirito de conquista, em detrimento do ser, é tudo quanto devemos combater. Só o peccado o explica, porque o peccado, abuso da liberdade, isto é, da mais alta facultade do homem, é, por isto mesmo, uma trahição á verdadeira vida, uma porta aberta ao mundo exterior, que é, propriamente, o mundo da morte. A este é o espirito não só quem anima e move, como quem ordena, na medida em que, sob a armadura da fé, guardado em si mesmo, protegido das tentações do orgulho de dominador, não esquecido de que é um instrumento de Deus, cumpre a sua mysteriosa missão. . .

Não se deve suppor que esquecemos esta verdade da philosophia tradicional, de que

o mundo é quem impõe sua ordem ao espirito. Já o dissemos: o peccado é, não só origem do nosso actual condicionamento, como esse mesmo condicionamento. Mas, onde o acto da intelligencia se funde com a vontade, todas as vezes que o homem foge a esse condicionamento ou se faz a elle superior, isto é, todas as vezes que, do ponto de vista moral, se affirma além da natureza, consciente e amante do eterno, desilluso do relativo, do vir a ser, que se lhe quer impôr como tal e, no entanto, o "relativisa", todas as vezes que assim é, é elle o ordenador, "o filho da luz" (I, Thess. V. 5), (S. João, I, 1, 5, 10), mas, se filho também herdeiro. (Gal) aquelle a queni, no mundo, foi dado a possibilidade de conquistar o reino de Deus, "que não está situado nem no espaço nem no tempo, e é o cumprimento perfeito da vontade do mesmo Deus". "O que vencer não receberá damno na segunda morte" (Apoc. II, 11).

Aquelle que vencer, eu o farei assentar commigo no meu throno, assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu throno" (Apoc. III, 21).

Se as tentações são grandes e múltiplas, constantes e insistentes, pois o peccado é, por assim dizer, não só a origem do nosso actual oondicionamento, mas este condicionamento mesmo, o certo é que já-mais poude apagar, nem apagará, os traços essenciaes da nossa divina origem, e é difficil que o homem se negue totalmente, em todo o dominio da sua vida, tal como á fantasia de certos philosophos parece fácil verificar e levemente affirmar. Ora, onde esta negação se não verifica, é que vive a fé, e é a esta que devemos procurar, não só porque ella, que é vida, unicamente, nos interessa, mas também com a nossa própria fé, o que almejamos é a fusão com que, refeita nas suas forças, conquistará á morte e dominios dignos de vida.

*Jackson de Figueiredo*

("Gazeta de Noticias", Rio).

## DR. LUND

Este nome é uma gloria da Dinamarca e um patrimonio nosso.

Assim também, esses magníficos diamantes, que fulguram no diadema dos soberanos, o Ko-i-noor, o Regente, o Estrella do Sul, envaidecem os paizes onde foram achados, e as casas reais, que opulentam com seu alto valor e encantam com seu brilho.

O doutor Pedro Lund foi um grande sábio, e ura homem profundamente justo e virtuoso, na mais bella, na mais nobre acceção da palavra. E sob esse duplo aspecto, até agora, é seu nome venerado, especialmente em terra mineira, onde sua v'da é ccontada por muitos e admirada por toda gente. Os homens mais cultos admiram nelle a infatigavel dedicação pela sciencia e pelas suas descobertas: o povo venera a sua bondade, i sua probidade escrupulosamente pura. Tinha muito de Humboldt e muito de Sócrates.

Pode dizer-se que aquelle homem viveu, trabalhou e morreu santamente; que cumpriu simplesmente, em toda a sua bondade, em toda sua grandeza e em toda sua humildade, essa missão que a Providencia impõe a todos nós, neste mundo: pensar com justiça, viver com honra e morrer com esperança.

Pos\*uo em meu gabinete de trabalho um retrato do solitário da Lagoa Santa. Está photographado de perfil, oculos enormes, s'issas bastas, e um grande topete branco, lembrando a pompa altiva dos kakatoás. Occultam-lhe o pescoço a gola alta da sobrecasaca e o alto colarinho, como servindo de ponto de apoio e relevo á cabeça imponente.

Abaixo do retrato, no quadro, vê-se a fua modesta casa, com uma porta ao centro, e quatro janellas de vidraças e guilhotina. Foi recentemente modificada para o grupo escolar que tem o seu nome. E agora, as creancinhas enchem de rumor e alegria aquella morada, que fóra tão silenciosa.

A um lado da casa, divisa-se outro retrato seu, sentado junto á parede, protegida a cabeça branca por um largo chapéu de palha, o vulto abrigado contra o vento, que sempre foi sua preocupação, invisível inimigo, como ameaça cons-

tante do despertar da tuberculose pulmonar, adormecida desde Copenhague.

Seja-me permitido relatar que a minha veneração pelo doutor Lund não é de hoje. Ha muitos annos, quando foi inaugurado na Estrada de Ferro Central o prolongamento até Cordisburgo, no trem especial, em que ia o dr. Lauro Muller, ministro da Viação e Agricultura, eu solicitei de s. exc. a mudança do nome da estação de Horta Velha para o de Doutor Lund.

— Horta Velha, disse eu ao Ministro, traz à lembrança um arruinado e abandonado quintal com as laranjeiras estranguladas pela herva de passarinho, a trepadeira melão de S. Caetano, amarrando a cerca arruinada e podre, umas roupas velhas a enxugar, penduradas por um fio de cipó, o matto cobrindo tudo, uma desolação completa, um desmazelo de contristar... Perto daqui fica o pequeno arraial onde viveu Lund, que bera merece essa lembrança por parte do governo. Seria justissima homenagem ao sábio.

— Eu nestas cousas sou profundamente conservador, obtemperou o amavel Ministro. Logar que tem o nome de Quebra-cangalha, ha de viver e morrer Quebra-cangalha. Todavia, acrescentou, é tão justo o seu pedido, que vou attendel-o e a estação terá o titulo de Dr. Lund,

Não relembro este facto para me envaidecer mesmo porque foi o ministro e não eu quem exerceu as funções episcopaes naquella justa chrisma, na qual eu apenas servi, quandoi muito, de amorosa e solicita madrinha de apresentação.

Procuremos relemburar a vida do grande naturalista.

Nasceu o dr. Lund em Copenhague, a 14 de janeiro de 1801, e morreu em Lagoa Santa aos setenta e nove annos, em 25 de maio de 1880. Viveu meio século em nossa patria, que tão conhecida fez ne velho mundo scientifico com as suas descobertas e pesquisas na botanica, na paleonthologia, na speleologia.

A morte de dois irmãos seus, bem moços ainda, victimados pela tuberculose pulmonar, fel-o procurar, um iogar em

clima tropical, onde se julgasse mais a salvo daquella doença insidiosa e sinistra, que parecia hereditaria em sua familia. Comtudo, antes de fixar residência no obscuro arraial, tão pobre e tão mesquinho naquelles tempos, percorreu diversos paizes; mas, sempre como que fascinado pela sciencia especialmente pela historia natural. E em Berlim, em Paris, em Palermo, em Roma, procurava sempre, e logo ao chegar, as academias, as sociedades scientificas, porque só naquelle ambiente austero, de estudo, de pesquisas, sentia-se bem.

Fazia um perfeito contraste com alguns viajantes, que estudam profundamente as matérias da sua especialidade flinando nos estonteadores "boulevards". O *Chat Noir* diverte; mas, não augmenta a sabedoria de ninguém...

Tinha Lund trinta e três annos, quando chegou ao Curvello, e naquella região começaram as suas explorações das cavernas. Falta-me de todo em todo competência para narrar, pela rama ao menos, o que foi a serie de estudos, de descobertas, desde que fixou sua moradia, á margem da encantadora Lagoa Santa. Ao chegar alli, naquella pequenina povoação, que preferira ás grandes cidades, exclamou convencido: — Aqui, sim; está bom para se viver! paraphraseando o *j'y suis, j'y reste*, de Mac Mahon, em Malakoff.

E aquelle homem sempre receoso dos ventos, tão acautelado com a saúde, quando penetrava n'alguma caverna escura e profunda, esquecia o receio, os perigos de respirar a atmospherá mephytica, e com o auxilio de uma vela ou de um candieiro fumarento, detinha-se horas <? horas, excavacando a formão e a martello, com immenso cuidado, com infinita paciência, a camada dura e petrificada de algum fóssil.

A maravilhosa gruta do Maquiné de que um fazendeiro velho e desconfiado dos planos de Lund, havia mandado esconder a entrada, entaipando-a e cobrindo-a de matto, foi de novo descoberta, muito pelo interesse mostrado pelo Imperador junto ao presidente da provincia. E quando I/trndpoude penetrar naquelle logar, fantastico como um quadro das *Mil e uma noites*, conta-se que cahiu de joelhos, deslumbrado por aquelles salões, onde as estalagmites e as eb-

talactites formam a mais estupenda serie de bellezas que se conhecem no Brasil, e que talvez não terão outra igual no mundo todo.

As suas descobertas no domínio da fauna prehistorica eram de importancia tamanha, que, segundo li, nada menos de cento e onze especies desaparecidas foram como que resuscitadas por elle. Lembra-me também haver lido que existe em Copenhague um museu com seu nome, encerrando as maravilhosas colleções, que ia enviando. Lund, Humboldt, Cuvier, Agassiz foram, certamente, as grandes sumidades nas sciencias naturaes na metade do século ultimo passado.

Aquelle homem, de fidalgo trato, era, ao mesmo tempo, o mais meigo, o mais popular. Seu rigoroso escrúpulo em tratar a todos cada começo do mez, mandar o caderno de compras dos generos, ora a um, ora a outro negociante. E o mesquinho vendeiro, que apenas tinha nas prateleiras algumas garrafas de mau vinho e poucos generos alimenticios, nada ter.do para o fornecimento á dispensa do dr. Lund, ia comprar os mantimentos pedidos a outro collega, e assim lucrava seu pouco. Desfarte, todos os negociantes da localidade lhe deviam aquella demonstração de interesse e bondade. E sabiam que uma parte da lista era para socorrer os pobres, porque a sua caridade era tão solícita quanto discreta.

A caridade, a virtude excelsa, que não limita sua acção bemfazeja ao nickelzinho, atirado aos sabbados, com aborrecimento e orgulho, ao chapéo esburacado do mendigo, é como o sol, que illumina a agua profunda, leva seus raios beneficos a todas as frinchas das pedras, e vae tudo aluminar onde haja escuridão.

Os homens cultos admiravam a illustração de Lund; os pobres veneravam-r.o pela caridade inexgottavel, que fazia lembrar a de S. Vicente de Paulo. Uma occasião, condoendo se por ver o grande numero de lavadeiras, que á beira d'agua trabalhavam diariamente, com um sol cáustico, mandou construir um vasto barracão, junto á Lagoa Santa, com os esteios da parte externa fíncados n'agua, collocar muitos varaes e esticar coradouros. Assim, as pobres lavadeiras tiveram o allivio de trabalhar á sombra, e livres da soalheira, parolar sobre os assumptos variados, ou, batendo rijamente



a roupa ensaboada, cantar as modinhas, compostas pelos Verdi, Rossini, ou Ca\* tullo Cearense da localidade, no tom do« lente e arrastado, com que phonographam no verso e na musica seus amores e sau\* dades...

Era inexorável no seu incessante cuidado com a saúde, e isto explica o facto de haver vivido tantos annos. Ao levantar-se, mormente em tempo frio, costumava suspender um pouco uma das vidraças, e demorar a mão fóra da janella, experimentando o estado da atmospherá. Levantava depois outra vidraça, um pouquinho também, repetia a mesma observação, e assim verificava si podia se expor ao ar livre.

Aconteceu que um dia, pela manhã, em 1868, foi visital-o o duque de Saxe, que andava percorrendo uma parte da provincia. O velho naturalista nem com elle infringiu sua regra de matutino cuidado. Mandou pedir ao príncipe que desculpasse o não poder recebel-o áquella hora, porque sómente ao meio dia é que poderia aguardar sua honrosa visita. E o duque teve que esperar algumas horas, sem mostrar-se agastado com isso.

Como si não bastassem tantas qualidades elevadas para fazer de Lund um homem tão acima do vulgar, ainda uma virtude eminente lhe exalçava o caracter, a sua probidade inviolada, escrupulosa, tão natural e tão admiravel também.

Um exemplo ao acaso. — Nas declarações datadas de pouco antes de sua morte, elle determinára que fossem restituídos dois volumes de Historia Natural a seu dono, na Europa, e lembra que "o sr. Warming pôde leval-os comsigo, para fazer a restituição ao dono". Esse escrupuloso respeito pelo alheio, revelado em assumptos, que fariam rir a muita gente, tão distrahida na restituição de livros levados por emprestimo, me faz lembrar o procedimento do conselheiro l-edro de Alcantara Cerqueira Leite, tão abnegado patriota, que, sendo presidente da provincia de Minas, desistiu de seu subsidio, para ser applicado em despesas da guerra contra o Paraguay.

Esse mineiro era dotado de tamanho sentimento de probidade que, ao terminar \* carreira de magistrado, e fazendo rigoroso exame de consciéncia, apenas se lembrou de uma restituição a fazer: — a de um lenço de Alcobaca, que esquecera

de restituir a sua lavadeira, quando lhe foi leyar, um dia, a roupa engommada, em Barbacena, onde fóra juiz de direito. Custas em excesso nada podia restituir, porque jámais as havia recebido.

Lund era protestante; mas, dotado do mais nobre, do mais elevado respeito pelas crenças dos outros. Escrevendo uma carta a seu primo e intimo amigo, o b'spo de Kirkegaar, pouco tempo antes da sua morte, elle dizia:

"Confesso que todo e qualquer esforço sincero em procura da verdade neste terreno encontrará em mim sempre o mais sincero e elevado reconhecimento e o mais profundo respeito, enquanto eu, de minha parte, me limito a colher e alegrar-me com as flores odoríferas que uma phantasia pura e elevada tem sabido fazer nascer, e das quacs junto te re« metto uma para memoria e lembrança minhas. E' o divino hymno — *Pange Língua*, o mais sublime, que tenho lido sobre este grandioso thema".

De um homem de tão pura consciéncia poderia dizer-se o que Xenophonte escreveu de Sócrates:

"Todos quantos conheceram Sócrates ainda lamentam também a sua falta, porque nelle achavam os maiores auxilios na procura da verdade. Eu o conheci bem, e o desenhei tal como o via: — tão piedoso, que nada ousava fazer sem interrogar a consciéncia, que chamava o seu gênio, um aviso do céu; tão justo, que jámais tentou fazer a n'nguem o menor mal, e fazia o bem a quantos o iam procurar; tão temperante, que sempre preferia o que era o mais honesto ao que era mais pgradavel; tão infallivel na sua prudéncia que jámais se enganava entre o bom e o mau partido. Tal na verdade, me appareceu Sócrates, isto é, o melhor e, por isso mesmo, o mais feliz dos mortaes".

Sentindo que se aproximava o momento em que seu espirito teria de ultrapassar a muralha altissima, que nos separa do infinito, aconselhou o dr. Lund aos seus amigos mais íntimos a não lamentarem a sua morte, que era sahida de uma prisão sombria. Deviam reunir-se para uma refeição, que desejaria fosse bem alegre. E p velho estoico, não podendo dividir, com elles, as preciosidades de ura festim, como Petronio, apenas lh« deixou, em documentos esparsos, peque-

GALERIA DOS EDITADOS



RODRIGUES DE ABREU,  
o poeta d' *A sala dos passos perdidos*



nos legados, o quanto lhe consentiam suas posses.

E naquella silenciosa tarde de maio, quando as montanhas, ao longe, se cobrem de uma gaze azulada, que é a côr da saudade, o dr. Lund expirava mansamente, serenamente, sem um estremecimento, sem um sussurro, como esses infundáveis crepusculos em que o sol, já desaparecido ha muito, ainda espalha no céu todo o fulgor do seu oiro, fazendo ie cada nuvem, rente do horizonte, fantás-

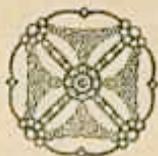
ticas montanhas de metal em fusão, donde se despenham cascatas de pedrarias. E as ultimas palavras, daquelle sábio e daquelle santo, foram as do Divino Relempstor:

— Tudo está consummado!

Bello Horizonte, 25 de agosto.

*Gustavo Penna*

("Minas Geraes", Bello Horizonte).





## DEBATES E PESQUIZAS

### A SYMBOLICA DO BARALHO

Para alguns autores, as cartas de jogar vieram do Oriente, tendo-se originado do jogo do xadrês. Seriam, assim, as figuras dos trebelhos copiadas em pergaminho e depois em papelão. Como o aixadrês de nossos antepassados portugueses era fundamentalmente, desde seu berço na Índia, segundo uns, na Pérsia, segundo El Firdusi, um jogo guerreiro, um jogo de batalhas, árabes, mouros, ou sarracenos, appellidaram o baralho "naib", que quer dizer guerreiro e vem do sanscrito "nair", ou "nayre", de idéntica significação.

De "naib", pois, se originou o termo que empregamos para designar cada côr do baralho: naipes. Os espanhóis dizem "naype" e os italianos, outr'ora, diziam "naibi".

Para aquelles que pensam sahir o baralho do xadrês, é deste que provêm a feição clássica das figuras das cartas, todas partidas ao meio, em bustos como a maioria das peças do jogo do xeque-mate. E até o século XV, muitos baralhos, em lugar de trazerem valetes, traziam bispos, ou "fous".

Importado do Oriente para os países christãos occidentaes, o baralho adaptou-se a cada um delles, rapidamente se nacionalizando. Conforme a nação que o adoptou, creou suas côres e distinctivos heráldicos. Na Espanha e em Portugal, houve dois naipes pretos e dois vermelhos, os primeiros paus e espadas, os segundos ouros e

copas. Nos verdadeiros baralhos peninsulares, as figuras estão de accôrdo com essas denominações. Ha, nas cartas, bastões, ou troncos de arvores, para os paus; taças, para as copas; moedas, para os ouros, e gládios, para as espadas. Em outros baralhos, ás vezes, os crescentes orientaes substituem os dinheiros, ou besantes.

As cartas francesas têm figuras e appellidos diversos. Os dois naipes rubros são "carreaux" (quadrados) e "coeurs" (corações); os dois escudos, "piques" (lanças) e "trèfles" (trevos), o que está de accôrdo com a imagética commum dos baralhos. Essa transformação data do reinado de Carlos VI, tanto que certos autores lhe attribuem a invenção das cartas de jogar. Antes da guerra dos Cem Anos, o baralho francês era igual aos peninsulares. Mas Emile Chevalier o modificou nessa epocha, fazendo pintar corações ao invés de copas, para lisonjear Jacques Coeur, millionario archi-potente, seu amigo e protector. E' mais ou menos desse tempo que data o costume de pôr ao lado de cada figura de rei, rainha ou valete, um nome cavalheiresco: Heitor, Alexandre, Cesar, Arthur, David, Helena, Judith e La Hire, este em memoria do celebre homem de guerra francês. Vários desses appellidos subsistem nos baralhos modernos.

Na Allemanha, em tempos idos, os baralhos foram também eminentemente na-



cionaes. Lá não houve os "dineros", "copas", "bastones" e "espadas" de Espanha. As cartas chamaram-áe "schellen" (guizos), "eicheln" (bolotas), "grun" (verdes) e "roth" (vermelhos). Os azes eram bandeiras e os valetes, lansquenetes. Mais tarde, tudo isso mudou e os allemães tiveram baralhos de fantasia, com "lebres", "papagaios", "cravos" e "ancolias". Hoje, os seus naipes são a combinação dos franceses com os da sua passada originalidade: "pike", "herzen", "kreuzen" e "schellen".

A primeira interpretação dos naipes pelos germanos envolvia em si um alto symbolismo militar. Os verdes eram representados por meio de coroas triumphaes, equivalentes ás honras das victorias; os guizos eram o signal da mais alta nobresa na velha Allemanha; a purpura era a recompensa dos chefes guerreiros, e o fruto do carvalho, a manifestação da força.

Esse symbolismo guerreiro das cartas fôra já discretamente apontado na França e na Italia, nas lanças, espadas e paus, que eram talvez massas de armas. Outros interpretaram os naipes, dois negros, como as armas defensivas; os outros dois de côr vermelha, como as armas offensivas.

Desta sorte, o trevo era a lança, partazana, ou alabarda, e o pique, a ponta da espada; o coração e o quadrado, eram os escudos de duas formas usados na guerra e perpetuados na heraldica; a rodela dos cavalleiros e a lisonja das damas. Também, nos naipes lusitanos, ou castelhanos, copas e ouros seriam os frutos da paz; paus e espadas, os signos da guerra. E o symbolismo no fundo ficaria idêntico.

Na idade média, tudo era symbolico, desde as torres duma cathedral aos incensadores de prata dos altares.

A tradição das iniciações isiacas e das sciencias occultas guardada pelos herméticos, organizada pelos Templários, depois pelos pedreiros-livres, vinha da Kabbala e da Gnose, deitava sobre o mundo o manto precioso da sua symbolica maravilhosa. Mas os profanos não a entendiam bem e começavam a resvalar nos exaggeros e nas tolices. Eis porque o padre Menestrier affirmava que os corações symbolizavam os ecclesiasticos e os quadrados, os burguezes, pois estes tinham, nas suas casas, salas com tijolos quadrados (1); o trevo, os lavradores, e a lança, a gente da guerra. Essa interpretação seria feita de modo melhor na península ibérica: espadas, os

guerreiros; paus, os camponeses; ouros, a burguesia; e copas, os ecclesiasticos, ou a nobresa...

O padre Daniel deixou-nos um symbolismo curioso acerca do baralho: "cour" significa a coragem do soldado; "carreaux", os depositos de armas; "piques", as tropas; e "trêfles", os armazéns de forragens...

Os naipes ingleses e italianos modernos conciliam nos seus termos a tradição das designações ibéricas e a das francesas. Os italianos têm "picche", "quadri" e "fiori", mas também "coppa". Os ingleses: "diamonds" e "herts", formam "clubs" e "spades". E' bom notar que, na Italia, "fiori" é bem nacional, como o são os "diamonds" ingleses.

As designações gaulesas anteriores á guerra dos Cem Annos eram estas: "epées", "coupes", "batons" e "deniers".

Tudo isso demonstra de modo insophismavel que os verdadeiros nomes dos naipes são os que nós conservamos em portuguezes: copas, ouros, paus e espadas.

E isso depõe em favor daquelles que vêem no Daralho um symbolo maior e uma significação mais profunda do que os que se contentam em affirmar ter nascido no Oriente, das figuras e da taboa do xadrez.

Para esses, o baralho é o filho e o herdeiro legitimo do "tarot" dos ciganos, que é, completo, a chave absoluta e integral das sciencias occultas. Os naipes nascem do "tetagrammion" hebraico: "Iévé". A primeira letra, o "io" imagem do principio activo, é representada por um "phallus", ou bastão; pau. A segunda, um "hé", imagem do principio passivo; caridade que recebe, taça: cópa. A terceira, o "váu", a cruz, a opposição das forças contrarias, o symbolo da alliança do passivo e do activo, da adaptação: espada, cujo cópo é uma cruz, cuja lamina é a luta. Emfim, a quarta, a repetição do "hé", duas caridades reunidas e superpostas, formando o disco, a moeda: ouro. E as quatro letras dão a palavra Iévé, ou Iheveh, Jehovah, a Divindade, Deus.

De accôrdo cora os estudos de Papus sobre o mysterioso "tarot" (paus), o "iod" corresponde a Deus; espadas, o "váu", ao Universo; copas, o primeiro "hé", á humanidade; ouros, o segundo "hé", á geração. Dento desse largo schéma, sempre, era cada naipe, 2, 5, 8 e dama correspon-



dem á conservação, 3, 6, 9 e valete, á transformação; 4, 7 e 10, á transição; e azes e reis, á criação. Assim, o "tarot" é o cyclo cabalístico completo (las revoluções de Lévé, prendendo-se a sua origem ao valor particular de cada letra hebraica. Dahi a série de combinações que a cartomancia pôde obter com o baralho.

Eis ahi, rapidamente, um escorço do nascimento e das viagens do baralho, mundo em fóra. Eis ahi a vida e a symbolica das cartas. Se ellas tiveram dias de gloria ás mãos de Agnés Sorel e do paranoico Carlos VI, também se vêem

prostituidas nas mais reles baiucas, pelos mais refinados tratantes. Se ellas estremeram lançadas a uma mesa pelos dedos de Cagliostro, de Van Hclmont, de Cornélio Agrippa, de Lacuria e de Estanislão de Guaita, também se amarfanharam ás mãos ignóbeis de quanto charlatão ignorante se apregóa ledor do passado e do futuro.

*João do Norte*

( "A Tribuna", Santos).

## OS ESTUDOS CLÁSSICOS

Um dos últimos números da "Revue de Paris", publicação da Livraria Calmann-hévy (Paris, rua Aubcr), que tem como seu director o sr. André Chaumeix, publica paginas interessantes do actual presidente dos Estados Unidos, mostrando a necessidade de uma cultura classica.

A humanidade, diz o presidente Calvin Coolidge reconheceu sempre, entre os escriptores, os clássicos. E será sempre assim. E\* a maneira de dizer que o homem não cessou nunca, nem cessará já-mais, de procurar um ideal. Mas qual deve ser esse ideal? Quaes são os livros em que esse ideal se acha definido? E' esse o problema. Desde séculos, entende-se por literatura classica a que devemos aos gregos e aos latinos, e seria quasi inútil demonstrar que a sociedade occidental só diminuiria a sua cultura se procurasse alhures o seu verdadeiro dominio. Sem essa literatura classica, a sciencia da linguagem, o commentario das letras, a intelligencia da historia, o conhecimento das origens da philosophia e da lei não poderiam existir. Quanto ás sciencias naturaes, ellas têm sido tão bem formadas por espiritos nutridos da antiguidade que, sem educação similhante, não é possível comprehender perfeitamente os proprios termos do seu vocabulario. O fim da educação, que se ampliou bastante desde ha 50 annos, é permittir á alma comprehensão mais profunda da vida. E' um problema que não se pode considerar pensando sómente no individuo: devemos discuti-lo em função da sociedade. A questão não é

saber o que se deve ensinar a alguns homens. O exemplo de alguns individuos não tem alcance geral.

Certos grandes homens não tiveram mais que uma cultura mediocre e, apesar de uma grande cultura, outros permaneceram mediocres. Mas um povo jamais se tornou grande sem possuir uma grande cultura. O que nos interessa actualmente é procurar a fôrma da educação mais util ao bem publico, as noções fundamentaes que convém inculcar aos jovens norte-americanos, o que é necessário á sociedade para que ella chegue a uma intelligencia da vida mais larga.

Certamente, o mundo actual é dominado pela sciencia e pelo commercio. Sem estas duas potencias, territorios immensos ficariam despovoados tanto pela fome como pelas moléstias. Graças ás sciencias e ao commircio, se generalizam o conforto e a prosperidade. Seria louco negar estas vantagens, que se nos tornaram indispensáveis. Devemos, ao contrario, reconhecer-as, e altamente louval-as, contanto que as situemos não no absoluto, mas no relativo. Convém ver nellas o producto de uma cultura anterior muitas vezes secular. Não ha problema que possa ser resolvido sem o estudo do passado. A civilização moderna tem as suas raizes nos gregos e nos romanos, mas estes povos não constituíam um mundo novo, pois também elles eram herdeiros de uma civilização. Elles a alargaram, a tornaram mais intensa, a refizeram segundo o seu espirito, e a sua cuitura tomou assim uma fôrma precisa e pessoal, alimentad. dos melhores



fructos do passado no mundo romano dos Cesares. Victima de Roma primeiro, dos barbaros depois, o enorme império esboçava-se. Desde então, a sciencia e a cultura desapareceram, e durante mais de mil annos, para emergirem emfim na Renascença, quasi inteiramente devido á influencia da egreja christã, novo surto da civilização grega e romana que se junta ás revelações da religião. E' então que nasce a cultura da Europa Occidental e da America. Não percamos de vista — continua o sr. Calvino Coolidge — o ponto de partida. Qualquer que seja a perfeição do edificio, a sua solidez depende das fundações. Na remascença das letras a philosophia grega representou papel importante, e foi sob a influencia de dois grandes metodos — indução, deducção, experiencia, razão, que o espirito humano pode estabelecer firmes conhecimentos.

E' impossivel — diz o A. mais adeante — que uma sociedade rompa com o passado, porque é constituída pelo conjunto de todas as experiencias adquiridas. A cultura é o producto de um esforço continuado. Ensinha a biologia que o individuo

passa por numerosas phases antes de chegar ao estado presente de sua evolução. Todas as theorias de educação, nos mostram que o cerebro dos homens se desenvolve da mesma maneira e que se educa seguindo as etapas diversas que assignalaram a nossa ascensão desde a selvageria primitiva até á civilização mais elevada. Isso nos ordena imperiosamente a proseguir o estudo dos gregos e fazer delle a base do nosso ensino, desde que foi por esse meio que chegámos ao presente estado do nosso desenvolvimento.

Quer isso dizer que todo homem deve ser um humanista?

Não, certamente. Para atravessar o Oceano será necessário a cada qual ter a experiencia de um navegador? Os principios e as idéas de que dependemos, não sômente para a manutenção da cultura, mas ainda para a salva-guarda e o desenvolvimento da sciencia, nos vêm dos estudos clássicos. Eis porque as sciencias e os estudos profissionaes attingem ao seu apogeu quando se apoiam sobre a cultura da antiguidade.

## IMMUNIZAÇÃO CONTRA A TUBERCULOSE

Recentemente, o professor Albert Calmette, vice-director do Instituto Pasteur, fez, sobre os seus ensaios de immunização contra a tuberculose, importantissima comunicação á Academia de Medicina, e que nos parece de maior interesse. Era o resultado de experiencias pacientes, longas, em que o Dr. Calmette consumira mais de vinte annos de cuidados e zelos, no desejo vigilante de chegar a resultados positivos e satisfactorios, quanto á immunização, pela vaccina.

O medico francez, como não se ignora, havia já contribuído com excellentes estudos para esclarecer a questão relativa ao mecanismo da infecção bacillar e do papel das reinfeccões na evolução da moléstia.

Parece, porém, que dessa feita os seus experimentos o levam mais longe, havendo immensa confiança nos resultados promettidos, principalmente diante da impressão que sua comunicação causou no seio

daquella illustre assembléa de especialistas.

Trata-se de uma cultura viva de um bacillo tuberculoso de origem bovina, conforme narra o Dr. Maurice de Fleury, attenuado por processos de laboratorio, posto, definitivamente, em estado de não contagiar, aos sãos, com a tuberculose, sob qualquer de suas fórmas, e que é capaz de dar, aos animaes novos, totalmente indemnes, a verdadeira immunidade.

Segundo as experiencias do Dr. Calmette, áquelles animaes, vaccinados por tal processo, pôde fazer-se ingerir ou injectar-se-lhes doses que bastariam, nos casos communs, para provocar a explosão de uma tuberculose aguda; ou, então, deixal-os em estábulos de peor especie, expostos a toda a sorte de contaminação: elles não ficarão tuberculosos, uma vez que se tenha o cuidado de vaccinal-os todos os annos, segundo o methodo Calmette de immunização.

Recebeu o nome de *B. C. G.* o bacillo tratado pelos cuidados do professor Calmette.

Segundo a mencionada comunicação, á Academia de Medicina, o bacillo *B. C. G.* é muito bem tolerado por todos os animaes aptos a receberem o de Koch, até mesmo o homem. A condição indispensável é que o individuo prompto a ser vacinado deverá estar perfeitamente isento de qualquer infecção daquela natureza. E' o individuo são que se immuniza para viver liberto do inal devastador.

O professor Albert Calmette, convencido daquele principio, atirou-se ás experiencias de bezeros do Sena Inferior e do Sena e Oise, todos de vaccas tuberculosas. Aquelles animaes foram inoculados, na primeira quinquena de nascidos, com a vaccina *B. C. G.*, sendo a seguir revacinados uma vez todos os annos. Dos 127 individuos escolhidos, nenhum se tuberculizou. Quiz, de tal sorte, provar o Dr. Calmette os seus dois principios: a) a innoculação é inoffensiva; b) ella é efficaz.

Vieram, em segundo logar, os macacos, anthropoides, cujas reacções, como se sabe, tanto aos microbios, como ás toxinas, são iguaes ás do homem. A experiencia effectuada no Instituto Pasteur de Kindja, na Guiné Franceza, deu resultados concludentes.

Animado com taes praticas, e particularmente convencido da efficacia de seu methodo de immunização, o Dr. Albert Calmette, com seus auxiliares, como Guérin e B. Weil-Halté, decidiu-se, depois das necessarias formalidades legais, a vaccinar individuos humanos.

As experiencias foram em 247 recém-nascidos. Em todos os que foi possível

acompanhar a evolução da vaccina, ella foi totalmente inoffensiva. Quasi todos os lactantes, mezes depois de innoculados, julgados necessários, tinham uma anti-reacção negativa, embora vários houvessem continuado a permanecer em de tuberculosos.

Tendo estudado — diz o Dr. Fleury — comparativamente os methodos de immunização imaginados e ensaiados, até agora, por um Maragliano, por um Triedmann ou Jaime Ferran, e havendo verificado o seu insuccesso, o Dr. Calmette, reflectido e moderado, não quer, no entanto, desde já, levantar esperanças excessivas.

O que deseja que fique bem claro é que o bacillo *B. C. G.* por elle modificado, sem virulência e activo ao mesmo tempo, — pois que é produtor de tuberculas, — se tem mostrado inoffensivo em todas as suas experiencias acima mencionadas.

E' diante de taes factos que o Dr. Maurice de Fleury, presente á hora da comunicação, exclama, com vibrante entusiasmo: "Eis-nos ricos de esperanças, esperanças que muito breve serão robustas realidades. E tão grande alegria ainda mais uma vez nos vem do Instituto Pasteur! Saudemos esta aurora com fervor e prudência. Para todas as applicações desta natureza são indispensáveis taes pacientes verificações. O lado experimental é innegavel. A applicação no homem, seguramente inoffensiva, exige longa experiencia".

Nos estudos que, com tanto ardor e confiança, prosegue, o vice-director do Instituto Pasteur é brilhantemente ajudado, além dos Drs. C. Guérin e B. Weil-Holté, já citados, pelos Srs. A. Bouquet, E. Nègre, Wilbert, Maree Léger e Turpin.

("Gazeta Clinica", S. Paulo).

## O BERI — BERI

Talvez pouca gente saiba que está reaparecendo o beriberi. E o que é peor, parece ter tendencia a aumentar.

Não é caso para alarme, porque não se trata de nenhuma epidemia ou de simples doença infecciosa transmissivel. Trata-se de cousa que depende da má alimentação, da alimentação insufficiente se não em quantidade, pelo menos em qualidade.

O beri-beri, como se sabe, desapareceu da marinha de guerra japoneza em 1884, quando se substituiu a alimentação nacional, a base de arroz descascado, pela alimentação á moda européa. E do Brasil, pôde-se dizer, que elle tinha desaparecido desde a libertação dos escravos e desde a reforma da marinha.

Ha cerca de trinta annos que não se via por aqui um caso de beri-beri. Reap-



parecendo agora, com a carestia da vida, só se pôde attribuir esse reaparecimento á ganancia dos açambarcadores e á falta de escrupulos de alguns commerciantes, que fornecem generos deteriorados á parte mais pobre da população. Sendo assim, é necessário que se reclame, afim de que ai autoridades competentes, que, aliás, ji deram provas de boa vontade, redobrem de actividade na perseguição ao mercantilismo desbonestol

Nos últimos annos da grande guerra, como se sabe, as "doenças de carência" (beri-beri, scorbuto, etc.) devastaram os então Impérios Centraes, onde a população, pela força das circunstancias, não se alimentava com comida e sim com os famosos "substitutos", que eram "productos" artificiaes, creados pela chimica moderna, para substituir a comida.

E' que os sábios allemães julgavam que, como estava previsto nas tabellas do Estado-Maior do Exercito, bastava fornecer a cada individuo um determinado numero de "calorias" para que elle visse feliz e contente. Mas, apezar desse numero escrupulosamente exacto, de unididades caloríficas, a população começou a ficar com as pernas inchadas!

Por que?

Porque havia, e ainda ha, *muita cousa no Céu e 11a Terra que icinoram os doutores.*

As populações dos ex-Imperios Centraes enfraqueciam e inchavam as pernas porque aos "alimentos-substitutos" tão sabiamente fabricados pelos maiores doutores do mundo, faltava uma cousinha pequeninha, uma cousinha de nada, infinitamente pequena, chamada "vitamina". Os maiores sábios do mundo demonstraram-se muito menos sábios do que a sabia Natureza! Um pouco de summo de laranja seria capaz de fazer mais do que todos os grandes chimicos juntos para combater aquelle mal horrendo, aquella "Doença crúa e feia", como a chamou Camões!

Algumas palavras de historico. "Beri", em lingua cingalaze (lingua falada em Ceylan), significa "fraco", e "beri-beri" significa duai vezes "fraco" ou "fraquissimo", por se formar nas linguas orientaes o superlativo pela repetição da

palavra. Com effeito, no beri-beri o paciente se torna fraquissimo.

No Japão chama-se "kakké". Ess» doença é muito antiga na índia, onde te julgava "fôco único".

Mais tarde a sua geographia se estendeu ao Japão, á China, ao Archipelago Indiano, á Sumatra, ao Brasil, etc. Mas o progresso foi varrendo-a de toda a parte por onde passou. E' assim que em 1884 Takaki observou que ella desapareceu da Marinha japoneza por occasião, conforme dissemos, da respectiva reforma. As observações de Takaki serviram de base para as experiencias de Wordermann e depois (1907) de Fletcher. Ellis e Frazer.

Esses pesquisadores, melhorando a alimentação dos presos, dos asylados noi hospicios de alienados e com grandes massas de operários, verificaram sempre o desaparecimento do beri-beri — com o melhoramento da alimentação.

Mas, melhoramento em que sentido? Que é que faltava á alimentação anteriormente usada? Elles não o sabiam.

Andavam atrás de uma verdade que não viam. Sabiam que estavam andando direito; mas não enxergavam o caminho!

Emfim, em 1911, Funk descobriu as vitaminas. O valor dessa descoberta só foi reconhecido depois da grande guerra. No começo a descoberta de Funk não passava de uma curiosidade de laboratorio, espalhada pelo telegrapho. As vitaminas eram retiradas, principalmente, da casca ou "cuticula" do arroz, do trigo, etc.

Continuando os estudos sobre as vitaminas, conheceram-se muitos detalhes. Viuse que ellas eram tres, classificadas em "vitamina A", "vitamina I" e "vitamina C"; assim como se verificou que não era indifferente a falta de uma ou de outra dessas tres qualidades. Ficou demonstrado que a falta da primeira produz uma doença dos olhos (xerophthalmia); a da segunda, o beri-beri, e, finalmente, a da terceira, o scorbuto.

Agora, que sabemos, exactamente, que o beri-beri é devido á falta da "vitamina B", isto é, é devido a uma deficiencia alimentar, não deixa de ser curioso ver como se pensava, ainda ha poucos annos atrás, a respeito da etiologia dessa doença.



E' interessante ver homens de épocas atrasadas, médicos quasi sem nome, térem quasi adivinhado, por uma intuição admiravel, a causa dessa doença; e, de outro lado, ver homens eminentes em época recentíssima, errarem completamente!

E' assim que se lê em um livrinho de 1868, "Maladies des Européens dans les pays chauds" de Dutronlau, que foi medico da Marinha franceza (pag. 163):

"A etiologia da doença é pouco conhecida.

As causas dependentes da hygiene dos povos são também muito vagas; mas somos levados a fazer representar o papel principal á alimentação..."

Estupendo!

Agora, abram a "Revue de Hygiene", de Janeiro de 1910, e vê-se o que diz Calmette, o grande Calmette, que hoje se venera ainda mais do que hontem, como sábio, estudioso, etc., etc.:

"As pesquisas recentes e, principalmente, as de Flexner, não perraittem pôr

mais em duvida a natureza microbiana do beri-beri"...

O grande L'uttig, de Florença, antes da descoberta das vitaminas, tinha previsto um grande parentesco entre o escorbuto e o beri-beri. (Lustig, "Malattie infettive dell'uomo e degli animali").

E que diz a velha 'Geographie Médicale', de Bordier?

"Cette question d'alimentation semble donc, sans doute, capitale; mais elle n'est pas seule. Iye refroidissement, le brusque changement de température, figurent aussi dans l'etiologie."

Bordier, que em mais de uma cousa o vemos genial na sua velha "Geographia Medica", adivinhou perfeitamente a causa de beri-beri, mas não acceitou o milagre sem reza, e juntou-lhe um contornozinho desresfriado, com as mudanças bruscas da temperatura!

*Dr. Nicolau Ciancio*

("Jornal do Brasil", Rio).





## NOTAS DO EXTERIOR

### A ACTUAL NOVELLA NORTE-AMERICANA

E' facto significativo, na historia da novella norte-americanca, que os leitores na Republica começam a abandonar as numerosas traduções de que estavamos inundados durante a guerra, e a ler os novellistas patricios. Naturalmente, para notáveis escriptores estrangeiros sempre haverá um circulo selecto; assim que um auctor de distincção seja introduzido no estrangeiro — um Jacob Wassermann ou um Thomas Mann, da Allemanha, um Mareei Proust ou uni Remy de Gourmont, da França — o escol immediatamente o incorpora á sua própria cultura. Entretanto, a observação é que o leitor norte-americano cada vez se volve mais em seus prazeres literários para os novellistas contemporâneos nacionaes. Para isto ha um numero de razões fortes. A mais importante de todas, é que appareceu um grupo de escriptores com visão ao mesmo tempo intensamente pessoal e significativamente nacional. Escrevem, não como imitadores de modelos francezes e inglezes, mas como creadores independentes, interpretando o espirito da época para os seus patricios. Alargou-se a ordem dos assumptos; aprofundaram-se as respostas. lia novellistas mais velhos como Theodoro Dreiser, que sacrificia as bellezas do estylo literário a uma preocupação apaixonada de romance, de mysterio, e de esqator da realidade; por outro lado, ha delicados estylistas

como Gomes Branch Cabell, que vóa nas azas de uma fina phantasia, descrevendo reinos que nunca existiram e creaturas que nunca viveram, mas dotando-as de uma vitalidade artistica. A geração mais nova, aberta a todas as influencias que atravessaram a Europa desde os dias de Hugo e 1830, começou a pôr os seus Estados Unidos em suas novellas. Todos os problemas do sexo, da economia, da politica, da sciencia, acharam um expositor. Principalmente o problema do sexo e da vida livre. Floyd Dell, numa serie de livros, o ultimo dos quaes foi prohibido pelos censores, estudou o "novo" rapaz e a "nova" rapariga; viu-os crescer nas pequenas cidades do Oeste; viu-os galvanizados por ambições de horizontes mais vastos; sfguiu-os a Chicago, e depois a Nova York; estudou-os em conflicto com os seus paes, com os seus mestres, comsigo proprios; pintou-os experimentando o amor livre, o pensamento livre. Eirtendeu-oá pertfeiramente, e as suas novellas, se não são grandes como obras de arte, possuem um distincto valor sociologico e psychologico.

Eis aqui o perigo da novella contemporânea nos Estados Unidos. Tornou-se um reflexo notável da vida quotidiana. Muitos dos novellistas mais novos vieram do jornalismo para a novella; das redacções dos jornaes e dos escriptorios dos "reporters" trouxeram um senso vivo da



realidade, uma habilidade de representar pessoas e enredos. De facto, muitas das nossas mais finas novellas leem-se como um vasto *super-jornal* de 350 paginas. Entretanto, nas melhores delias ha toques de piedade e ironia; é esta qualidade de ironia que indica um adeantamento em nossa novella. Por muito tempo foi logar-commum de critica dizer-se que os americanos (os americanos dos Estados Unidos, naturalmente, pois este é o único sentido que geralmente damos á palavra) não tinham o sentimento da ironia. Ainda é verdadeiro para a maioria do publico leitor. Entretanto, para uma apreciação da ironia elle está sendo lentamente levado pela sua inclinação á satyra social. E é no reino da satyra social que um novellista tão popular como Sinclair Lewis ganhou os seus lauréis.

O advento de Sinclair Lewis foi súbito. Ha annos que escrevia novellas sem fazer nenhuma grande impressão no publico. Escreveu *Main Street*, nada mais esperando que o que ganhara com as suas outras historias. Da noite para o dia, ficou famoso. Tomou para assumpto uma pequena cidade de uns 3.000 habitantes; pintou a pequenez da sua vida a estreiteza da sua visão, a mediocridade do seu caracter: mostrou uma joven esposa com a ambição de arrancar da rotina tal vida. Entretanto, escrevendo assim, tocara um ponto vital no caracter nacional; a sua *Main Street* não é só a principal rua de uma cidade: tornou-se o symbolo da convencionalidade dos Estados Unidos; da excessiva satisfação da nação comsigo propria; mama palavra, do nosso orgulhoso provincianismo. Mesmo a joven esposa do livro, procurando sobrancear-se aos seus compatriotas, apenas consegue ridicularizar-se um pouco, porque não está ainda preparada para a luta em que vae entrar.

Tendo-se celebrLziado com uma scityra de um cidadezinha hypica, S. Lewis voltou immediatamente a sua tattenção para a grande cidade hypica, que em seu livro se chama Zenith. Além desta cidade, escolheu para a sua penna satyrica o homem-de-negocios hypico dos Estados Unidos. *Mr. Babbitt*, que dá o seu nome ao livro, é um cidadão respeitável; obedece ás leis; educa sua bella familia; pensa que a sua cidade é a melhor do paiz, e canta os seus louvores onde quer

que vá; é prospero; é feliz. Entretanto — entretanto falta alguma coisa. A sua vida, tão cheia de coisas materiaes, começou a sentir a necessidade daquella exaltações espirituaes sém o que tudo o mais é pó. Por um instante elle parece entrever um clarão de uma liberdade mais profunda; mas por um momento sômente.

A mais recente novella de Lewis chama-se o *Dr. Martin Arrowsmith*. Ainda não está completamente publicada, e parece tratar da carreira de um medico. Talvez acabe numa satyra á profissão medica. Prove isto ou aquillo, ella conterá aquellas qualidades que já distinguiram Lewis dos seus confrades: uma visão photographica das coisas exteriores, um notável — quasi impessoal — senso da realidade; um dom natural da satyra. De facto, é o seu senso da realidade que lhe augmenta a satyra. Vê o que a America é; sabe o que ella *pode ser*; olha ironicamente para os esforçados homens-de-negocios e para as suas esposas aspirantes e rivaes. Vê-lhes as vidas desprovidas da verdadeira belleza, e pinta-as na sua brilhante mediocridade.

Não é bastante para que uma novella seja uma pintura perfeita de uma civilização; talvez seja verdade que as novellas de Lewis estejam por demais interessadas na photographia, no disco phonographico da vida que elle pinta tão vivamente. No emtanto, a sua significação esthetica não é pequena. Poucos têm dado, tão bem como elle, um sentimento da esterilidade em que tantas norte-americanos gastam os seus dias e noites. Naturalmente levantou violenta opposição; no emtanto, fez mais do que isso. Trouxe á consciência norte-americana o sentimento de uma vida mais alta. EHe o fez, não para os poucos avançadores que não precisam da sua assistência em primeiro logar, mas para os muitos leitores de novellas, que em toda a parte representam o nivel mais baixo do publico leitor.

Cabell, que ficou de repente celebre com "Jurgen" por causa da sua luta victoriosa contra os censores, está no outro extremo da nossa escola novellistica. No meio está Joseph Hergesheimer, que tem por melhores titulos um estylo pessoal e melodioso e uma certa poesia da verdade. Em Lewis, o movimento para a liberdade sexual é insignificante, como

é natural nas naturezas mediocres que pinta; em Cabell e Hergesheimer é mais notado. Em Dreiser é quasi o alicerce dos seus muitos romances; o desejo do poder e o desejo da carne encheram os seus livros mastodonticos.

Por consequência, a novella nos Estados Unidos, que está hoje no apogeu do seu poder social, alcançou esse poder pelo retrato fiel da sua época; afinal, começou a tratar veridicamente das diversas scenas e da alma nacional varia. Uma vez o melhor leitor tinha de ir ás obras estrangeiras para tal dedicação i verdade e belleza; ainda vae a ellas em busca de um campo mais largo e de uma observação mais profunda. Entretanto, hoje, elle está rapidamente descobrindo nos seus proprios patricios essas qualidades precisas. A sua literatura nacional gradualmente está-se tornando sufficiente por si própria.

O degrau de agora é em direcção da verdadeira belleza esthetica. Os nossos mais jovens criticos já começaram a clamar contra o nosso realismo na ficção. Já começam a procurar um espelho da alma que possa ser tão verdadeiro, tão bello e tão sincero como os nossos espelhos do corpo. Homens como Waldo Frank e C. Kay Scott já fizeram o que

é de modo chamar-se a "novella expressionista". Nelles, a realidade exterior cêde á realidade interior; a scena real da sua acção é a alma humana. O leitor geral ainda não está educado para tal introspecção; os proprios escriptores, manejando uma nova ferramenta, fazem muitas vezes obra grosseira. Entretanto, por «ignaes taes como estes é razoavel prever uma novella norte-americana inteiramente capaz de interpretar essas crises interiores e exteriores que marcam o avanço de uma nação. O vigor apaixonado de um Jack London e de um Frank Norris, a virilidade do recém-redescoberto Stephen Crane, abriram caminho a uma plêiade de escriptores que buscam resolver os mais difficeis problemas do estylo e penetrar os mais enganadores segredos da psyche. Tirou-se a carta do territorio; a exploração já começou. De Sherwood Anderson falarei numa carta separada.

Boston, julho de 1924.

Isaac Goldberg

("America Brasileira", Rio).

## O PARADOXO QUE ESTAMOS VIVENDO OU O MYTHO DE MONROE

O pan-americanismo seVe-se vigoroso. Insatisfeito com o numero dos seus filho» que é grande, entre legitimos e illegitimos, arranjou uma afilhada: a doutrina de Monroe.

A doutrina de Monroe é a *bonne á tout faire* da politica yankee. O pan-americanismo sacou essa velha e escangalhada doutrina de protecção de páos, dos desvãos empoeirados do *Foreign Office* yankee. Arrancou-a de lá e vestio-a de jimpo. A' linda Cinderella pertencia o sapato de cristal e com ella casou-se o Príncipe.

Hoje a antiga Cinderella occupa posto de honra nos salões do Ministério das Relações Exteriores norte-americano e nos do *Building of the Pan-american Republics*.

A Doutrina, se bem que poucas vezes posta á prova, e jámais invocada confiadamente pela America latina ou lusohespanhola, foi util de um modo platonico no seu tempo. Porém a Doutrina de Monroe sobreviveu. Quando a Europa, apezar dos seus desejos e tentativas, não pode com a America durante o «eculo XIX, que foi para a America o século da anarchia, das revoluções, dos tyrannoi, e para a Europa o século da prepotencia e da conquistas, poderia com ella alguma vez?

Depois do desastre ultimo da Europa (guerra de 1914 e suas consequências) a Doutrina de Monroe parece já supérflua.

O publicista hespanhol Grandmontajne ri-se em bem gargalhada pagina — e com elle se riem muitos da impotência de qualquer governo europeu para manter con-



quistas, caso pudesse realizal-aq, em qual-quer paiz da America. Contra essa incapacidade, espontaneamente, nos garantio Monroe. E quem nos garante contra o garantidor?

Em que consiste a mesma doutrina? Ninguém o sabe, nem sequer o Tio Sam. Monroe, por exemplo, não impede que a Inglaterra detenha as ilhas Malvinas — rebaptizando-as por Falkland — e que pertencem á Republica Argentina, que foi a herdeira da Hespanha. Tampouco impedio que a França houvesse tentado inipôr ao México aquelle imperador austriaco, que o México victorioso soube devolver sem co-roa e sem vida; nem que a Hespanha hou-vesse atacado duas Republicas do Pacifico; nem que os couraçados da Allemanha, Inglaterra e Italia tivessem ido em 1902 cobrar á Venezuela o que a Venezuela não devia.

Este ultimo caso, occorrido ha pouco, é digno de attenção.

A Allemanha cobrava 7.376.885 de bolivares (isto é, pesetas ouro). Só se lhe deviam — e assim o accordou uma comissão mixtP — 2.091.908. Cobrava a mais: 5.284.977 de bolivares.

A Inglaterra cobrava 14.743.572 de bolivares. Só se lhe deviam — e assim o reconheceu outra comissão mixta — 9.401.267. Cobrava a mais: 5.342.305. A Italia reclamava — o appetite vem comendo — 39.844.256 de bolivares. Apenas se lhe deviam — e assim o reconheceu outra comissão mixta — 2.975.906. Cobrava a mais 36.868.350 de bolivares.

Da Allemanha até á Italia, passando pela Inglaterra, a cobiça ia augmentando.

A imprensa nacionalista daquellas tres potencias havia mimoseado os venezuelanos, mais ou menos com o euphemismo de ladrões e bandidos.

Caberia perguntar, com essas contas á vista, quaes eram os bandidos, quaes eram os ladrões.

Por detraz dessas contas phantasticas existia um avesso e mascarado proposito politico... de politica inconfessável. A própria inflação das dividas era calculada para produzir, como produziu, a resistência, e justificar a aggressão.

Que pretendia a Allemanha? Nada mais nada menos que apoderar-se da ilha Margarida, no oriente do mar das Antilhas, vizinha ao continente, rica de pérolas e de boas rotas, do Brasil e do canal de

Panamá, Também pretendia abrir-se, pelo outro extremo do paiz, caminho até Maracaibo, chave commercial do norte da Colombia e com subsolo opulentissimo de petroleo.

O primeiro não o obteve, nem se atreveu a intental-o; e impediram os passos á Margarida os canhões do Castello de São Carlos, cahindo com inesperada effi-cacia sobre as torres do *Panther* e mantendo a respeitosa distancia a *Gazzella* e outros navios. Se bem que inferior á *Gazzella*, o *Panther*, navio de insolentes aventuras transmarinhas, se celebrou mais tarde pela sua presença em Agadir. Em vão ante a resistencia do Forte, Guilherme, o comico, instava com seus navios — "passem, passem"; não passaram.

Nas aguas do Caribe, que rodeiam o Forte de São Carlos dei Zulia, naufragou o orgulho da frota allemã, orgulho que annos depois se apagou para sempre no canal da Mancha, quando essa armada foi entregar-se, quilha por quilha, aos portos da Inglaterra.

Em 1902, a Inglaterra, sempre astuta, retirou-se *sans coup ferir* ás primeiras respostas, deixando a Allemanha nas armas do touro, e fazendo-lhe com que descobrisse ambições impossiveis.

Porém, que pretendia, por seu turno, a Inglaterra? Pois pretendia rectificar, se possivel fosse já, a costa do vizinho infeliz, os limites da Guyana britannica, approximando-se das bocas do Orcnoco e das minas de ouro do Turuary.

Quanto á Italia, companheira da Inglaterra e da Allemanha, na sombria aventura, os seus planos não eiam de caracter politico, porém de caracter economico. Reduzia-se a metter a mão no bolso de um collete hespano-americano e subtrahir, entre o fumo dos canhões e os hurras do triumpho, apenas 36.368.350 de pesetas que a equidade internacional lhe negou depois.

Monroe ia ser derribado tanto nos projectos inglezes como nos projectos allemães. Qual foi a actividade de Monroe naquella emergencia, em que duas potencias formidáveis e uma pequena Grande Potencia se apresentavam unidas a pisar-lhe a terra, e a cantar, como gallos pleiteantes, nos gallinheiros onde sultancia?

Tirou o peito fóra, como o Tejo nos versos do clássico hespanhol, e pronun-ciou palavras guerreiras? Votyeu aos fó-



ros da justiça? Procurou defender a pequena Republica da America atacada por três grandes Potencias da Europa?

Nada disso. Mui pelo contrario. Monroe demonstrou uma reserva excessiva e commentada. Fez peor depois. Deslocou-se como os tubarões, atraz dos navios de guerra, á espreita de carniça. Acabou por passar, como as potencias aggressoras, a sua conta duvidosa, sua conta de *Monipodio*. Monroe reclamou á Venezuela, então com a espada do imperialismo sobre o peito e um hábil *détrousseur* ao hombro, á Venezuela cercada de couraçados europeus, a bonita somma de 81.410.952 de bolívares.

As commissões mixtas, primeiro; e, mais tarde, um super-arbitro hollandez a que appellou, só lhe reconheceram 2.182.253. Cobrava a mais: 79.228.699 bolívares.

Este engano de mais de 79 milhões numa conta de dous milhões, deixa quasi incólume a sua reputação na escripturação de livros da Italia. A differença entre ambas as sommas é a margem da delicadeza estreitada.

\* \* \*

Ante o ataque de uma Republica americana por \*res grandes Potencias da Europa, não foi o Tio Sam, mas a America do Sul que levantou a voz. Na chancelaria argentina nasceu naquella emergencia a Doutrina de Drago.

A Doutrina de Drago nega o direito de cobrar dividas a canhão e o de despojar o devedor e cobrar-se em território.

Esta sim é Doutrina hespano-americana, e bem moral e bem de Direito e bem precisa. E' o em igual gráo a Doutrina de Monroe?

Doutrina sem definição, cada secretario de Estado norte-americano submete-a a nova exegese e dá-lhe nova interpretação. Cada Presidente yankee, por seu turno, applica-a ou aspira applica-la, segundo o ultimo interprete, que costuma ser o mais opportuno.

E' uma Doutrina que estica e encolhe a capricho do norte-americano; de accordo com as necessidades e ambições do governo norte americano. E' uma Doutrina de borracha.

O actual Secretario de Estado, Mr. Hughes, opina que esta borracha só pôde ser esticada pela mão do Tio; e que sómente ao Tio compete definir a Doutrina quando lhe convenha e quando lhe convenha applica-a. Isto é, a intelligencia humana não se fez para penetrar os mysteriões de Washington.

Estamos em plena religião. Chegamos ao periodo dogmático. Não uma carta sacerdotal, co-ii em certas sociedades, mas uma raça superior, uma nação sagrada é a única interprete da Divina Palavra, do livro inspirido, da Doutrina de Monroe.

A respeito do direito que a cada um assiste de escolher os seus protectores e o momento opportuno da protecção, Hughes, o dogmático, nada disse.

Costumam occorrer casos de riso. Molieri sabia algo do extemporâneo de certas protecções voluntarias. Hughes, pelo contrario, parece não suspical-o. Não é estranho. Estranho não é que o Sr. Hughes não seja um Molieri. Cada qual é o que pôde. Perigoso é dogmatizar; e sobretudo dogmatizar na politica, de si algo versátil; isto é, o contrario da immutabilidade do dogma.

Do dogma ao mytho não ha mais que um passo. Como que o dogma pôde ser um avatar do mytho. Aliás por isso o publicista americano Don Carlos Pereyra falou do *Mytho de Monroe*. Em vez do mytho, não conviria antes falar do *tino* de Monroe?

De facto, é curioso o paradoxo que estamos vivendo. Monroe representa o protesto contra o imperialismo da Europa: porém resulta agora que Monroe se allia com a Europa mais imperialista, como na aggressão contra a Venezuela, em 1902; e que esta Europa, tinta do sangue de innocentes, reconhece a Monroe preeminencias no tratado de Versalhes. Ademais, a Doutrina de Monroe, que se proclamou para coadjuvar pelo bem da America, segundo nos dizem, que é hoje? Hoje espera a nossa America o maior dos perigos.

R. Blanco-Fombona

("America Brasileira", Rio).

Madrid, julho de 1924.

# ÀS CARICATURAS DO MEZ

## A MODA GENERALISA-SE



— A' la garçonne, ouviu?

(“fi noite”, — Rio)



— Sabei a impressão que me causa o Rio ?

— • j

— ... ?

— De que é um vasto cinematographo, onde todos gesticulam e ninguém (aliai..)

(“D. Quixote”, — Rio)

AS QUATRO OPERAÇÕES

ADDIÇÃO



SUBTRACÇÃO



MULTIPLICAÇÃO



DIVISÃO



— ("Il Pasquino Colopiale" — S. Paulo)

No projecto orçamentário pretendem cortar a banda de musica dos Bombeiros.

(Noticiário)



— Você agora deu para cantigas?! Que idéa triste é essa de querer economia "só de uma banda, de uma banda só?"

(*"Jornal do Brasil, - Rio*)

### PROGRESSO DO FEMINISMO

Nos Estados Unidos varias mulheres foram eleitas governadoras de F.stados.

(Telegrammas)



— Mas é meu filho, senhora governadora.

— Não quero saber disso. Em administração publica são prohibidas as accumulações.

(*"Jornal do Brasil, - Rio*)

# Grande Loteria de S. Paulo

PARA O FIM DO ANNO

TERÇA-FEIRA, 30 de Dezembro de 1924

# 200 : 000 \$ 000

Em 3 grandes prêmios, sendo 1 de 100 contos e 2 de 50 contos

**I Bilhete inteiro, 9000 - Fracções, 900 réis**

Os Bilhetes já se acham á venda em  
toda a parte.

## Archivo Mliarchico Brasileiro

PELO

BARÃO DE VASCONCELLOS

Neste precioso volume, formato e tamanho de um tomo do Larousse, o autor biographa toda a nobreza do Império do Brasil, ennumerando toda a ascendência e descendencia dos respectivos titulares e reproduzindo em gravura os brazões de cada um. Edição luxuosa, da qual restam apenas alguns exemplares : :

PREÇO (ENCADERNADO) 60g000

Pedidos á CIA. GRAPHICO"EDITORA MONTEIRO LOBATO  
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO

# A Revista da Sociedade de Educação

*deve ser tida por todos quantos se interessam pelos assumptos didácticos.*

«biertiiotore»

*Dr. A. Almeida Júnior*

*Dr. Iladdock Lobo Filho*

*Prof. Pedro de Alcantara Machado*

*Prof. Branca do Canto e Mello*

*Prof. José Ribeiro Escobar*

Editora: CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Aos assignantes serão enviados os números já publicados.

A«»lilii(lttr u annuul . . . . . IUI^OOO

## CIDADES VIVAS

DE BRENNO FERRAZ

Paginas admiraveis de sociologia, em que se tem nitida impressão da vida de trabalho das cidades paulistas que se estendem pelo Paranapanema e pelo Tietê.

PREÇO: 5\$000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

PRAÇA DA SÉ, 34

SÃO PAULO



# **Nutrion**

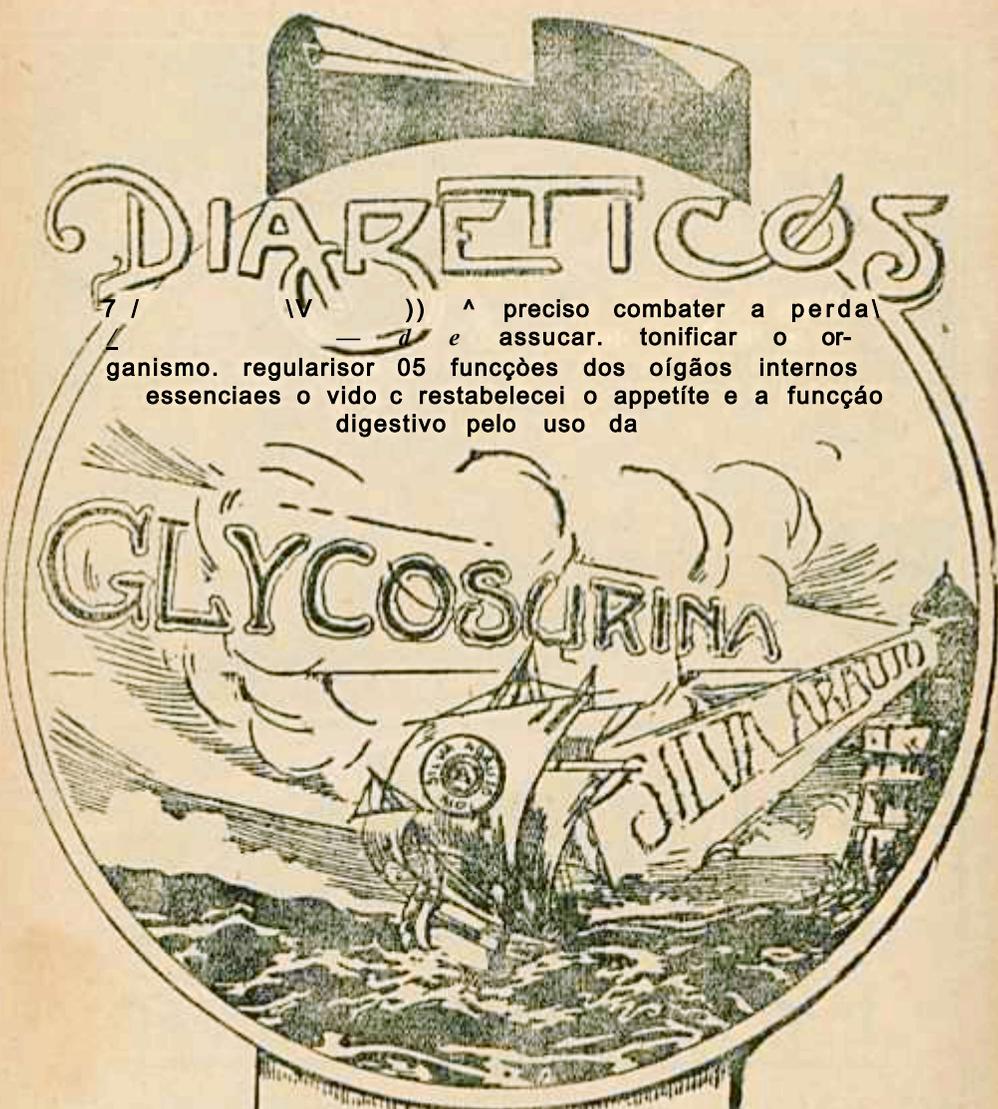
## **E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO**

**O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.**

# DIARETICOS

7 / (v ) ^ preciso combater a perda  
/ - d e assucar. tonificar o or-  
ganismo. regularisor 05 funcçoes dos oigãos internos  
essenciaes o vido c restabelecei o appetite e a funcção  
digestivo pelo uso da

## GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de  
plantas indigenas brasileiras \*

Pau ferro - Sucupira

jAAiELÃO e Cajueiro

Usa-se de 3 a 6 colheres  
de chá por dia em agua

**P A R A   B R E V E**

A Companhia Graphico-Edítora Monteiro Lobato  
tem no prêlo as seguintes obras jurídicas:

*Dr. Martinho Garcez*

**MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CÍVEIS  
E COMMERCIAES  
CODIGO CIVIL EXPLICADO**

*Dr. Eduardo Espindola*

**DIREITO DE FAMÍLIA  
PARECERES**

*Dr. Alfredo Bernardes da Silva*

**PARECERES**

*Dr. Waldemar Ferreira*

**DAS SOCIEDADES POR QUOTAS**

*Dr. Diogo Carlos de Menezes*

**DICCIONARIO JURÍDICO**

*Dr. Azevedo Marques*

**DA HYPOTHECA**

*Melchisedecl( Jehovah de Brito*

**MANUAL DE JURISPRUDÊNCIA MILITAR**

*Ingenieros (Traducção de Haeckel de Lemos)*

**PSYCHOLOGIA DOS CIÚMES**

**A PERSONALIDADE SENTIMENTAL**

**COMO NASCE O AMOR**

*Instituto dos Advogados Brasileiros*

**LIVRO DO CENTENARIO**

*Henry Ccorge*

**PROBLEMAS SOCIAES**

*l'ecellelofi a*

**Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato**

**Praça da Só, 34 — Caixa, 2-B — S. PAULO**

## Ultimas Edições da

# Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

11 a\_\_\_-

DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Gonçalves, broch. 25\$000, ene.	30\$000
MOLÉSTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leoncio de Queiroz, broch. 25\$ ene.	30\$00Ü
A CURA DA FEALDADE, dr. Renato Kehl Ene.	203000
DA FALLENCIA, Almachio Diniz, broch.	20\$000
IMPRESSÕES DO NORDESTE BRASILEIRO, dr. Paulo de Moraes Barros, broch.	15\$000
CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch.	12\$000
DA POSSE, Conselheiro Justino de Andrade, broch.	8\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, F. J. Oliveira Vianna, broch.	8\$000
HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch.	5\$000
CONVERSAS AO PÉ DO FOGO, Cornélio Pires, broch.	5\$000
NARRANDO A VERDADE, General Abilio Noronha, broch.	5\$000
CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch.	5\$0Ü0
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, João Leda, broch.	5\$000
A MORENINHA, J. M. Macedo, broch. 2Ç000, ene.	4\$000
CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart.	4\$000
O BRASIL E A DOCTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch.	4\$000
POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCOLIA, Ribeiro Couto, broch.	4\$000
MENINA "E MOÇA, Bernardim Ribeiro, broch. 1\$500, ene.	3\$000
O CRIME D'AQUELLA NOITE, Menotti Del Picchia, broch.	3\$500
FRIDA MAYER, Vivaldo Coaracy, broch.	4\$000
QUINZE NOITES, Yaynha Pereira Gomes, broch.	4\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.	3\$000
O DEVER DE MATAR, Oscar Wilde, ene.	2\$000
MANUAL DE GYMNASTICA, Victorino Fabiano, broch.	3\$000
DODÓCA, Dolores Barreto, para crianças, cart.	5*000

Pedidos á Praça da Sé, 34-Caixa 2 B - S. PAULO